



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARCOS CARVALHO MACEDO

**NARRATIVA TRANSMÍDIA JORNALÍSTICA: estratégias e procedimentos nos  
dossiês *Tudo Sobre***

Recife  
2019

MARCOS CARVALHO MACEDO

**NARRATIVA TRANSMÍDIA JORNALÍSTICA: estratégias e procedimentos nos  
dossiês *Tudo Sobre***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Área de concentração:** Ciências Sociais Aplicadas.

**Orientadora:** Profa. Dra. Yvana Carla Fechine de Brito.

Recife

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

M141n Macedo, Marcos Carvalho  
Narrativa transmídia jornalística: estratégias e procedimentos nos  
dossiês *Tudo Sobre* / Marcos Carvalho Macedo. – Recife, 2019.  
162f.: il.

Orientadora: Yvana Carla Fachine de Brito.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.  
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação, 2019.

Inclui referências e apêndice.

1. Transmídiação. 2. Narrativa transmídia. 3. Jornalismo. 4.  
Desdobramento temático. 5. Tudo Sobre. I. Brito, Yvana Carla Fachine de  
(Orientadora). II. Título.

302.23 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-80)

MARCOS CARVALHO MACEDO

**NARRATIVA TRANSMÍDIA JORNALÍSTICA: estratégias e procedimentos nos  
dossiês *Tudo Sobre***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 13/02/2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Yvana Carla Fechine de Brito (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Paula Reis Melo (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Toda jornada implica saída; e toda saída implica encontros e desencontros. Agradeço ao Altíssimo Deus por todos os desencontros vividos ao longo destes dois anos que me fizeram reencontrar comigo mesmo, reavivar ideais e sonhos, fortalecer-me com os desafios para vislumbrar novos horizontes e possibilidades.

Essa gratidão se estende, principalmente, à querida Professora Yvana Fachine, que mais do que orientadora tem sido uma verdadeira mestra: pelas valiosos questionamentos e provocações que me impulsionaram a avançar na pesquisa; pelos convites e oportunidades para colaborar em aulas, oficinas e outros eventos; pela responsabilidade e liberdade que proporciona no processo de orientação; por acreditar no meu e incentivar seu aperfeiçoamento; enfim, pela doçura e força me marcam sua personalidade e me inspiram pessoal e profissionalmente.

Mesmo que distantes, agradeço o cuidado e carinho de meus familiares, minha querida mãe Elinete e meus irmãos Letícia e Igor, que torcem e vibram com minhas realizações.

Também aos amigos e amigas que, perto ou longe, estiveram e continuam em sintonia, acompanhando e se alegrando com meu crescimento.

Aos irmãos menores, cujo vínculo estreitado pela espiritualidade franciscana se manteve mesmo quando a convivência cotidiana não foi possível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, especialmente aos secretários Claudia, Roberta e Zé, sempre solícitos e atenciosos às nossas demandas.

À Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco – FACEPE, que financiou esta pesquisa, cujos resultados agora são devolvidos à sociedade.

A História não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade.  
(FIORIN, 2016, p. 65).

## RESUMO

A transmidiação, modelo de produção explorado pela indústria do entretenimento e baseado em estratégias de engajamento e práticas interacionais que articulam conteúdos associados em diferentes mídias e plataformas, também vem sendo experimentada no jornalismo. A adoção do modelo transmídia nesse campo deve considerar a particularidade dos textos jornalísticos, ancorados em processos descritivos-argumentativos, sobretudo para construção das estratégias de expansão, as chamadas narrativas transmídia, que ampliam o conteúdo de referência para outras mídias. Para compreender como se configura uma narrativa transmídia no jornalismo, esse trabalho pretende identificar os procedimentos recorrentes de articulação de conteúdos entre mídias e plataformas nos dossiês Tudo Sobre, do Grupo Folha. Com base nas estruturas discursivas da teoria semiótica greimasiana, o método de análise considerou o desdobramento de aspectos temáticos como critério para identificar, principalmente, as estratégias de expansão, que caracterizam a narrativa transmídia. Essa categorização também levou em conta as relações entre os textos e as funções jornalísticas dos conteúdos dentro do projeto transmídia. As estratégias e procedimentos adotados na série Tudo Sobre serviram para propagar e expandir o texto de referência por meio da atualização, contextualização, opinião e exploração de aspectos temáticos. Os resultados revelam a aplicabilidade de projetos transmídia no jornalismo e destacam a importância do processo de roteirização para estratégias de expansão com base em desdobramentos temáticos.

**Palavras-chave:** Transmidiação. Narrativa transmídia. Jornalismo. Desdobramento temático. Tudo Sobre.

## ABSTRACT

The transmediation, a production model explored by the entertainment industry and based on engagement strategies and interactional practices that articulate associated contents in different media and platforms, has also been tried in journalism. The adoption of the transmedia model in this field should consider the particularity of the journalistic texts, anchored in descriptive-argumentative processes, especially for the construction of expansion strategies, the so-called transmedia storytelling, which extend the reference content for other media. To understand how the transmedia storytelling is set up in journalism, this work intends to identify recurrent procedures of articulation of contents across media and platforms in the dossiers *Tudo Sobre*, of the Folha Group. Based on the discursive structures of the Greimaisian semiotic theory, the method of analysis considered the unfolding of thematic aspects as a criterion to identify, mainly, the expansion strategies, which characterize the transmedia storytelling. This categorization also took into account the relation between the texts and the journalistic functions of the contents within the transmedia project. The strategies and procedures adopted in the *Tudo Sobre* series served to propagate and expand the reference text by means of actualization, contextualization, opinion and exploration of thematic aspects. The outcomes reveal the applicability of journalism transmedia projects and highlight the importance of the scripting processes for expansion strategies based in thematic unfolding.

**Keywords:** Transmediation. Transmedia storytelling. Journalism. Thematic unfolding. *Tudo Sobre*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Selos dos diversos dossiês <i>Tudo Sobre</i> .....	69
Figura 2 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>A batalha de Belo Monte</i> .....	78
Figura 3 –	Quadro temático da reportagem multimídia <i>A batalha de Belo Monte</i> .....	79
Figura 4 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre Belo Monte</i> .....	80
Figura 5 –	Expansão temática do especial <i>Tudo Sobre Belo Monte</i> .....	82
Figura 6 –	Charge de Fernando Real .....	84
Figura 7 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>O golpe e a ditadura militar</i> .....	85
Figura 8 –	Quadro temático da reportagem multimídia <i>O golpe e a ditadura militar</i> .....	86
Figura 9 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre a Ditadura Militar</i> .....	87
Figura 10 –	Expansão temática do especial <i>Tudo Sobre a Ditadura Militar</i> .....	90
Figura 11 –	Captura de tela dos primeiros posts do <i>past blogging</i> .....	92
Figura 12 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>Líquido e incerto</i> .....	94
Figura 13 –	Divisão temática da reportagem multimídia <i>Líquido e incerto</i> .....	96
Figura 14 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre Crise da Água</i> .....	97
Figura 15 –	Expansão temática do especial <i>Tudo Sobre Crise da Água</i> .....	99
Figura 16 –	Coluna Ombudsman “Quando o conteúdo é demais” .....	102
Figura 17 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>Crime sem castigo</i> ....	104
Figura 18 –	Divisão temática da reportagem multimídia <i>Crime sem castigo</i> .....	106
Figura 19 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre Contrabando no Brasil</i> .....	107
Figura 20 –	Anúncio de meia página do seminário sobre contrabando .....	109
Figura 21 –	Expansão temática do especial <i>Tudo Sobre Contrabando no Brasil</i> ....	111
Figura 22 –	Divulgação da programação do seminário sobre contrabando .....	113
Figura 23 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>Rio: maravilha mutante</i> .....	114
Figura 24 –	Divisão temática da reportagem multimídia <i>Rio: maravilha mutante</i> ..	115
Figura 25 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre o Rio em Transformação</i> .....	116
Figura 26 –	Expansão temática do dossiê <i>Tudo Sobre o Rio em Transformação</i> ....	119
Figura 27 –	Captura de tela do aplicativo Engenhão-2016 .....	121
Figura 28 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>Floresta sem fim</i> .....	123
Figura 29 –	Divisão temática da reportagem multimídia <i>Floresta sem fim</i> .....	124
Figura 30 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre Desmatamento Zero</i> .....	125
Figura 31 –	Captura de tela da sessão SeminárioFolha sobre desmatamento zero ....	127
Figura 32 –	Expansão temática do dossiê <i>Tudo Sobre Desmatamento Zero</i> .....	129
Figura 33 –	Detalhe de matéria da sessão SemináriosFolha com programação do <i>Fórum Desmatamento Zero</i> .....	131
Figura 34 –	Captura de tela da página inicial da reportagem <i>Nova temporada</i> .....	132
Figura 35 –	Divisão temática da reportagem multimídia <i>Nova temporada</i> .....	133
Figura 36 –	Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê <i>Tudo Sobre o Mosquito</i> .....	134
Figura 37 –	Processo de remissão entre mídia/plataformas na série <i>Tudo Sobre</i> ...	138

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégias transmídia na série <i>Tudo Sobre</i> .....	76
Quadro 2 – Síntese das estratégias transmídias e procedimentos adotados na série <i>Tudo Sobre</i> .....	141

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>APROXIMAÇÕES ENTRE TRANSMIDIAÇÃO E JORNALISMO</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>O modelo transmídia de produção</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Um jornalismo em reconfiguração</b>	<b>31</b>
2.2.1	<i>Desafios e potencialidades do modelo transmídia no jornalismo</i>	35
2.2.2	<i>Algumas experiências transmídia em jornalismo</i>	40
<b>3</b>	<b>RELAÇÕES TEXTUAIS TRANSMÍDIA E NARRATIVIDADE NO JORNALISMO</b>	<b>45</b>
<b>3.1</b>	<b>O texto transmídia e suas relações</b>	<b>47</b>
3.1.1	<i>Transtextualidade e transmídiação</i>	49
<b>3.2</b>	<b>A narratividade dos textos jornalísticos</b>	<b>56</b>
3.2.1	<i>A narratividade nas reportagens</i>	58
3.2.2	<i>A tematização no texto jornalístico</i>	61
<b>4</b>	<b>ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS TRANSMÍDIA NOS DOSSIÊS <i>TUDO SOBRE</i></b>	<b>66</b>
<b>4.1</b>	<b>Metodologia e categorias de análise</b>	<b>68</b>
<b>4.2</b>	<b>Tudo Sobre Belo Monte</b>	<b>77</b>
<b>4.3</b>	<b>Tudo Sobre a Ditadura Militar</b>	<b>85</b>
<b>4.4</b>	<b>Tudo Sobre Crise da Água</b>	<b>93</b>
<b>4.5</b>	<b>Tudo Sobre Contrabando no Brasil</b>	<b>103</b>
<b>4.6</b>	<b>Tudo Sobre o Rio em Transformação</b>	<b>113</b>
<b>4.7</b>	<b>Tudo Sobre Desmatamento Zero</b>	<b>121</b>
<b>4.8</b>	<b>Tudo Sobre o Mosquito</b>	<b>132</b>
<b>4.9</b>	<b>Procedimentos de articulação transmídia da série <i>Tudo Sobre</i></b>	<b>135</b>
4.9.1	<i>O texto de referência</i>	136
4.9.2	<i>A mídia que rege as estratégias</i>	137
4.9.3	<i>Os procedimentos adotados segundo as estratégias transmídias</i>	140
4.9.4	<i>Os modos de participação dos destinatários-consumidores</i>	145
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>147</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>155</b>
	<b>APÊNDICE A – SITES CONSULTADOS PARA ANÁLISE DOS DOSSIÊS TUDO SOBRE</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O termo transmídia popularizou-se após a publicação do livro *Cultura da Convergência*, no qual Henry Jenkins (2009a) procura definir e exemplificar o que seriam as narrativas transmídia. Desde então, têm-se tratado desse conceito apontando princípios, características e especificidades, na tentativa de chegar a uma compreensão maior desse fenômeno próprio do novo ecossistema midiático, que propõe o uso de múltiplas mídias e plataformas para produção de conteúdos. Apesar de ser recente, procedimentos de articulação entre mídias são uma constante na trajetória dos meios de comunicação. As inovações tecnológicas e as redes digitais, no entanto, potencializaram esses processos e complexificaram suas relações, à medida que o público mudou seus hábitos e formas de consumo.

As narrativas transmídia, produções concebidas para serem distribuídas em diferentes mídias, são uma das expressões mais emblemáticas do cenário midiático atual. Filmes, séries e telenovelas passaram a investir na construção de universos narrativos bem mais amplos, que permitem criar conteúdos para outras mídias. Não se trata de um processo relacionado unicamente com a criação de novos formatos, mas, antes, uma ação com fins mercadológicos com propósito de recuperar a audiência fragmentada através de uma maior oferta de conteúdos com potencial de engajamento e fidelização dos destinatários-consumidores. Em suma, visa principalmente ao consumo.

É a partir dessa compreensão que Fecchine et al. (2013) concebem a transmidiação como modelo de produção fundamentado em um conjunto de estratégias para produção e articulação de conteúdos que, considerando a convergência de mídias e o ambiente interacional, orienta-se pela distribuição dos conteúdos em múltiplas mídias e plataformas. Essa noção mais ampla engloba, inclusive, a narrativa transmídia, considerada como uma das estratégias mais complexas e raras desse modelo pelo entrelaçamento narrativo e midiático que apresenta.

Apesar desse modelo ter origem e desenvolver-se com maior intensidade na indústria do entretenimento, não se excluem outros campos em que esse modelo possa ser adotado. No jornalismo atual as narrativas transmídia ainda são pouco exploradas. Algumas reportagens especiais procuram ensaiar ações transmídia, mas, se reportagens já exigem um maior tempo de produção, apuração e edição, a adoção de práticas de articulação entre conteúdos para mídias distintas requer tanto um maior conhecimento desse processo (sob pena de incorrer em conteúdos repetitivos que não atraiam o destinatário-consumidor) como também um

acompanhamento mais constante da distribuição dos conteúdos, visando prolongar o tempo de engajamento a partir do fato ou temática abordada.

Assim, como fenômeno recente, as narrativas transmídia ainda não são parte da rotina produtiva das redações nem se constituem um formato específico do jornalismo. Nas premiações, por exemplo, essas produções não encontram categorias que contemplem suas características, sendo obrigadas a concorrer por algum aspecto inovador que aciona (linguagem multimídia, interatividade, profundidade narrativa...) ou pelo viés temático-editorial. Percebemos, então, a necessidade de um maior aprofundamento tanto por parte de pesquisadores quanto de profissionais, de forma a tornar explícito os procedimentos constitutivos de uma narrativa transmídia jornalística.

Dentre os desafios que envolvem a incorporação do modelo transmídia para o jornalismo podemos listar: a diferença entre os referenciais narrativos, ficcionais para a produções de entretenimento e não-ficcionais para o jornalismo, com seus respectivos objetivos, interesses e audiências; as limitações de produção dos veículos de jornalismo, como tempo e recursos para reportagens de maior fôlego; a distribuição dos conteúdos em um número significativo de plataformas e mídias que favorece os grandes conglomerados; o pouco conhecimento dos hábitos de consumo de notícias, fragmentado em diversos suportes e redes. Frente a essas dificuldades, como se configuraria, então, a narrativa transmídia jornalística?

Para trilhar um percurso na direção a uma resposta satisfatória a essas questões, e considerando que o fenômeno ainda está sendo processado nesse campo específico, tornar-se-ia pouco proveitosas especulações teóricas ou estudos exploratórios insuficientes para aprofundar questões essenciais acerca dos procedimentos de articulação entre conteúdos para diferentes mídias e plataformas. Não se trata de minimizar contribuições dessa natureza, mas de avançar com um pouco mais de rigor na análise do que configura uma narrativa transmídia jornalística. Nesse sentido, o caminho proposto é olhar mais de perto um conjunto de produções que, pela sua continuidade e significativa articulação entre mídias, aponta para utilização recorrente de estratégias e procedimentos transmídia.

Escolhemos, para isso, os dossiês *Tudo Sobre*, produzidos pelo Grupo Folha para dar início a esta empreitada. Trata-se de uma série de grandes reportagens de um dos maiores grupos de jornalismo do país que acena para a utilização recorrente do modelo transmídia, aproveitando-se, sobretudo, do potencial que o conglomerado possui para operar com um maior número de mídias e plataformas. Os dossiês *Tudo Sobre* foram produzidos durante mais de três anos, entre 2013 até 2016, e estruturam-se em torno de uma grande reportagem multimídia publicada no portal da Folha e conteúdos jornalísticos produzidos para outras plataformas e

mídias como jornal, televisão, redes sociais e dispositivos móveis.

A observação preliminar dessas reportagens fez surgir algumas questões fundamentais para guiar esta pesquisa: Como o modelo transmídia se apresenta em produções jornalísticas? Quais procedimentos de articulação de conteúdos entre mídias e plataformas têm sido utilizados de forma recorrente nos dossiês *Tudo Sobre*? Que funções os conteúdos dessas produções exercem na articulação que estabelecem entre si, considerando o universo temático-narrativo que aborda? Como estes procedimentos podem se configurar práticas possíveis para projetos de narrativas transmídia no jornalismo?

Apresentamos, como hipóteses, que: a) as estratégias transmídia de propagação e expansão, apontadas por Fechine (2013) transparecem de maneira recorrente nos dossiês *Tudo Sobre* da Folha, possibilitando a caracterização dos mesmos como projeto transmídia de jornalismo; b) os conteúdos transmídia de expansão, que permitem classificar as produções como narrativas transmídia, podem ser identificados no jornalismo através dos desdobramentos temáticos e figurativos, cujos percursos estruturam todo o texto transmídia; c) as relações que os conteúdos transmídia de expansão estabelecem entre si, através dos percursos temáticos e figurativos, são orientadas por funções do próprio jornalismo; d) o uso das estratégias de expansão nos dossiês *Tudo Sobre* proporciona maior aprofundamento das questões tratadas pela diversidade de abordagens, pontos de vista e formatos, qualificando a informação e o próprio jornalismo.

Ao propor uma investigação acerca da utilização do modelo transmídia no jornalismo, especialmente do uso das estratégias de expansão, que configuram as narrativas transmídia, nosso objetivo é identificar os procedimentos de articulação de conteúdos entre mídias e plataformas explorados nos dossiês *Tudo Sobre*, considerando as funções que exercem no universo temático-narrativo. Para isso, impõe-se como primeira tarefa discutir os conceitos e princípios que orientam o modelo de produção transmídia, sobretudo quando transpostos para o campo jornalístico, distinguindo os elementos constitutivos de uma narrativa transmídia. Considerando que a utilização de mais de uma mídia ou plataforma para distribuição de conteúdo não caracteriza, por si só, uma produção desse tipo, um segundo passo necessário é aprofundar a narrativa jornalística e os modos possíveis de expansão do texto. Com base nessa fundamentação encontramos elementos para verificar se os dossiês *Tudo Sobre* se configuram como narrativa transmídia.

Assim, adotamos como procedimento de análise a comparação de aspectos temáticos entre os conteúdos para verificar a existência de estratégias transmídia de propagação e expansão (FECHINE ET AL., 2013). Trata-se de um método utilizado por Fechine (2013-2016)

para estudo das séries de reportagens especiais para TV, que se revelou oportuno para identificação dos desdobramentos narrativos nas produções jornalísticas, boa parte organizadas em percursos temáticos<sup>1</sup>. Assim, havendo conteúdos que expandam ou complementem aspectos temáticos com outras informações, seria possível caracterizar a existência de uma narrativa transmídia jornalística.

Para melhor compreender as relações que os textos estabelecem entre si, analisamos também as funções que cada um exerce em relação ao conteúdo de referência. Neste ponto a presente pesquisa pode ser instrumento tanto para validar o uso da metodologia utilizada no campo da produção jornalística, como, caso se confirme como procedimento válido, pode abrir possibilidades de compreensão de modos de ‘roteirização’ de novos projetos transmídia jornalísticos. Explicitaremos mais detalhadamente esse procedimento metodológico quando da análise dos dossiês *Tudo Sobre*.

Propusemo-nos, pois, analisar os dossiês temáticos: *Tudo Sobre Belo Monte*, acerca da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará; *Tudo Sobre a Ditadura Militar*, que trata do golpe militar de 1964 e os anos de ditadura no Brasil; *Tudo sobre Crise da Água*, a respeito da crise hídrica no Brasil (seca e inundações); *Tudo sobre Contrabando*, que aborda a questão da pirataria de produtos nas fronteiras brasileiras; *Tudo Sobre o Rio em Transformação*, sobre as mudanças na cidade do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas de 2016; *Tudo sobre Desmatamento Zero*, que confronta a preservação da floresta Amazônica com o agronegócio; e *Tudo Sobre o Mosquito*, acerca da epidemia de Dengue, Zica e Chicungunha provocadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*.

A escolha deste corpus justifica-se, em primeiro lugar, a partir dos resultados obtidos com a análise do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* em trabalho de conclusão de curso (MACEDO, 2016), que seguindo o método aqui apresentado, foi caracterizado como narrativa transmídia jornalística. Uma análise exploratória dos demais dossiês apontou perspectivas de uso recorrente das estratégias identificadas na primeira produção. A frequente e contínua utilização desse modo de articulação entre conteúdos para diferentes mídias, explorando funções específicas do jornalismo, indicaria o desenvolvimento de um projeto transmídia de jornalismo.

---

<sup>1</sup> Em disciplinas que vem ministrando junto ao curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da UFPE, Fachine apresenta a roteirização de reportagens especiais audiovisuais a partir do desenvolvimento de um percurso temático-figurativo. Esse mesmo caminho foi adotado na minha monografia de conclusão de curso, sob sua orientação, para análise de um dos dossiês *Tudo Sobre (Tudo Sobre Belo Monte)*. Os resultados dessa análise anterior serviram de ponto de partida para o presente trabalho e serão retomados no capítulo 3.

Alie-se a isso a repercussão da série no jornalismo brasileiro, com premiações nacionais e internacionais<sup>2</sup>.

As produções da Folha revelam ainda um considerável potencial de investimento, tanto de recursos financeiros quanto humanos, para produção, apuração e edição dos conteúdos. A produção dos dossiês contava com uma equipe extensa, quase sempre formada por profissionais como jornalistas, repórteres fotográficos, designers e editores. Isso só se tornou possível graças à instância produtora, o Grupo Folha, que detem o jornal Folha de S. Paulo, primeiro jornal em circulação digital no país e terceiro em circulação de impressos (dados de 2015 da Associação Nacional de Jornais), e controla a UOL, empresa de conteúdos, tecnologia e serviços para internet.

Mesmo que alguns dos dossiês tenha sido objeto de pesquisa (DANIEL, 2014; BACCIN, 2015; MARTINS e LONGHI, 2015; LONGHI e WINQUES, 2015; CARVALHO, 2016; COLUSSI e FIRMINO, 2016; LONGHI e FLORES, 2017; RENÓ e RENÓ, 2017), não analisam sob a perspectiva da transmidiação tal como assumimos neste trabalho, nem tampouco consideram a recorrência de um certo “padrão” de produção que o veículo seguiu por determinado tempo. Os dossiês *Tudo Sobre* sinalizam a existência de um projeto articulado de integração de mídias, isto é, conteúdos pensados previamente para cada mídia de forma a favorecer modos distintos de encadeamento entre eles.

Orientada por essa construção argumentativa, o primeiro movimento desse trabalho consiste em contextualizar o modelo de produção transmídia no cenário de convergência midiática e de cultura participativa, problematizando e sistematizando os principais conceitos e contribuições acerca do fenômeno, para, num segundo momento, aproximá-lo do jornalismo. Esse é o percurso desenvolvido no Capítulo 1, que considera também como a reconfiguração do jornalismo fomenta desafios e possibilidades de experimentação de projetos transmídia nesse campo específico.

No capítulo 2 aprofundamos as articulações entre conteúdos como fundamento do modelo de produção transmídia. O conceito de transtextualidade (GENETTE, 2010) e suas

---

<sup>2</sup> A reportagem multimídia *A Batalha de Belo Monte*, parte do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, venceu o Grande Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo 2014, idealizado pelo Portal Imprensa, o Grande Prêmio José Alencar de Jornalismo 2014, da Confederação Nacional da Indústria – CNI, além da medalha de prata na categoria ‘on line’ da 22ª edição do Pêmio Internacional de InfografiaMalofiej, considerado o *Pulitzer* da infografia; a reportagem multimídia *Líquido e incerto*, do dossiê *Tudo Sobre Crise da Água*, foi vencedora do Prêmio ExxonMobil 2015, antigo Prêmio Esso, na categoria Informação Científica, Tecnológica ou Ambiental, e do Prêmio da Agência Nacional de Águas na categoria imprensa; a reportagem multimídia *Crime sem castigo*, do dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*, mereceu menção honrosa no concurso de Excelência Jornalística de 2016 da Sociedade Interamericana de Imprensa; do dossiê *Tudo Sobre o Mosquito* venceu o IV Prêmio Petrobrás de Jornalismo na categoria Ciência e tecnologia, a reportagem multimídia *Nova temporada*, e Concurso World Press Photo pelo ensaio fotográfico de Lalo de Almeida sobre as vítimas da zika no nordeste.

cinco tipologias de relações servem para embasar as principais estratégias transmídia de propagação e expansão, assim como os níveis discursivos do texto (GREIMAS; COURTES, 2008), através dos percursos temáticos e figurativos, elucidam os modos de desdobramento dos textos jornalísticos.

Por fim, o capítulo 3 descreve nosso método de análise e as categorias trabalhadas, bem como a própria análise detalhada dos procedimentos encontrados nos sete dossiês *Tudo Sobre*, categorizando-os segundo as estratégias de propagação e expansão e pelas funções que os conteúdos exercem no projeto transmídia. Por último apresentamos um quadro geral dos procedimentos transmídia adotados nessas produções, destacando as recorrências e particularidades mais significativas.

As contribuições decorrentes deste trabalho tendem a se apresentar relevantes tanto para a pesquisa acadêmica como para prática e ensino do jornalismo. No primeiro caso, pode lançar novas ideias e referenciais de abordagem do fenômeno diante da escassez de discussão do tema no campo jornalístico, que tendem a aplicar princípios transmídia identificados em produções muito particulares sem considerar o processo de expansão e como ele acontece em produções jornalísticas. Essa colaboração pode reverberar também no ensino de jornalismo e, conseqüentemente, na prática profissional, já que os resultados podem trazer à tona reflexões sobre os procedimentos e articulações exequíveis em produções transmídia jornalísticas.

## 2 APROXIMAÇÕES ENTRE TRANSMÍDIAÇÃO E JORNALISMO

As transformações tecnológicas tornaram os processos de comunicação mais rápidos e têm feito surgir, no cenário de convergência midiática e cultura participativa, diferentes e múltiplos fenômenos, dentre os quais estão as produções transmídia. Em pouco mais de duas décadas, o desenvolvimento e a popularização das tecnologias de computador possibilitaram a criação do que se convencionou chamar de “novas mídias” (MANOVICH, 2001), desencadearam uma cultura marcada por linguagens digitais, fizeram emergir uma rede mundial de computadores, a internet, e, mais recentemente, tem protagonizado a popularização de plataformas de redes sociais digitais. Dentre ferramentas, práticas e comportamentos desencadeados por essa nova cultura, as produções transmídia chamam atenção pela singularidade e sinergia da articulação entre conteúdos distribuídos para múltiplas mídias e plataformas, e que refletem transformações tanto no modo de produção, quanto no consumo midiático.

Para melhor compreensão desse fenômeno, faz-se necessário situá-lo dentro do cenário mais amplo de transformações no qual ele surge. As produções transmídia inserem-se no contexto de um novo ecossistema midiático, marcado por relações complexas entre antigos e novos meios, que passam por uma readaptação em busca do reequilíbrio do próprio sistema (CANAVILHAS, 2010). Isso significa dizer que linguagens, canais, formatos e modos de produção se ajustam, influenciados pelas novas relações que os meios estabelecem entre si, pela alteração dos padrões de consumo midiático e pela forma como os consumidores se relacionam com os novos dispositivos. Tratam-se, na verdade, de arranjos que se formam à medida que surge um novo meio capaz de incorporar elementos, linguagens e tecnologias anteriores. Esse processo aconteceu quando do surgimento da televisão, cuja linguagem foi se desenvolvendo a partir do rádio e, aos poucos, permitiu a convivência e distinção de formatos e modos distintos de consumo.

Para Manovich (2005, p. 36) “as novas mídias podem ser compreendidas como o mix de antigas convenções culturais de representação, acesso e manipulação de dados e convenções mais recentes de representação, acesso e manipulação de dados”. Essa ideia de mistura e hibridiz remete à noção de convergência midiática, compreendida inicialmente como movimento de unificação dos meios promovido pelas tecnologias digitais (NEGROPONTE, 1995), e mais recentemente caracterizada como um processo abrangente de diferentes transformações desencadeadas pelo surgimento dessas tecnologias. O termo popularizou-se no

Brasil, sobretudo, a partir dos trabalhos de Jenkins (2009a). Ele trata o processo como uma transformação cultural:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2009a, p. 29)

O fenômeno mais notável da convergência midiática é a multiplicidade de canais, que possibilita formas diferentes de consumo de uma mesma produção. Com a ampliação das formas de distribuição, um mesmo conteúdo pode ser consumido em ambientes bem distintos: telespectadores, por exemplo, podem assistir conteúdos através de seus aparelhos convencionais, pela transmissão *broadcasting* (difusão de um para todos), mas também podem assistir em plataformas de vídeo *on demand*, em computadores, *laptops* ou dispositivos móveis, com suas vantagens e desvantagens (EVANS, 2011). A ausência de referências espaciais e temporais ou os suportes miniaturizados tendem, ainda, a influenciar o processo de produção desses conteúdos, que precisam ser pensados para múltiplas telas.

Jenkins (2009a) não nega o processo de digitalização operado pelas ferramentas tecnológicas, pelos softwares de gestão de conteúdos e, sobretudo, pelas redes, com destaque para a World Wide Web, a internet. A ênfase de seus estudos, porém, recai sobre “as mudanças de protocolos através dos quais estamos produzindo e consumindo mídia” (JENKINS, 2009a, p. 42), porque, a convergência altera tanto a relação entre tecnologias existentes, isto é, entre as próprias mídias e seu fluxo de conteúdos, como também entre indústrias, mercados, gêneros e públicos, “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009a, p. 43). E prossegue, afirmando que o modo como estabelecemos nossas relações com as mídias e as habilidades que adquirimos nesse ambiente digital tem “implicações no modo como aprendemos, trabalhamos, participamos do processo político e nos conectamos com pessoas de outras partes do mundo” (JENKINS, 2009a, p. 51).

Esse processo favorece e reflete, ao mesmo tempo, a convergência de propriedade das empresas de mídia. Desde meados da década de 1980 vem se desenvolvendo um processo de concentração midiática marcado pela propriedade cruzada de meios de comunicação, que amplia o leque de distribuição de conteúdos. Por outro lado, surgem novos grupos que exploram o ramo da tecnologia e da informação e vêm ampliando seus investimentos em diversas frentes como o comércio eletrônico, a indústria do entretenimento e o mundo das notícias.

Quando descreve as narrativas transmídia, Jenkins (2009a) considera que uma empresa integrada horizontalmente com raízes em vários setores de mídia possui um papel estratégico para propagar os conteúdos e alcançar mais clientes e fãs. Destaca, então, as fortes motivações econômicas desse modelo de produção, e alerta que no cenário midiático americano “tem ocorrido uma alarmante concentração de propriedade dos grandes meios de comunicação comerciais, com um pequeno punhado de conglomerados dominando todos os setores da indústria de entretenimento” (JENKINS, 2009a, p. 46). O mercado brasileiro não difere muito do americano. Levantamento feito pelas ONGs Repórteres Sem Fronteira, da Alemanha, em parceria com a Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social, revela que cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos de mídia do país (MEDIA, 2017).

Fechine et al. (2013) também reconhecem que a globalização cultural e econômica, marcada pelo controle de mercado das grandes companhias, revela-se promissora para desenvolver projetos transmídia, ainda que não seja uma exclusividade dessas empresas. “É nesse cenário que proliferam os fenômenos transmídia, o que nos permite pensá-los *a priori* como uma lógica comercial e uma forma cultural que refletem não apenas a convergência de conteúdos, mas também de propriedade. (FECHINE ET AL., 2013, p. 26).

Do processo de digitalização e da maior interatividade possibilitada pela internet através de blogs, comunidades virtuais, fóruns, chats e, sobretudo, de plataformas de redes sociais, desenvolveu-se uma cultura participativa que afetou significativamente o modelo de mídia *broadcasting*, obrigando os veículos tradicionais a buscarem outras formas de estimular seu consumo.

Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros (JENKINS, 2009a, p. 30).

A web tem possibilitado a diminuição das fronteiras entre produtores e consumidores, mas sem eliminá-la. De fato, uma infinidade de expressões e conteúdos independentes, alavancados pelo potencial interativo das plataformas digitais, ganham destaque na rede e são, muitas vezes, reapropriados pela mídia corporativa, como *Youtubers* e *digital influencers*. Isso não significa, porém, que houve uma inversão de papéis. A participação estimulada pelas empresas de comunicação consiste em práticas de confirmação, compartilhamento ou comentário dos conteúdos através de redes sociais digitais e, algumas vezes, de convites para

que usuários tomem parte no processo de produção, mas sempre de maneira controlada e restringindo a publicação aos espaços institucionalizados<sup>3</sup>.

De outro lado, a cultura participativa serve aos meios de comunicação como possibilidade de engajamento e fidelização aos conteúdos num contexto de uma audiência fragmentada pela multiplicidade de canais. Com a expansão e a facilidade de acesso à internet em alta velocidade, o público tem migrado para as plataformas de redes sociais digitais, e levam também consigo boa parte da receita publicitária dos anunciantes dos meios tradicionais. A presença de muitas empresas de comunicação nas redes sociais passa a se tornar um imperativo estratégico para recuperar parte de sua audiência e não necessariamente uma disposição prévia.

As produções transmídia ajustam-se a esses propósitos e encontram na cultura participativa um ambiente favorável para desenvolvimento de projetos que estimulem a interação e circulação com e entre conteúdos de um mesmo universo narrativo. Cultura participativa é uma expressão que designa “o cenário e o conjunto variado de possibilidades abertas aos consumidores de maior acesso, produção e articulação de conteúdos midiáticos, a partir da digitalização e convergência dos meios” (FECHINE ET AL., 2013, p. 27),

Apesar de nosso esforço em recolher algumas contribuições para caracterizar o cenário de convergência midiática e de cultura participativa, no qual proliferam produções transmídia, esse trabalho sempre se mostrará insuficiente pois estamos imersos nesse fenômeno. Numa época de mudanças, os prognósticos são muitos e as tentativas de compreendê-la, antecipando o que está por vir, pode levar a definições imprecisas, conceituais difusos ou terminologias semanticamente semelhantes, mas que se constituem distintos entre si. É o caso do próprio termo transmídia, cuja primeira acepção mais próxima dos fenômenos midiáticos atuais indicava a exploração de personagens em filmes, seriados, desenhos animados, histórias em quadrinhos, brinquedos, parques, etc. (cf. KINDER, 1991) nos moldes de grandes franquias de entretenimento. Mais tarde, o acadêmico Henri Jenkins (2003) reutilizou o mesmo termo, propondo o conceito de *transmídia storytelling* (JENKINS, 2009a) para indicar conteúdos do mesmo universo narrativo explorados pela indústria do entretenimento em múltiplas mídias e plataformas.

A partir de então o termo popularizou-se e passou a ser utilizado sem uma definição mais precisa, confundindo-se com práticas que se tornaram rotineiras do próprio ambiente de convergência midiática e da cultura participativa, tais como a criação de páginas em redes

---

<sup>3</sup> Este incentivo a participação é, quase sempre, regulado pelos produtores, dentro dos padrões necessários à identidade da produção. Dessa maneira, pode-se considerar uma participação “governada”, conforme propõe Fachine et. al (2015) a respeito das interações transmídia, como veremos mais adiante.

sociais referente a produtos ou empresas de comunicação, nas quais se divulgam conteúdos e estimulam o seu consumo. Jenkins (2009a, p. 49) distingue as narrativas transmídia da convergência de mídias, afirmando que aquela se trata de uma nova estética que surgiu em resposta a esta, ou seja, “uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento”, compreendendo, sobretudo, a criação de um universo narrativo. As produções transmídia são, portanto, uma manifestação específica do novo ecossistema midiático e procuram responder aos desafios gerados por ele.

Até aqui procuramos lançar um olhar sobre o cenário no qual proliferam as produções transmídia. Para analisar produções de jornalismo que se apresentam potencialmente como narrativas transmídia dois outros movimentos se fazem necessários: elucidar as definições dadas às narrativas transmídia e compreender o contexto pelo qual vem passando o jornalismo, isto é, as reconfigurações desencadeadas pelas mídias digitais e pela cultura participativa delas derivada.

Consideradas, de modo mais geral, as circunstâncias que fizeram surgir os fenômenos transmídia, vamos, a seguir, apresentar os conceitos e princípios que regem essas produções, recorrendo às contribuições mais relevantes, na tentativa de sistematizar o quadro teórico existente, indicando, nele, as bases do nosso trabalho. Nessa exposição, daremos destaque à noção de narrativa transmídia (JENKINS, 2009a), que compreendemos à luz das estratégias transmídia de expansão, categorização proposta por Fachine et al. (2013), que ancora a caracterização e análise dos dossiês *Tudo Sobre*, produzidos pelo Grupo Folha (Capítulo 3). Cumprida essa etapa, passamos a problematizar o modelo transmídia no campo jornalístico, marcado por um processo de reconfiguração provocado pela convergência midiática e pela cultura participativa. Analisaremos o contexto de produção do jornalismo na atualidade, confrontando-o com os princípios, estratégias e práticas transmídia, e procurando identificar os desafios e possibilidades que esse campo específico oferece para seu maior aproveitamento.

Dentre muitas perguntas provocadas pelos fenômenos transmídia, algumas parecem fundamentais para guiar nosso estudo, tais como: Quais as especificidades das produções transmídia? Em que as narrativas transmídias se diferenciam de outras produções que acionam múltiplas mídias e plataformas para disseminação de conteúdos afins? Que práticas de produção, distribuição e consumo da notícia têm se reconfigurado no novo ecossistema midiático? Como um modelo transmídia, forjado na indústria do entretenimento, pode ser desenvolvido no jornalismo? Que distinções precisam ser consideradas nesse processo? Como o jornalismo tem explorado a produção de narrativas transmídia? Não temos a pretensão de dar respostas a todas essas questões no presente trabalho, mas consideramos que, em maior ou

menor medida, elas atravessam nosso horizonte de pesquisa. Para tratar do nosso problema, vamos focar, no entanto, nas possibilidades da transmídiação no jornalismo tendo em vista a caracterização do nosso objeto de estudo nesse modelo de produção.

## 2.1 O modelo transmídia de produção

A concepção que orienta as produções transmídia não é inteiramente nova. Considerando o contexto histórico, Richards (2017) defende que contos e mitologias, textos cristãos medievais em diferentes linguagens, e escudos de armas das dinastias reais poderiam ser formas predecessoras do que hoje chamamos transmídia, porque desenvolvem a mesma lógica narrativa em diferentes suportes e estimulam a participação da audiência. Scolari (2013) vai mais longe e chega a propor como primeira narrativa transmídia os relatos bíblicos. Essas e outras proposições semelhantes nos remetem a uma tarefa necessária para os estudos desse tema: elucidar em que consiste, de fato, o que se convencionou chamar de transmídia, diante do conjunto variado de fenômenos que surgem com múltiplas possibilidades de relação entre conteúdos de mesmo universo narrativo produzidos para diversas mídias.

A origem do termo transmídia remete a uma estratégia comercial identificada por Kinder (1991), baseada na intertextualidade em torno de personagens de histórias que, distribuídos em diferentes mídias e formatos, poderiam alavancar o consumo. Jenkins (2003), faz uso do termo para explicar “franquias transmídia” de Hollywood, como *Indiana Jones* e *Stars Wars*, formulando, posteriormente, uma descrição que tem sido adotada pela maioria dos pesquisadores:

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia (JENKINS, 2009a, p. 138).

Ao longo da análise que faz da franquia *Matrix*, Jenkins (2009a) vai elencando algumas características que ajudam a entender melhor o processo de produção e distribuição de uma narrativa transmídia: a) a integração de múltiplos textos para criar “uma narrativa tão ampla que não pode ser contida em uma única mídia” (JENKINS, 2009a, p. 137) que “trabalha para atrair múltiplas clientelas, alterando um pouco o tom do conteúdo de acordo com a mídia”

(JENKINS, 2009a, p. 139); b) os textos mantêm relações entre si a partir de um universo narrativo, pois, mesmo que nenhuma obra em particular reproduza todos os elementos desse universo, “cada uma deve usar os elementos suficientes para que reconheçamos, à primeira vista, que essas obras pertencem ao mesmo universo ficcional” (JENKINS, 2009a, p. 161); c) cada texto pode ser um ponto de entrada para que os consumidores possam chegar aos demais textos, estimulando um processo de cocriação, no qual “as empresas colaboram desde o início para criar conteúdos considerados adequados a cada um dos setores, permitindo que cada meio de comunicação gere novas experiências aos consumidores e aumente os pontos de acesso à franquia” (JENKINS, 2009a, p. 149); d) a construção de cada novo texto se dá por um processo de expansão narrativa que possibilite ao consumidor do game, por exemplo, “uma experiência diferente com o filme daquele que experimentou o filme apenas no cinema” (JENKINS, 2009a, p. 145); e) os fãs são instigados a fazer conexões e estabelecer sentido entre os conteúdos, através de pistas que são plantadas pelos produtores: lacunas narrativas e outros elementos são cada vez mais inseridos “nos filmes para criar aberturas que são exploradas completamente apenas por outras mídias” (JENKINS, 2009a, p. 151), enriquecendo a experiência de consumo; f) a distribuição dos conteúdos deve explorar “novas estruturas narrativas, que criam complexidade ao expandirem a extensão das possibilidades narrativas, em vez de seguirem um único caminho, com começo, meio e fim” (JENKINS, 2009a, p. 170), de maneira a prolongar e estimular ainda mais o consumo; g) pelo nível de relação entre os conteúdos, é necessário que haja um projeto no qual a história seja “concebida desde o início, em termos de narrativa transmídia”, ou seja, “o filme e o game são planejados juntos, o game depende da ficção e a expande, mas não apenas repete o material do filme. Deve ser orgânico com aquilo que tornou a experiência do filme atraente” (BILSON, 2003 apud JENKINS, 2009a, p. 149-150).

As contribuições do pesquisador americano na tentativa de caracterizar ainda mais as narrativas transmídia chegaram à proposição de sete princípios fundamentais (JENKINS, 2009b; 2009c), que descreveremos, de maneira sintética, a seguir, considerando tratar-se de propriedades que se manifestam em maior ou menor grau nessas produções.

- **Expansão** (*Spreadability*) vs. **Profundidade** (*Drillability*) – exploram o potencial de engajamento através do estímulo à participação, compartilhando e aprofundamento de conteúdos. Lacunas narrativas podem ser oportunidades para espalhar conteúdos em outras mídias que aprofundem o universo narrativo.
- **Continuidade** (*Continuity*) vs. **Multiplicidade** (*Multiplicity*) – as extensões narrativas devem guardar coerência de personagens e universos narrativos, proporcionando uma experiência unificada. A multiplicidade deve explorar avanços ou recuos na narrativa

de forma dispersa em outras plataformas de mídias, sem prejuízo da continuidade da estória.

- **Imersão** (*Immersion*) **vs. Extração** (*Extractability*) – habilidade para fazer o público adentrar no mundo da ficção por experiências imersivas como parques ou tecnologias de realidade virtual, bem como de retirar do universo ficcional algo utilizável em seu dia-a-dia, como artigos de alimentação, brinquedos e vestes, por exemplo.
- **Construção de universos** (*Worldbuilding*) – o potencial narrativo de uma estória desencadear outras estórias a partir de seu enredo e personagens, constituindo-se num universo maior que uma das produções ou até mesmo da franquia.
- **Serialidade** (*Seriality*) – a arte de arquitetar o texto de forma que ele termine mas deixe transbordar enigmas que só serão resolvidos na história seguinte, quebrando, assim, o arco narrativo em pedaços para espalhá-lo em conteúdos sequenciais em múltiplas plataformas de mídia.
- **Subjetividade** (*Subjectivity*) – exploração dos diversos pontos de vista dos personagens pela diversificação de gêneros, ângulos e formatos, a exemplo de sites ficcionais de campanhas ou webséries que mostram a visão pessoal de um dos personagens sobre acontecimentos.
- **Performance** (*Performance*) – ações de apropriação dos conteúdos pelos fãs de, seja de forma independente ou estimulada pelos produtores. Extensões “não autorizadas” da narrativa criadas pelos fãs acabam colaborando para o fortalecimento da franquia.

Com base nessas ideias, Scolari (2013) defende que apenas duas variáveis são necessárias para definir uma narrativa transmídia. A primeira delas seria a expansão da história através de diferentes sistemas de linguagem (verbal, icônico, audiovisual, interativo, etc) como de mídias (cinema, televisão, celular, internet, jogos, quadrinhos, etc), para além de uma adaptação, ou seja, desenvolvendo o universo narrativo por meio de diferentes meios e linguagens. A segunda variável seria a participação dos chamados *prosumers*<sup>4</sup>, que para o autor também constrói o universo narrativo.

Para Scolari (2013) a narrativa transmídia constitui, então, “...um tipo de relato em que a história se desdobra através de múltiplos meios e plataformas de comunicação, e no qual uma parte dos consumidores assumem um papel ativo no processo de expansão” (SCOLARI, 2013, p. 46, tradução nossa). Apesar de considerar que termos como *crossmídia*, *hipermídia* ou

---

<sup>4</sup> Neologismo que provém da combinação inglesa *producer and consumer* (Alvin Toffer, A terceira onda, 1980) e define usuários que deixam de ser apenas receptores passivos da informação para assumir um papel de co-criadores, criando novos conteúdos ligados ao universo narrativo, mas também o ampliando livremente.

*múltiplas plataformas* orbitam semanticamente em torno do mesmo universo discursivo, Scolari (2013), não propõe uma diferenciação entre esses fenômenos, preferindo acomodá-los como conceitos que iluminam alguma dimensão das narrativas transmídia.

Dentre esses, o termo *crossmídia* seria aquele mais próximo dos fenômenos transmídia, porque, seguindo os parâmetros de Jak Boumans (apud SCOLARI, 2013), também implicaria a utilização de mais de uma mídia, considerando suas potencialidades específicas, a serviço de um tema/história/objetivo/mensagem, em uma produção integrada. É preciso dizer, no entanto, que não há muito consenso quanto à definição de *crossmídia*, podendo ser considerados tanto os processos de adaptação de obras literárias em produções cinematográficas como campanhas publicitárias que se utilizam de várias mídias, de forma a promover o cruzamento de mídias e a interatividade (FINGER, 2012). Concordamos que a diferença entre conteúdos *crossmídia* e *transmídia* é que os últimos devem oferecer novos níveis de revelação e experiência que renovem a franquia e sustentem a fidelidade do consumidor (JENKINS, 2009a).

O termo *multimídia* tem sido utilizado como uma propriedade associada à internet e às novas mídias. De fato, segundo Salaverria (2014), a multimidialidade é uma característica da web, mas não exclusivamente porque trata-se da combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem. Dessa forma, quando as publicações escritas incorporaram recurso cartográficos, desenhos e fotografias, tornaram-se *multimídia*, assim como também o cinema e a televisão. No cenário de convergência, as possibilidades de multimidialidade aumentaram considerando a capacidade do ambiente virtual de coordenar tipos diversos de linguagens e formatos tais como textos, fotografias, gráficos, iconografia e ilustrações estáticas, vídeos, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros, e vibração.

Por *hipermídia*, Santaella (2014) compreende a mistura do hipertexto com a *multimídia*, ou seja, das associações que os textos podem fazer entre si através de nós ou links, que conduzem para conteúdos de diferentes linguagens (verbal, pictórica, sonora...). No ambiente virtual a *hipermídia* permite romper com a sequência linear do texto, com começo, meio e fim pré-determinados e fixos, mas essa atividade hipertextual, isto é, de ligação entre textos, já podia ser notada em dicionários, léxicos, índices, atlas, sumários e outros processos de remissão entre textos dentro de uma mesma obra. Na *hipermídia* essas ligações se estabelecem não mais entre uma mesma linguagem (por exemplo, num dicionário no texto verbal escrito), mas de forma *multimídia*, isto é, ligando textos de linguagens e formatos distintos.

Comparadas essas definições, é possível notar como o conceito de narrativa *transmídia* mostra-se mais complexo que os demais por envolver, de maneira articulada, muitos dos

fenômenos mencionados, mas principalmente por explorar, de forma sinérgica, múltiplas mídias em torno de uma narrativa. Sobre essa arquitetura, Mittel (2015) problematiza a concepção “ideal” de narrativa transmídia de Jenkins (2009a), propondo dois modelos transmídia: um modelo *balanceado*, sem hierarquia midiática ou textual, isto é, sem que nenhum meio ou conteúdo tenha função superior a outros; e um modelo *não-balanceado* - a forma ideal descrita por Jenkins (2009a) -, com um texto central claramente identificável em torno do qual se agregam extensões periféricas, mais ou menos integradas ao todo narrativo, que podem ser identificadas com o que Gray (2010) classifica como paratextos. Os modelos concebidos por Mittel (2015) dizem respeito ao modo como a narrativa transmídia se estrutura, e trazem à discussão a existência de conteúdos que não necessariamente expandem o universo narrativo.

Apesar da crescente onipresença transmídia, precisamos evitar confusões gerais sobre extensões transmídia com o modo mais particular de narrativa transmídia. Quase todas as propriedades de mídia hoje oferecem algumas extensões transmídia, como sites promocionais, propagandas ou materiais de bastidores - essas formas podem ser categorizadas como paratextos em relação ao texto principal, seja um filme, um videogame ou uma série de televisão (MITTEL, 2015, s.p, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Evans (2011) segue a mesma linha de raciocínio e questiona o uso do termo *narrativa transmídia* para designar todas as produções cujo universo narrativo se apresenta em mais de uma plataforma de mídia. Ao tratar da expansão da experiência televisiva para a internet e telefones celulares, a autora opta por trabalhar com uma concepção mais ampla, a transmidialidade. Sem esgotar as definições, descreve transmidialidade como “a crescente prática industrial popular de usar múltiplas tecnologias de mídia para apresentar informações acerca de um mundo ficcional através de uma variedade de formas textuais” (EVANS, 2011, p. 1, tradução nossa)<sup>6</sup>. O argumento da autora é de que a transtextualidade tem se incorporado de maneira recorrente nas práticas televisivas, distinguindo-se da forma mais complexa que tem sido delimitada como narrativa transmídia.

Fechine et al. (2013) procuram acomodar o conjunto de estratégias utilizadas pelos produtores, organizando-as em torno da ideia de um modelo de produção que se distingue de uma propriedade mais geral de tráfego de conteúdos digitalizados, agora possíveis graças ao ambiente de convergência midiática.

---

<sup>5</sup> “Despite the growing ubiquity of transmedia, we need to avoid confusing general transmedia extensions with the more particular mode of transmedia storytelling. Nearly every media property today offers some transmedia extensions, such as promotional websites, merchandise, or behind-the-scenes materials — these forms can be usefully categorized as paratexts in relation to the core text, whether a feature film, a videogame, or a television series”.

<sup>6</sup> “the increasingly popular industrial practice of using multiple media technologies to present information concerning a single fictional world through a range of textual forms”.

Entendemos *transmídiação* como um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelo ambiente de convergência (FECHINE ET AL., 2013, p. 26).

A partir dessa concepção basilar estruturam-se outras definições que compõem um quadro teórico relevante e abrangente que, no nosso entendimento, consegue dar ordem, método e estrutura ao emaranhado de conceitos e fenômenos que giram em torno do tema “transmídia”. As proposições fundamentam-se na análise de produções da teledramaturgia brasileira, mas sua pertinência tende a alcançar outras áreas da comunicação, pois dialoga com as noções já mencionadas anteriormente, realocando-as de forma sistemática em vista de uma melhor compreensão das produções transmídia. Como tomaremos esse referencial teórico para nosso estudo e análise no campo jornalístico, será necessário, num primeiro momento, recuperar seus principais tópicos.

Considerar a transmídiação como “modelo de produção” implica dizer que se trata de “uma ação estratégica de comunicação oriunda de um destinador-produtor geralmente identificado – mas não exclusivamente – à indústria midiática” (FECHINE ET AL., 2013, p. 25). Requer, portanto, a existência de um projeto bem articulado que atinja seu fim último: o engajamento e incentivo ao consumo das produções e o conseqüente incremento dos conglomerados empresariais, que revelam sua lógica comercial.

A condição primeira do modelo de produção transmídia é a “articulação de plataformas em pelo menos duas mídias distintas” (FECHINE ET AL., 2013, p. 28). Trata-se da característica mais consensual entre aqueles que tratam do assunto. Aprofundando mais a questão, os autores vão denominar conteúdos transmídia “um tipo específico de conteúdo cuja produção de sentido está ancorada na articulação sinérgica entre diferentes mídias/plataformas e no engajamento proposto ao consumidor como parte de um projeto de comunicação assumido por um determinado produtor (ou instância produtora)” (FECHINE ET AL., 2013, p. 28).

A preocupação dos autores está na investigação de como acontece esse processo de articulação entre plataformas de mídias e nos tipos de relações que os conteúdos estabelecem entre si. Identificou-se um certo tipo de “hierarquização das mídias” a partir dos processos de articulação que elas promovem para proporcionar uma experiência transmídia. Uma mídia de referência que desenvolve um conteúdo de referência, isto é, um programa narrativo principal, e a partir do qual se dão os desdobramentos e articulações. Com base nessa noção é que os autores qualificam os conteúdos transmídia a partir da mídia de referência ou articuladora,

propondo classificações como conteúdos cinematográficos transmídia, conteúdos radiofônicos transmídia, conteúdos televisivos transmídias.

Antes de adentrar na categorização das estratégias transmídia, faz-se necessário explicitar melhor em que consiste o texto de referência, pois essa definição será fundamental para distinguir o conceito de narrativa transmídia a partir dessa concepção. A primeira função do texto de referência, segundo Fechine et al. (2013) é desenvolver o programa narrativo principal ou de base, isto é, o desenrolar de uma estória que, em termos semióticos, representa a unidade elementar da narrativa de estados e transformações.<sup>7</sup> Outro elemento fundamental é a relação do texto de referência com os textos associados. Para que o destinatário-consumidor possa estabelecer uma relação entre eles é preciso considerar a existência de elementos que deixem explícita essa ligação, seja formando “um ciclo sinérgico no qual um conteúdo chama atenção sobre o outro”, seja investindo na “complementaridade entre elementos e programas narrativos interdependentes, mas dotados de sentido em si mesmos” (p. 34). Segundo Fechine et al. (2015, p. 344) o projeto transmídia “desenvolve-se a partir de um texto de referência em relação ao qual se desenvolvem as estratégias”, nos levando a considerar que uma alusão mais recorrente dos conteúdos associados a um outro conteúdo pode ser também um indicativo para reconhecer o texto de referência, aquele em torno do qual os demais orbitam” (FECHINE, 2018).

Para Fechine et al. (2013), o modelo de produção transmídia estrutura-se a partir de estratégias, isto é, de programas de engajamento propostos pelos destinadores-produtores aos destinatários-consumidores, que exploram as competências destes para buscar e articular conteúdos em diversas mídias e os motivam para desenvolver certos tipos de conteúdos em seus espaços institucionais. As duas grandes estratégias transmídia identificadas pelos autores, apesar de baseadas num campo específico que é a teledramaturgia brasileira, podem ser categorias analíticas aplicadas a outros campos da produção cultural, como jornalismo, publicidade, cinema, etc, pelos princípios que orientaram sua observação. Uma das contribuições dessa categorização é a compreensão de que a narrativa transmídia é uma das estratégias transmídia, inserindo-a, portanto, numa perspectiva mais ampla que é a transmidiação como modelo de produção. Dessa maneira, e considerando trabalhos anteriores em que utilizamos esse referencial como premissa, partiremos da compreensão das estratégias

---

<sup>7</sup> Segundo BARROS (2005), os programas narrativos complexos formam-se a partir de um programa principal ou de base que, para se realizar, requer um programa secundário ou de uso, ou seja, para que se passe de um estado a outro por um processo de transformação é necessário que se realizem outras ações, que podem ser consideradas etapas para se chegar ao fim último do programa narrativo principal. Assim, “pode-se dizer, por exemplo, que a purificação do açúcar é um programa de uso necessário à consecução do programa de base de “adoçar”...” (p. 25). Elucidaremos melhor estes conceitos no Capítulo 2, quando trataremos mais especificamente da narrativa do texto transmídia.

transmídia de propagação e expansão para levar adiante os procedimentos de análise das produções jornalísticas que são objeto deste trabalho. No capítulo 2 aprofundaremos alguns fundamentos das teorias da linguagem que embasam e justificam essa escolha. Por ora, cumpre-nos apresentar as estratégias transmídia, destacando os princípios que as orientam.

É preciso ter bem claro que o objetivo último das estratégias transmídia é o engajamento do destinatário-consumidor. No caso da estratégia de propagação, isso acontece através da ressonância e retroalimentação dos conteúdos, quando “um conteúdo repercute ou reverbera o outro, colaborando para manter o interesse, o envolvimento e intervenção criativa do consumidor de mídias no universo proposto, agendando-o entre outros destinatários ou em outras instâncias, constituindo comunidades de interesses” (FECHINE ET AL., 2013, p. 33). Já as estratégias de expansão caracterizam-se pelo desdobramento e/ou complementaridade do universo narrativo, podendo ser consideradas “programas narrativos auxiliares ou secundários, contribuindo, a partir da sua articulação com o programa narrativo principal ou de base (texto de referência), para a construção de uma narrativa transmídia *stricto sensu*” (FECHINE ET AL., 2013, p. 34, grifo dos autores).

Nas telenovelas as estratégias de propagação têm como objetivo reiterar e repercutir o texto de referência em outras plataformas, a fim de manter o interesse. Nesse caso, cada conteúdo procura chamar atenção sobre conteúdos de outras mídias, conduzindo e guiando o destinatário-consumidor para seu consumo. Os exemplos encontrados referem-se a conteúdos reformatados, isto é, conteúdos reorganizados ou adaptados do texto de referência para outra mídia ou plataforma por meio de operações como antecipação, recuperação e remixagem; ou conteúdos informativos, que ofereciam ao destinatário-consumidor informações para melhor compreensão do universo ficcional sem interferir na trama, por meio de aspectos contextuais ou promocionais.

As estratégias de expansão caracterizam-se por oferecer novos elementos que alarguem o universo narrativo. Fechine et al. (2013) identificam dois tipos de conteúdos que se utilizam dessa estratégia: os conteúdos de extensão lúdica e os conteúdos de extensão textual. No primeiro caso o destinador-produtor convida o destinatário-consumidor a entrar no universo ficcional, estimulando algum tipo de experiência, oferecendo conteúdos de extensões vivenciais e de marca; no segundo caso “investe-se na complementaridade entre elementos e programas narrativos interdependentes, mas dotados de sentido em si mesmos”, nos moldes da narrativa transmídia descrita por Jenkins (2009a, 2009b, 2009c).

Dessa forma, Fechine et al. (2013) consideram que as narrativas transmídia se constituem uma das estratégias de expansão, pois desenvolvem programas narrativos

complementares ou auxiliares ao texto de referência em outros meios, a partir de recuos ou avanços na cronologia da narrativa, ou de ações que explorem núcleos dramáticos e/ou personagens secundários. Com base nessa argumentação, é possível distinguir um modelo de produção mais amplo denominado transmídiação, baseado na distribuição e articulação de conteúdos entre mídias a partir de estratégias dos destinadores-produtores, de uma produção específica desse mesmo modelo, a narrativa transmídia, cuja arquitetura textual e midiática mais complexa estrutura-se por estratégias de expansão, isto é, por desdobramentos e prolongamentos de programas narrativos auxiliares em outras mídias, conforme vimos anteriormente.

Compreendidas as estratégias, é preciso considerar as ações que elas desencadeiam, ou seja, as práticas transmídia, que “correspondem à performance dos destinatários-consumidores, envolvendo sempre algum tipo de intervenção *sobre* ou *a partir* dos conteúdos que lhe foram propostos pelo destinador-produtor” (FECHINE ET AL., 2013, p. 29). Nesse sentido, a participação pode se dar por *articulação*, ou seja, pela busca e associação de conteúdos em outras mídias, ou por *atuação*, que exige uma cooperação direta sobre os conteúdos para que se completem, tais como enquetes, jogos, campanhas, etc. De uma maneira ou de outra, a participação do destinatário-consumidor é condição fundamental para uma experiência transmídia (FECHINE ET AL., 2015)

A performance dos destinatários-consumidores, no entanto, não se restringe aos espaços e às condições determinadas pelos produtores. A facilidade de produção e publicação de conteúdos nas plataformas da web fazem circular conteúdos que escapam ao controle da instância produtora ou não se alinham aos objetivos e estratégia do projeto transmídia. Fachine et al. (2013, 2015) argumentam que não é possível tratar essas produções como conteúdos transmídia, já que não resultam de ações estratégicas de uma instância produtora, mas também não deixam de manter alguma relação com os conteúdos que os estimularam. Nesse sentido, os compreendem como parte de um *universo interacional transmídia*, que não está totalmente sob controle dos produtores.

Autorizados ou não, todos os conteúdos que gravitam em torno do texto de referência da ação transmídia estão na mesma “órbita” de sentidos. Participam de uma espécie de ordem discursiva acionada pelos destinadores da comunicação. Fazem parte, portanto, de um universo interacional transmídia que se estabelece a partir de sua ação. (FECHINE, 2018, p. 14).

Iniciativas de fãs como a criação de sites, blogs, perfis de programas em redes sociais, personagens ou atores são variáveis que fogem ao controle das instâncias produtoras, mas precisam ser consideradas desde a concepção do projeto transmídia. Fachine et al. (2015)

vislumbram quatro modos de relação dos consumidores com o universo ficcional transmídia, que tem por base os regimes de interação descritos por Landowski (2015): a) um regime de articulação programada, marcado pela obediência do enunciatário-destinatário aos percursos propostos pela instância produtora; b) um regime que estimula uma atuação manipulada, incentivando a produção de conteúdos “autorizados” ou habilitados, segundo as regras e orientações dos produtores; c) um regime marcado pela imprevisibilidade da enunciação, cujos conteúdos desviam-se das articulações propostas pelo enunciador ao enunciatário; d) e um regime de apropriação, cujos conteúdos, embora não sejam resultado de estratégias transmídia, ajustam-se mutuamente aos objetivos do projeto transmídia e atende aos interesses tanto do fã quanto do produtor.

Os modos de interação elencados atendem ao princípio participativo, considerado constitutivo das produções transmídia. Com as possibilidades da web e dos recursos digitais de dispositivos móveis, essa participação pode alcançar limites inimagináveis, tornando difícil inclusive ao produtor acompanhar os percursos autônomos de ressignificação feitos pelos usuários quando compartilham, por exemplo, um conteúdo nas redes sociais. Como nosso interesse de pesquisa é a compreensão das estratégias que compreendem o modelo de produção transmídia no jornalismo, analisaremos apenas em que medida os conteúdos transmídia jornalísticos promovem alguma participação, sem um estudo mais detalhado dos modos como esse processo ocorre.

Os conceitos e descrições que revisamos contribuem para uma observação mais perspicaz do *corpus* que analisaremos mais adiante. Considerando se tratarem de produções jornalísticas, faz-se necessário uma aproximação precisa e criteriosa, que leve em conta as especificidades de um modelo forjado para indústria do entretenimento e as nuances do campo jornalístico. Um elemento, porém, já é possível antever: como parte intrínseca dos processos comunicacionais, o jornalismo tem passado por intensas reconfigurações, provocado pela convergência midiática e pela nova cultura participativa. Examinemos, a seguir, estas transformações de forma mais detalhada.

## **2.2 Um jornalismo em reconfiguração**

Os prognósticos sobre o futuro do jornalismo se acentuaram nos últimos anos frente a crise que afetou economicamente os veículos, desencadeando a redução de profissionais nas redações e o abandono da versão impressa de alguns jornais. Houve quem creditasse a crise às

tecnologias digitais, considerando as possibilidades trazidas pela internet de usuários criarem seus próprios blogs e perfis, bem como o surgimento de dispositivos móveis cada vez mais avançados, capazes de captar sons, vídeos e imagens. Essas são novas formas de circulação da informação, que não podem ser confundidas com jornalismo. O fenômeno das *fakenews* vem mostrando a importância do trabalho de apuração numa sociedade marcada por uma quantidade cada vez maior de informações, que precisam ser selecionadas, organizadas e hierarquizadas. Apesar de se constatar sua necessidade, o jornalismo não deixou de ser afetado pelas tecnologias digitais e pela convergência midiática, que desencadeou nesse campo um processo de reconfiguração dentro do novo cenário midiático.

O surgimento de redações integradas entre veículos de mesmo grupo jornalístico foi apontado por Salaverria e Negrero (2008) como um dos primeiros sinais desse redesenho do jornalismo, apontando mudanças em nível empresarial, profissional, tecnológico e de produção de conteúdos. Trata-se de um processo iniciado há uma década e que ainda hoje encontra-se em andamento.

A fusão das redações é apenas uma das concretizações práticas da convergência. (...) trata-se de um processo multidimensional que, como mínimo, compreende aspectos relacionados às tecnologias de produção e consumo de informação, à organização interna das empresas jornalísticas, ao perfil dos jornalistas e, é claro, aos próprios conteúdos comunicativos” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 16)

Para os autores, o modelo de redações integradas mais comum era aquele que unia um meio tradicional, como o jornal impresso, o rádio ou a TV, com o *on line*. É quase impossível não encontrar, hoje, um braço de veículos ou programas jornalísticos nas plataformas da web. Esse território tornou-se, pouco a pouco, um lugar tão necessário ao jornalismo que levou a configuração de uma nova modalidade, o webjornalismo, constituído de rotinas e práticas de produção específicas, entrelaçadas pela convergência midiática.

As tecnologias HTML<sup>8</sup>, que facilitaram uma navegação mais autônoma na internet, trouxeram consigo o recurso da hipertextualidade e, com ele, possibilidades de estruturação da notícia para além do paradigma da pirâmide invertida. O *hiperlink* permite criar uma diversidade de itinerários de leituras, através de arranjos e combinações de fragmentos ou blocos temáticos dependentes e autônomos de sentidos entre si. (CANAVILHAS, 2014). A escrita do texto também ganhou novos elementos, como Web semântica, utilizada para marcar

---

8 Abreviação de Hypertext Markup Language (linguagem de marcação de hipertexto). Refere-se à linguagem utilizada para estruturar páginas da web que permitem a organização de textos, imagens, áudios e vídeos, bem como a ligação entre estes diversos elementos através do hipertexto. O aperfeiçoamento da linguagem (HTML5) possibilitou uma navegação mais rápida, páginas mais dinâmicas e acessíveis a suportes digitais móveis.

os conteúdos com palavras chaves (ou *tags*), facilitando o acesso em pesquisas, estabelecendo relação com notícias afins e organizando o caos informativo da rede.

Se o jornalista perdeu a exclusividade da informação, deve afirmar-se pela função social da notícia. Classificados, indicadores e previsão do tempo, por exemplo, são facilmente encontrados, com precisão e em tempo real, em sites ou aplicativos para dispositivos móveis especificamente criados para isso. Notícias relevantes, bem apuradas e contextualizadas, no entanto, são cada vez mais necessárias na sociedade da informação. Se jornalistas podem contar com uma audiência que, interessada em colaborar e dotada de ferramentas digitais de registro, assume também o papel de co-produtor da notícia (VIZEU, 2014), não pode conceber essas práticas colaborativas como terceirização do processo de produção, desconsiderando as rotinas usuais de captação e apuração de notícias para atribuir valor de noticiabilidade, por exemplo, à repercussão de notícias nas redes sociais (VIZEU; FREIRE, 2018).

O ritmo cada vez mais veloz de consumo de informações na web também afeta o processo de produção da notícia. O *deadline* agora é contínuo porque o portal ou as redes sociais precisam ser alimentadas de hora em hora, minuto a minuto. Segundo Anderson, Bell e Shirky (2013), isso não deveria justificar o pouco investimento feito em grandes reportagens, cadernos especiais e outras formas que prezem mais pela contextualização de questões ou acontecimentos. As tecnologias podem facilitar uma diversidade de operações, mas não dispensa uma narrativa que atraia o consumidor de mídia, tanto pela forma do texto quanto pela abordagem diferenciada que pode apresentar.

Outro desafio que o jornalismo tem enfrentado diz respeito ao seu modelo de negócio. A fuga de publicidade, a queda no consumo dos meios tradicionais e o aumento dos custos de produção são alguns dos fatores que impõem uma reconfiguração das empresas de jornalismo, sobretudo da imprensa escrita. Um caminho ainda incerto, assumido por alguns dos maiores jornais do país como Folha de S. Paulo e O Globo, por exemplo, tem sido a assinatura de serviços de notícias *online*, antes oferecidas gratuitamente pelos seus portais. Paralelamente, o que se nota são redações cada vez mais reduzidas e profissionais de jornalismo tendo que assumir múltiplas tarefas. Salaverria (2014) cunhou a expressão “jornalista multimídia” para destacar a necessidade de uma polivalência desse profissional para: 1) trabalhar simultaneamente em distintos meios; 2) discorrer sobre temáticas distintas; 3) e desempenhar várias funções dentro de uma redação.

Ainda assim, a forma mais visível de convergência no jornalismo, segundo Salaverría e Negrodo (2008, p.49) “se concretiza na difusão dos mesmos conteúdos através de meios distintos”. Os jornais diários que ainda circulam na versão em papel, investem agora assinaturas

de versões digitalizadas que podem ser visualizadas em arquivo fechado (PDF) ou dinâmicos, através de sites do veículo ou por aplicativos de dispositivos móveis. Algumas dessas notícias são reproduzidas *online*, enquanto outros jornais vão mais além e incentivam sua audiência a buscarem conteúdos complementares nos seus portais, fornecendo-lhes links ou códigos de leituras por aplicativos específicos. Esse modo de circulação e distribuição da notícia em dois ou mais meios pertencentes ao mesmo grupo jornalístico foi chamado pelos autores como *multiplataforma*. Algumas inovações, porém, podem apontar para processos mais sofisticados que também envolvem múltiplas plataformas de mídias, como verificamos através da descrição dos modelos *crossmídia* e *transmídia*.

Em pesquisa de mestrado sobre as implicações do contexto de convergência na rotina produtiva das redações, Flora Leite Freire (2018) identifica nos jornais pernambucanos *Jornal do Comércio* e *Diário de Pernambuco* um fenômeno que parece manter relações com os processos de distribuição de conteúdos jornalísticos em múltiplas plataformas: trata-se da *publicização* ou *replicação* dos conteúdos, com o objetivo de promovê-los nas redes sociais.

Diante desse cenário e no âmbito das rotinas produtivas percebe-se, após a edição, o que seria a inclusão de uma etapa a mais: a de replicação ou publicização do conteúdo, a qual não é caracterizada como uma atividade propriamente jornalística. Essa etapa pode ser vista na medida em que há preocupação das redações em obter a repercussão das matérias, sobretudo as reportagens especiais ou feitas de forma planejada. É nas redes sociais, como se pode ver, que começa a rotina produtiva de muitos repórteres e é nelas que são postas as chamadas para a exibição de conteúdos ao vivo ou divulgações de textos já finalizados. (FREIRE, 2018, p. 140)

Além dessa prática, incorporada por alguns jornalistas como tarefa obrigatória em sua atividade, a participação dos usuários das redes sociais nesse processo também é desejável e, em alguns casos, até estimulada. Atividades de comentário e compartilhamento de notícias nas redes sociais podem conferir a certos usuários status de “curadores de conteúdos”, potencializando uma circulação em rede que supera audiência média dos sites, e que foi chamado de “*superdistribuição*” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Apesar do progressivo desaparecimento de jornais impressos, os dados têm demonstrado um incremento no consumo de notícias. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, que revela os hábitos de consumos de mídia da população brasileira, quase a metade dos brasileiros (49%) utiliza a web para obter notícias, apesar de buscar os meios tradicionais como jornais, rádio e, sobretudo, a TV para validarem as informações da rede (BRASIL, 2016). Os dados expressam a dinâmica de ajustamento do novo ecossistema midiático, em que antigos e novos meios se readaptam em busca do reequilíbrio. No campo do jornalismo não podia ser diferente. As tecnologias digitais provocaram um processo de reconfiguração que ainda está se

processando. Para Canavilhas (2017), contextualização, narrativa e hierarquização das informações são palavras de ordem para o produto final do jornalismo, a notícia.

### *2.2.1 Desafios e potencialidades do modelo transmídia no jornalismo*

Se por um lado a digitalização representa uma ruptura com antigos modos de fazer jornalismo (tanto na produção, como na distribuição e nas formas de consumo), ela também permite a experimentação de outros modelos. Seria, então, o modelo transmídia, mesmo que concebido para produções de entretenimento, aplicável ao jornalismo? Se considerarmos que o cenário de convergência, marcado por um fluxo contínuo de informação em rede, desencadeou um processo de articulação entre plataformas de mídias jornalísticas tão ou mais ativo e frequente que a indústria do entretenimento, poderíamos afirmar, *a priori*, que sim. Alguns dos pesquisadores que citamos (JENKINS, 2009a; SCOLARI, 2013; FECHINE ET AL., 2013) também reconhecem a possibilidade de que princípios, estratégias e práticas transmídia sejam apropriadas pelo jornalismo, contanto que observando as especificidades desse campo.

Cabe, então, problematizar como o modelo de produção transmídia (com destaque para as narrativas transmídia, objeto desta pesquisa), poderia incorporar algumas características próprias do jornalismo, como por exemplo: o tempo de produção, distribuição e consumo que, na indústria do entretenimento é mais extenso, enquanto no jornalismo é marcado por um *deadline* contínuo, um reduzido “ciclo de vida” das notícias e um consumo cada vez mais veloz; os distintos interesses e funções de cada campo cultural (se no entretenimento busca-se a fruição e ludicidade a partir de narrativas ficcionais, no jornalismo se busca o conhecimento e informação por narrativas não-ficcionais); a influência das audiências e hábitos de consumo de jornalismo nas articulações propostas entre conteúdos transmídia. Por fim, restaria ainda uma questão: valeria a pena a uma empresa de jornalismo investir no modelo transmídia? Teria, ela, o mesmo retorno que produções de franquias para o cinema ou televisão? Procuraremos respostas a essas questões recorrendo a contribuições de alguns autores que tem discutido sobre transmidiação e jornalismo.

O primeiro ponto a ser considerado tem a ver com o tempo de produção e de consumo de conteúdos jornalísticos transmídia, e possui implicações financeiras. Filmes e seriados que exploram estratégias transmídia demandam mais tempo de planejamento, produção e finalização. O esforço para criar produtos mais bem elaborados é compensado por um período mais extenso de lançamento, repercussão e consumo. Os intervalos de temporadas de seriados ou filmes são utilizados, por exemplo, para divulgar conteúdos complementares que mantém o

interesse até uma nova produção da franquia. No jornalismo cotidiano, no entanto, onde a produção de notícias tem um *deadline* cada vez mais reduzido, enquanto o período de consumo médio de uma reportagem especial ou série de reportagens (tipos de produções mais robustas) podem perdurar repercutindo por pouco mais de uma semana.

Kevin Moloney (2011) postula que os métodos e técnicas de narrativa transmídia da indústria do entretenimento, descritos por pesquisadores como Jenkins (2009a), podem ajudar o jornalismo a engajar mais sua audiência. Apesar de considerar a questão do tempo de produção das franquias hollywoodianas transmídia, o autor argumenta que também existe uma prática de produção já incorporada ao jornalismo de longas investigações e coberturas de questões complexas e contínuas tais como imigração, guerras e lutas sociais, por exemplo, que podem prolongar o tempo de repercussão explorando múltiplas abordagens, distribuídas em múltiplas mídias.

Nesse sentido o gênero reportagem tende a ser o mais propício para desenvolver narrativas transmídia, porque permite explorar uma diversidade de princípios como aprofundamento, serialidade, diversidade de abordagens, inspiração para ação, entre outros recursos e formatos inovadores desenvolvidos a partir das tecnologias digitais, como realidade virtual aumentada, imagens e vídeos em 360 graus e newsgames. Segundo Moloney (2011), projetos de reportagens investigativas de longo prazo e séries de reportagens são apropriados para abordagens transmídia, porque, além de envolver muito planejamento, têm ainda cronogramas de produção mais longos.

Reno e Flores (2018) argumentam que a essência da narrativa transmídia está no campo das reportagens por sua riqueza de conteúdos, por sua construção narrativa e também pelo tempo de produção deste gênero, que possibilita uma maior arquitetura textual. A partir dessa justificativa, aprofundam vários conceitos e modelos de reportagens para propor um método de criação de reportagens transmídias.

Canavilhas (2013, p.64) defende que a grande reportagem se adapta mais à narrativa transmídia por ser um gênero transversal a todas as mídias, “por se tratar de um gênero de profundidade que se diferencia das notícias pela obrigatoriedade de incluir contextualizações diacrônica e sincrônica, por permitir uma maior liberdade narrativa e por não ser tão perecível como uma notícia, o que lhe permite ter um ciclo de vida mais longo” (sic).

Cabe ressaltar que a serialidade constitui-se um dos princípios propostos por Jenkins (2009a) para narrativas transmídia, como também uma prática do jornalismo, através das séries de reportagens. Segundo o jornalista Vitor Hugo Brandalise (apud NARCIZO, 2015, s.p.), na mídia escrita “o fato de dividir o material em atos traz elementos positivos à produção

jornalística, como a interrupção do texto – o que impede um possível cansaço do leitor – e a forma de instigar a curiosidade no público, que fica aguardando pelos próximos capítulos da reportagem”. Já nos telejornais o mais comum é a exibição da série de reportagem compostas de duas até sete matérias seguidas, aprofundando diferentes aspectos temáticos a cada dia (LOUREIRO, 2015).

Assim, parece claro que alguns dos elementos das narrativas transmídia já se encontram na dinâmica do próprio jornalismo, facilitando, de alguma forma, a adoção desse modelo. Resta, então, prosseguir com outras questões, como os diferentes interesses que mobilizam cada uma das duas atividades (entretenimento e jornalismo) e as características intrínsecas desses campos para desempenhar suas funções.

A motivação primeira de uma narrativa transmídia de entretenimento é incrementar o consumo da audiência, diversificando os pontos de acesso e mantendo o interesse dos fãs sobre a franquia. A televisão e o cinema procuram desenvolver essas estratégias sem deixar de cumprir o contrato estabelecido com seus destinatários-consumidores, que é proporcionar-lhes um processo de fruição, através de narrativa que distraiam e divirtam. O intuito é tirar o destinatário do seu “mundo real” e fazê-lo embarcar no universo narrativo proposto pela série, pela novela ou pelo filme, que se desdobram em outros conteúdos em diferentes suportes midiáticos.

Essas características distanciam-se, em certa medida, daquilo que se propõe o jornalismo, já que se trata de um campo de interesse público, cujo objetivo primeiro é manter sua audiência informada acerca dos acontecimentos e tornar conhecida questões e temas socialmente relevantes. O contrato que mantém com sua audiência exige, ao contrário do entretenimento, ter o “mundo real” como referência, descartando os relatos ficcionais. Dessa maneira, uma narrativa transmídia jornalística, se diferenciaria significativamente do modelo originalmente concebido, mas guardaria, no entanto, a sua motivação primeira: incrementar o consumo noticioso através de múltiplos pontos de acesso aos conteúdos e promover na sua audiência um processo de “conhecimento acerca do mundo” (VIZEU, 2005). Esse trabalho colaboraria, sobretudo, para fortalecimento da credibilidade do veículo de jornalismo, e não necessariamente para maiores vendas ou retorno financeiro imediato.

Apesar da diferença entre relato ficcional e não-ficcional parecer opor entretenimento a jornalismo, uma vertente deste último aproxima-se daquele, mas não pelo caráter referencial e sim pela profundidade do relato, pela riqueza da narrativa e pela textualidade mais humanizada que estimula e proporciona uma certa satisfação no seu consumo. Trata-se do jornalismo literário, defendido por Moloney (2011) como modalidade que apresenta grandes possibilidades

para narrativas transmídia porque “atende ao desejo de uma maior imersão na narrativa, expressa o contexto, explica a complexidade e captura a imaginação de seu público”<sup>9</sup> (p. 55, tradução nossa).

Ainda que não se explore diretamente o jornalismo literário, a sutileza e profundidade de abordagens, as conexões que podem ser estabelecidas dentro de uma estrutura narrativa mais complexa e a multiplicidade de vozes podem ajudar na composição de reportagens transmídia empolgantes, que explorem princípios transmídia como profundidade, imersão, exploração, subjetividade, diversidade de pontos de vista e a complexidade de relações de mundos.

Outras contribuições que, segundo Moloney (2011), podem auxiliar abordagens transmídia vem do chamado jornalismo público (também denominado jornalismo participativo ou colaborativo), que postula a participação dos cidadãos na definição, produção e distribuição das notícias e uma maior conversação sobre os temas relevantes. Para o autor, tal como na indústria do entretenimento, também no jornalismo a narrativa transmídia deve contar casos relevantes e estimular conversas sobre eles que atraiam as pessoas e as façam se sentir parte delas. Scolari (2013) destaca que essa participação da audiência já tem sido incorporada pela maioria dos programas de televisão, rádio ou meios digitais, e, compartilha da opinião de que a linha que separa produtores de consumidores tem se desfeito, produzindo um jornalismo que se expande através da conversação (GILMOUR, 2004 apud SCOLARI, 2013).

Para Canavilhas (2013), a interação possibilitada pelas mídias digitais desencadeia um processo de participação dos cidadãos, materializado nos comentários e distribuições de notícias através de redes sociais. Essa deve ser uma das características diferenciais da narrativa transmídia jornalística, que pode promover discussões em torno de determinados assuntos ou temas importantes para a sociedade, podendo, inclusive, utilizar-se das contribuições dos usuários para desenvolver novas abordagens ou complementar a notícia original.

Essas considerações acerca de participação e interatividade justificam-se frente aos novos hábitos de consumo de mídia. Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 revelam que as pessoas que assistem TV o fazem enquanto usam o celular (28%), acessam a internet (17%), ou trocam mensagens instantâneas (16%). Quanto ao suporte de acesso à rede mundial de computadores, “91% dos respondentes afirmaram em primeiro ou segundo lugar que acessam a internet pelo celular; 65% declararam entrar na rede pelo computador, enquanto os tablets foram citados por 12%” (BRASIL, 2016, p. 49). Apesar da internet ser utilizada como segundo principal meio para se informar sobre o que acontece no país (49% dos entrevistados), atrás

---

<sup>9</sup> “It fulfills the wish for greater immersion in a story, expresses context, explains complexity and captures the imagination of its public”.

apenas da televisão, a recepção das notícias pela rede mundial de computadores ainda não goza da credibilidade dos veículos tradicionais. Mais de 2/3 dos entrevistados confia pouco ou não confia em notícias que circulam em sites da internet, blogs ou redes sociais, enquanto metade deles confia sempre ou muitas vezes nas notícias dos jornais que, assim como as revistas, ainda mantêm a preferência dos leitores pela versão impressa.

Os dados sobre o consumo de mídia no Brasil revelam que o jornalismo apresenta um ambiente híbrido, com algumas tendências, mas ainda em transformação. Um cenário ainda instável, que pode influenciar positiva ou negativamente em decisões editoriais como por exemplo, na produção de narrativas transmídia. Se considerarmos a fragmentação da audiência, estratégias e práticas transmídia poderiam favorecer o engajamento do público em plataformas de mídias geridas por empresas de jornalismo. Se, por outro lado, levarmos em conta que o grau de letramento da maioria do público para lidar com algumas tecnologias digitais e, sobretudo, para fazer articulações entre os conteúdos transmídia, a utilização desse modelo no jornalismo precisa ser melhor planejada. Essa pode ser uma, entre outras razões, para encontrarmos poucas experiências de produções transmídia no jornalismo. Apesar das ferramentas e recursos disponíveis, do maior acesso à internet e da cultura participativa fomentada através de plataformas de redes sociais digitais, há um considerável risco em investir recursos humanos e financeiro na produção de conteúdos que não terão a repercussão almejada pelas empresas de jornalismo.

Por outro lado, produções que exigem consideráveis investimentos como reportagens especiais ou séries de reportagens, são parte da rotina de muitas empresas de jornalismo. Em entrevista ao Portal Imprensa, o diretor de marketing e produto dos jornais do grupo RBS, Marcelo Leite, afirma que nem sempre produções que demandam maior investimento de tempo e dinheiro devem objetivar o lucro. Para o diretor, “esse tipo de produto não é comercialmente viável por conta do baixo tráfego de leitura. É muito mais pela qualidade e relevância” (apud NARCIZO, 2015). Para divulgação dessas produções Marcelo Leite cita algumas estratégias que, a princípio, parecem aproximar-se de estratégias transmídia como a veiculação em jornal impresso, mídias sociais, TV e produção de teasers.

O reforço da credibilidade, que se efetiva por meio do contrato fiduciário firmado entre a empresa de comunicação e seu público, parece ser um fator importante para veículos jornalísticos investirem em produções transmídia. Segundo Alsina (2009), para cumprir a primeira função do jornalismo que é “fazer saber”, há uma condição prévia que consiste em “fazer crer” que o que a empresa de jornalismo diz é verdade. Se essa condição não se cumpre, o discurso não se efetivará como informativo. Assim, as motivações para adoção de estratégias

transmídia no jornalismo podem estar mais relacionadas a resultados mais qualitativos que essas produções podem alcançar, isto é, podem reforçar o próprio *ethos* do veículo. Mesmo que não façam parte da rotina diária do veículo e sejam dispendiosas, grandes produções são necessárias de tempos em tempos, para consolidar a imagem de um veículo comprometido com a função social do jornalismo, corroborando sua credibilidade, até mesma pelas premiações e reconhecimento da própria comunidade jornalística.

Conforme citamos anteriormente, ao estabelecer pontos de entrada que partem de distintos interesses e hábitos de consumo, o objetivo de produções transmídia é alcançar uma maior e mais diversificada audiência. No jornalismo em transição, obrigado a conviver com a comunicação de massa e a cultura participativa, o modelo transmídia pode ajudar a atender um público mais apegado a lógicas e formatos mais tradicionais, bem como a novos consumidores ávidos por experiências mais interativas e inovadoras de conteúdos noticiosos.

Para além dessa dimensão mais comercial inerente aos veículos jornalísticos, é possível também pensar as produções transmídias como potencializadoras da própria qualidade do jornalismo. Mensurar essa qualidade não é uma tarefa tão fácil, mas Farré (2008), avaliando a qualidade do gênero televisivo informativo, toma como critério norteador a diversidade, da qual se destacam cinco dimensões: diversidade de opiniões sobre temas de relevância social, diversidade de sujeitos representados de diferentes setores sociais, diversidade de temas tratados, diversidade geográfica que envolva cobertura desde o local ao internacional e diversidade de formatos que possibilitem uma compreensão mais completa da realidade. Tais critérios podem ser aplicados não só ao gênero televisivo informativo, mas ao próprio jornalismo. Pelo que foi tratado até então acerca das narrativas transmídia em sua aproximação com o jornalismo, a utilização desse modelo para grandes reportagens pode oferecer múltiplas possibilidades que atendem, em menor ou maior medida, a estes critérios de qualidade jornalística.

### 2.2.2 *Algumas experiências transmídia em jornalismo*

Até agora apresentamos como alguns elementos do jornalismo se adequam ao modelo transmídia e podem ser incorporados nessas produções. Mas como têm sido a recorrência desse tipo de produção? Que possibilidades é possível visualizar a partir de exemplos concretos? A resposta a essas questões esbarra em algumas dificuldades: a primeira é a falta de parâmetros mais claros por parte de pesquisadores para caracterização do que seja uma narrativa transmídia, mesmo considerando suas características e princípios aplicados ao jornalismo; a segunda, as

iniciativas são escassas e, como se trata de um modelo ainda em experimentação, os casos encontrados apresentam caráter de ensaio. Ainda assim, elencaremos algumas contribuições que julgamos significativas de pesquisadores sobre produções transmídia no jornalismo.

A partir do estudo de caso do Jornal da Record News, que se apresenta como telejornal transmídia, Sofia Costa Rêgo (2017) discute como o telejornalismo vem explorando a transmidiação através da articulação entre TV e internet, sobretudo redes sociais. Seguindo a mesma abordagem de Fachine et al. (2013), a autora identificou estratégias de propagação, de valor mais promocional, e estratégias de expansão, de valor mais informativo. Apesar destas últimas promoverem o desdobramento informativo com análises das notícias e continuidade das entrevistas no Facebook e no Youtube da emissora durante os intervalos e após a transmissão pela TV, o destaque da pesquisa de mestrado da autora está numa das estratégias de propagação que tinham por função a construção do *ethos* do telejornal. Ações como a veiculação de vídeos de bastidores na página pessoal do âncora no Facebook ou a transmissões de reuniões de pauta em clima de descontração colaboravam para reforçar a imagem de um telejornal, neste caso, próximo, confiável de credibilidade. Projetos transmídia colaboram, então, para construir o *ethos* de um jornal inovador, que trata com profundidade a informação, formando a própria imagem do veículo junto a sua audiência.

Martins e Calado (2018) partem da premissa dessa mesma estratégia de construção do *ethos* do telejornal para analisar como ela se dá no perfil no Twitter do apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, Willian Bonner. Os pesquisadores notam uma postura menos formal e mais descontraída do apresentador, que o torna mais próximo de seus seguidores, e não está dissociada de sua atuação à frente do telejornal de maior audiência do país, já que o programa é um dos temas mais recorrentes nas postagens do jornalista na rede social.

Alzamora e Tárzia (2013), discorrem em que medida a cobertura das Olimpíadas de 2012, realizada pela BBC (*British Broadcasting Corporation*), pode ser considerada transmídia. A estratégia utilizada pelas mídias do grupo, denominada de “narrativa conectada”, foi veicular um grande volume de imagens, vídeos, textos e dados que permitisse “ao telespectador circular pelas plataformas e complementar informações, cumprindo um dos princípios do jornalismo transmídia” (ALZAMORA; TÁRCIA, 2013, p. 11). As autoras concluem que esse modo de operação representa “a possibilidade de um telejornalismo transmídia, que transbordaria a tela da televisão para explorar, de forma complementar e orquestrada, as possibilidades narrativas do PC, do celular e dos *tablets*, com ampla participação e engajamento dos chamados prosumidores” (ALZAMORA; TÁRCIA, 2013, p. 15).

Para Renó e Flores (2018), mobilidade e interatividade são diferenciais das produções transmídia que devem ser utilizados para envolver e atrair o consumidor. Com base num projeto experimental, os autores defendem a viabilidade de produzir notícias em formatos diversos (texto, foto e vídeo), a partir de um aparelho de telefone celular e contando apenas com um blog e redes sociais para distribuir e repercutir as notícias, incentivando a participação dos usuários.

Outra significativa contribuição dos autores é a análise de um caso de utilização de jogos numa produção da *Radio e Televisión Española*, mostrando as possibilidades de interação entre informação e satisfação cognitiva. O *docugame Montelab*, que discutia a crise imobiliária e econômica espanhola que afetou o país em 2008, foi exigido na televisão e prolongava-se na web através de um jogo que, apoiado em investigação de dados digitais, apresentavam conteúdos jornalísticos (vídeos, áudio, infografias, textos, etc), para subsidiar decisões dos usuários nas escolhas de, por exemplo, comprar ou alugar um apartamento. A medida que o jogo prosseguia, novos problemas iam aparecendo, contextualizando a situação do país na época da crise e fazendo com que os usuários se colocassem no lugar das pessoas que vivenciaram aquela realidade.

Canavilhas (2018) considera fundamentais para classificar uma produção jornalística transmídia que se seus conteúdos se expandam através de diferentes mídias, formatos e linguagens, que sejam autônomos e possam ser pontos de entrada da narrativa, e que haja uma participação da audiência, seja pelo compartilhamento ou agregando novos elementos ao produto. Para exemplificar o uso desses critérios, o autor analisa o programa de TV português *E se Fosse Comigo?*, que tratava de temas como preconceito e intolerância social. O programa foi produzido pelo grupo *Imprensa*, um dos maiores grupos de mídia de Portugal, e envolveu o canal de televisão aberta SIC (Sociedade Independente de Televisão), o canal a cabo SIC Notícias, trabalhos publicados em dois grandes jornais do país, o semanário *Expresso* e a revista *Visão*, e em uma rede social online. Canavilhas (2018) concluiu por considerar essa produção como transmídia, mesmo que nem sempre tivesse ocorrido uma perfeita integração entre conteúdos e plataformas:

Na verdade, a transposição ocorre em muitas situações, com a replicação do mesmo conteúdo em diversas plataformas, mas algumas vezes com pequenas adaptações, tais como redução da duração dos vídeos. A conexão entre pedaços da narrativa existe e o usuário podem começar lendo diversos conteúdos e plataformas sem problemas para entender o assunto do programa. A contribuição do usuário pode ocorrer através da participação no próprio programa televisivo, mas também via websites e comentários nas redes sociais online, em que são referidas por jornais, dando origem a novos conteúdos sobre o assunto (CANAVILHAS, 2018, p. 11, tradução nossa).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> “Actually, the shovelware occurs in many situations, with the replication of the same content in diverse platforms, but sometimes with small adaptations, such as reducing the duration of the videos. The connection

Pimenta (2018) recupera a reportagem *Sozinhas: histórias de mulheres que sofrem violência no campo*, publicada em julho em 2017 em veículos do Grupo RBS, para analisar se se trata de uma produção transmídia. A reportagem, vencedora de três prêmios jornalísticos (Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, Prêmio NSC e Prêmio Massey Ferguson de Jornalismo), relata histórias de violências física, psicológica e financeira sofrida por agricultoras e compunha-se de uma reportagem na web, uma reportagem impressa, uma reportagem radiofônica e uma reportagem televisiva. Apesar de postular que a produção “possui conteúdos que se completam em diferentes plataformas” (PIMENTA, 2018, p. 10), a autora não deixa claro, em seu trabalho, o nível de complementariedade, parâmetro necessário para distinguir de uma produção crossmídia, com conteúdos adaptados.

A partir das hipóteses de que o modelo transmídia pode ser aplicado em produções jornalísticas, percorremos as principais questões levantadas nesse processo de adaptação. Parece lógico considerar que as características e princípios transmídia manifestam-se nesses objetos culturais de maneira original, sem que estejam necessariamente atrelados a inovações tecnológicas. Por representar um dos fenômenos mais arrojados no âmbito da comunicação, narrativas transmídia são facilmente associadas com novas mídias, formatos híbridos e recursos interativos. De fato, esses elementos enriquecem esse tipo de produção, mas não a caracterizam. No jornalismo, não é a simples produção de um newsgame, um vídeo em 360 graus ou uma rede social que nos dirá tratar-se de narrativa transmídia, mas, antes, as articulações que os conteúdos, propostos para diferentes plataformas de mídias, podem promover entre si.

Ressaltamos também que, ao investigar a utilização do modelo de produção transmídia no jornalismo, não pretendemos postular uma nova modalidade nesse campo ou definir o que seja um jornalismo transmídia. Nossa preocupação consiste em averiguar como um modelo de produção cultural já praticado em outras áreas que pode ser assumido pelo jornalismo, considerando suas implicações e possibilidades, segundo a perspectiva teórica que já explicitamos. Produções transmídia jornalísticas não constituem uma prática específica, como o jornalismo investigativo, literário, ou opinativo, por exemplo. Também não pode ser associado a uma especialidade temática, como o jornalismo econômico, cultural ou, esportivo, tampouco pode ser definido a partir de uma linguagem como fotojornalismo, telejornalismo ou

---

*between story chunks exists and the user could start reading from several contents and platforms without problems to understand the subject of the program. The contribution of the user can occur through the participation in the television show itself, but also via the websites and online social media network comments, which were referred by the newspapers, giving rise to new content about the subject”*

radiojornalismo. Produções transmídia jornalísticas parecem assumir uma perspectiva mais transversal a todos esses recortes e modalidades do campo, porque envolvem articulação entre mídias, conteúdos e estratégias.

Com esse entendimento, avançaremos, no capítulo seguinte, na tentativa de compreender quais são e como se estabelecem as relações entre os conteúdos que constituem um mesmo projeto transmídia. Os fundamentos para este estudo terão como aporte as teorias da linguagem, considerando que se tratam, em última instância, de relações textuais. Em seguida, procuraremos desenvolver nossa hipótese de que as estratégias de expansão transmídia, que se manifestam também como narrativa transmídia (Jenkins, 2009a), podem ser compreendidas a partir do nível discursivo do texto jornalístico, isto é, pelos percursos temáticos e figurativos que constituem a narrativa, possibilitando a construção de conteúdos complementares ou desdobrados para mais de uma mídia.

### 3 RELAÇÕES TEXTUAIS TRANSMÍDIA E NARRATIVIDADE NO JORNALISMO

Compreender a transmídiação implica discutir as relações que os conteúdos propostos para diferentes suportes de mídias e plataformas estabelecem entre si, considerando suas linguagens específicas. Influenciados pelo potencial interativo e convergente das mídias digitais, as primeiras compreensões do fenômeno transmídia deram ênfase à utilização de múltiplos suportes, explorando bem menos as relações entre os conteúdos como pressuposto da construção de uma narrativa. Daí resulta certa ausência de clareza quanto a caracterização de produções transmídia, que se enquadrariam mais como *crossmedia*, multimídia ou hipermídia. Essas classificações surgiram a partir do mesmo ambiente de convergência midiática, integram o mesmo universo discursivo, mas caracterizam distintas formas de associação.

Apesar do sufixo -mídia comum a todos esses termos, o que os diferenciam, como já explicitamos anteriormente, são os tipos de relações que regem a forma de produção e distribuição: *crossmedia* tem sido entendido como o entrecruzamento de mídias por meio da adaptação de conteúdos que mantém a mesma essência narrativa (FINGER, 2012); multimídia remete à coordenação de diferentes tipos de linguagens e formatos, tradicionalmente manipulados em separado, em vista de uma única mensagem (SALAVERRIA, 2014), e hipermídia é resultado da combinação entre multimídia e o hipertexto (*links* ou nós que remetem a outros documentos), rompendo com a costumeira organização sequencial de um texto (SANTAELLA, 2014). Apesar das fronteiras conceituais se apresentarem bastante próximas, em cada um dos casos prevalece um tipo de relação – adaptação, coordenação e combinação – de diferentes elementos – conteúdos, linguagens e práticas que envolvem suas produções.

Na transmídiação presenciamos uma articulação sinérgica entre os conteúdos distribuídos em distintas mídias e plataformas, baseada em estratégias de propagação e expansão, conforme descrevemos no capítulo anterior. Nas estratégias de expansão pode ser proposta uma arquitetura textual e midiática tão entrelaçada que, através de uma interdependência de programas narrativos, os conteúdos se complementam e ao mesmo tempo possuem autonomia de sentido, tal como descrito por Jenkins (2009a) ao falar da *transmedia storytelling*, na qual o que se tem é “cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (p. 138).

Trata-se, portanto, não somente de uma relação diferente daquelas apontadas acima, como de múltiplas e diferenciadas relações vinculadas de tal maneira que não podem ser

compreendidas isoladamente. Não se restringem à ligação entre duas mídias ou plataformas, pois, ainda que essa relação seja condicionante para sua existência, envolve a produção de conteúdos dentro do mesmo universo narrativo. Tais conteúdos devem estar associados e, apesar de espalhados em diversas mídias, devem aproveitar-se de sua potencialidade comunicativa e organizar-se a partir de um conteúdo de referência, que desenvolve o programa narrativo principal, e de outros conteúdos associados. Esses conteúdos também não surgem ou são distribuídos de maneira espontânea. Ainda que essa circulação seja favorecida pela ação dos destinatários-consumidores, são projetados e articulados por uma instância produtora que utiliza seus múltiplos canais para o engajamento e aumento da audiência. Não assume essa audiência um papel meramente receptivo; embora sua participação seja ‘controlada’, sem a ação do destinatário-consumidor de percorrer o caminho proposto pelos produtores para fazer a relação entre os conteúdos, a transmídia não acontece de fato.

Para compreender como acontece esse complexo processo de articulação no qual se estruturam as produções transmídia, e mais especificamente as narrativas transmídia no jornalismo, nos propomos a observá-los a partir de pressupostos dos estudos das ciências da linguagem. As abordagens discursivas contribuem conceitual e metodologicamente para análise de fenômenos e práticas midiáticas, fornecendo bases para investigações acerca dos sentidos dessas manifestações e seus modos de textualização.

Entendido como objeto de significação, isto é, enquanto texto, os fenômenos transmídia apresentariam, para além do que já citamos, múltiplas relações, que na perspectiva dos estudos de linguagem podem ser abordadas sob dois ângulos complementares: “os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido” e “o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos” (FIORIN, 2008, p. 10). Uma vez que nosso objetivo é explicitar os mecanismos de estruturação das narrativas transmídia e compreender seu modo de organização e os sentidos que exerce no jornalismo, nos debruçaremos então sobre a primeira perspectiva. Estes procedimentos de organização textual, de explicar “o que o texto diz” e “como o diz”, nos aproximam também da semiótica (BARROS, 2005)

Mas o que caracteriza um texto e que vínculos essa manifestação do discurso apresenta? Num primeiro momento, para recuperar as raízes dessas relações no discurso, um ponto de partida seria retomar as contribuições de Bakhtin (1998, p. 88) sobre dialogismo, “orientação natural de qualquer discurso vivo”, conceito do qual deriva também a noção de intertextualidade proposta por Kristeva (2005, p. 68), segundo o qual “todo texto se constrói como mosaico de

citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”<sup>11</sup>. Esses referenciais nos permitem delimitar o texto enquanto elemento da linguagem e ao mesmo tempo compreender as relações que ele pode estabelecer com outros textos. Daí avançam alguns estudos acerca dos vínculos que os textos estabelecem, sem restringi-lo à intertextualidade. Genette (2010) amplia o leque dessas relações concebendo a transtextualidade enquanto propriedade de todo texto, que se manifesta em cinco tipos: paratextualidade, intertextualidade, metatextualidade, arquetextualidade e hipertextualidade. Trata-se de um referencial teórico que tem sido utilizado por autores como Scolari (2014) e Fachine (2016) para compreender os modos de articulação de um texto transmídia.

Como dentre as manifestações da transmidiação nosso enfoque são as narrativas transmídia no jornalismo, um olhar mais atento às nuances da própria narrativa jornalística nos levou a considerar a pertinência de aprofundar as estruturas discursivas dos enunciados (tematização e figurativização). Considerando que as narrativas transmídia caracterizam-se pela expansão dos textos, e que as grandes reportagens se estruturam a partir de aspectos temáticos, postulamos que os conteúdos transmídia de expansão, que permitem classificar as produções como narrativas transmídia, são mais facilmente identificados no jornalismo através dos desdobramentos temáticos e figurativos, cujos percursos estruturam todo o texto transmídia. É essa a hipótese que, baseada em proposições de Fachine (2013-2016) e já testadas em Macedo (2016), procuraremos desenvolver e fundamentar a seguir, tomando por base alguns pressupostos teóricos das teorias da linguagem.

### 3.1 O texto transmídia e suas relações

Toda ação comunicativa implica relações. Para Bakhtin (apud FIORIN, 2016, p. 21), “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos”, quer dizer, “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. Esse modo dialógico de funcionamento da linguagem, princípio de todo enunciado, aponta para as primeiras relações que o discurso estabelece. De forma mais explícita, os enunciados absorvem o discurso alheio citando-o diretamente ou misturando as vozes dos

---

<sup>11</sup> A noção de intertextualidade nasce da concepção bakhtiniana dialógica dos enunciados, mas tratam-se de conceitos que não devem ser tomados como sinônimos. Segundo Fiorin (2016), o termo intertextualidade não aparece na obra de Bakhtin, e foi introduzido por Julia Kristeva em 1967, que chama “*texto*” o que Bakhtin denomina *enunciado*. O linguista esclarece, ainda que o enunciado é da ordem do sentido enquanto texto é uma manifestação deste, isto é, uma “realidade imediata, dotada de materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos” (FIORIN, 2016, p. 57).

sujeitos da enunciação, que são também constitutivamente dialógicas. Por conseguinte, as relações dialógicas podem se manifestar nos textos, ou mais precisamente entre textos e dentro dos textos.

Mas o que seria o texto? O autor russo centra-se no estudo do texto como enunciado na comunicação verbal, mas amplia significativamente seu sentido ao considerá-lo um “conjunto coerente de signos”, objeto tanto das disciplinas filosófico-humanistas como das ciências da arte, manifestado em um sistema compreensível para todos, seja ele pictórico, gestual, etc. (BAKHTIN, 1997). Para Bakhtin o texto é a realidade imediata que manifesta um enunciado, e, portanto, mantém em si relações dialógicas com outros textos (manifestações de enunciados), que não dependem exclusivamente da forma verbal para se constituir.

A semiótica, que tem por objeto de estudo o texto, também não restringe seu sentido, definindo-o sob duas formas complementares: “como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido””; e “como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos”, que “encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas” (BARROS, 2005, p. 11, grifos da autora). Dessa maneira, o texto pode ser tanto linguístico, oral ou escrito, quanto visual, gestual ou mesmo construído por uma interação de linguagens. Com base nessas noções, e para efeito desta pesquisa, nomearemos de textos todos os conteúdos que compõem uma produção transmídia, sejam verbais ou não-verbais, materializados em suporte midiático ou fora dele.

Esclarecida a compreensão de texto, é preciso aprofundar as relações que ele estabelece. Se é inerente a todo texto manter relações, quais seriam as relações constitutivas das produções transmídia e como elas contribuiriam para entender o seu funcionamento e organização? Em produções de séries e filmes transmídia, por exemplo, algumas relações propostas entre os conteúdos são propositalmente implícitas: para explorar o potencial de “escavação” dos fãs, produtores deixam pistas ao longo da narrativa para que o destinatário-consumidor (mais precisamente o fã) vá em busca de novas experiências. Outras práticas, no entanto, apostam em modos mais visíveis para marcar a ligação entre os textos e aumentar as chances de o destinatário-consumidor acessar os diversos textos. Essa última perspectiva parece-nos mais adequada às produções transmídia jornalísticas, considerando que nesse campo do conhecimento o sentido da mensagem não pode se apresentar incompleto, sob risco de comprometer a própria credibilidade do enunciador. Para avançar rumo a uma resposta

satisfatória a essas questões, uma primeira tarefa será caracterizar esse tipo especial de manifestação do discurso (texto) que aponta para o imbricamento de múltiplas relações.

Segundo Fechine (2014), o texto transmídia pode ser concebido como a “totalidade da manifestação que resulta da articulação de enunciados correlacionados e distribuídos em distintas plataformas tecnológicas” (p. 121), isto é, como texto em ato, que se manifesta à medida que o destinatário-consumidor segue o percurso proposto pelo destinador-produtor. A autora concebe o texto transmídia como “uma instância (englobante) que resulta da “ativação” das relações propostas entre os componentes (englobados) do projeto” (FECHINE, 2014, p. 124). A ideia de texto em ato, “que incorpora o ato de enunciação e a interação entre enunciador e enunciatário como parte constitutiva de sua própria manifestação” (FECHINE, 2014, p. 117), nos remete à interatividade inerente ao texto transmídia, que propõe ao destinatário-consumidor a atividade de “ligar” os textos englobados produzidos pela instância produtora. O texto transmídia é, portanto, um todo que se manifesta a partir das relações entre as partes, isto é, o texto de referência em torno do qual orbitam textos associados.

### *3.1.1 Transtextualidade e transmídiação*

Para avançarmos na compreensão das relações que os textos transmídia estabelecem entre si, consideramos relevante a contribuição da taxonomia textual proposta por Genette (2010). Ao desenvolver a noção de transtextualidade, o teórico francês identifica cinco níveis de relações textuais, descrevendo um modelo que pretende explicar como os textos são gerados e como funcionam tais relações. Define, portanto, uma tipologia geral de todas as relações que os textos mantêm uns com os outros, circunscrevendo-as a fim de melhor compreendê-las, mas também reconhecendo seus diversos entrecruzamentos.

Segundo Genette (2010, p.13), a transtextualidade é a própria transcendência textual do texto, isto é, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. Essas relações podem se apresentar sob cinco tipos, enumeradas em ordem crescente de abstração, implicação e globalidade: **intertextualidade**, **paratextualidade**, **metatextualidade**, **hipertextualidade** e **arquitectualidade**. Apesar dessa tipologia, o teórico francês faz dois alertas ao tratar das relações transtextuais: não devem ser consideradas classes acabadas, sem comunicação ou interseção entre si, nem tratadas como “categorias de textos, mas como aspectos da textualidade” (GENETTE, 2010, p. 23).

A primeira das relações observadas pelo autor, e a mais explicitamente presente nos textos, é a **intertextualidade**. Retomando as noções de estudiosos como Julia Kristeva e

Michael Riffaterre, Genette (2010) define a intertextualidade simplesmente como “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro”. (GENETTE, 2010, p. 14). A intertextualidade manifesta-se a partir de dois traços distintos: a literalidade e a adesão canônica: a citação seria a forma mais literal e explícita; o plágio, a forma menos explícita e menos canônica, um empréstimo não declarado, ainda que literal; e a alusão, forma ainda menos explícita e menos literal porque sua plena compreensão pressupõe a percepção da relação existente, caso contrário tornam-se ininteligíveis.

Robert Stam (2003) procura aplicar as categorias genettianas aos estudos cinematográficos e reconhece práticas intertextuais como citação e alusão em filmes pela evocação verbal ou visual em outro filme. O pesquisador chega a propor, inclusive, formas de intertextualidade que se estabelecem pela presença de celebridades que evocam um gênero ou meio cultural, pela aparição de filhos e filhas de atores e atrizes conhecidos do público, pela referência ao próprio filme e até mesmo a pseudo-evocação a outros gêneros cinematográficos.

Nas produções transmídia do jornalismo poderíamos conceber como presença de um texto em outro a utilização de imagens, infográficos, marcas gráficas, fontes, estilos ou mesmo textos escritos, reproduzidos, no todo ou em parte, em um texto para uma outra mídia. O processo de reedição dos conteúdos, em que se recupera parte do texto de referência ou de textos associados, para propor um novo conteúdo parece configurar-se como intertextualidade. Nesse caso, por serem acionados pela instância produtora, a canonicidade seria traço constitutivo. Quanto à literalidade, situar-se-ia entre a citação e alusão, isto é, não seria necessariamente explícita, mas também não tão implícita a ponto de comprometer a compreensão da ligação entre os textos. Esse jogo de não se mostrar e ao mesmo tempo dar-se a conhecer atende a um duplo interesse: é necessário marcar a relação entre os conteúdos como parte do texto transmídia para fomentar seu consumo, mas ao mesmo tempo essa relação não deve ser de repetição sob pena de frustrar as expectativas dos destinatário-consumidores.

A segunda relação transtextual é a **paratextualidade**, aquela que, no conjunto de uma obra literária, o texto mantém com outros textos considerados acessórios. A função dos paratextos é direcionar a leitura, facilitando, de algum modo, a apreensão do sentido do texto em torno do qual orbita. Genette (2010) enumera alguns exemplos da literatura que nos permitem listar algumas destas finalidades: podem introduzir o texto (título, subtítulo, intertítulos, prefácios e prólogos), fazer ressalvas ou adendos (posfácios, advertências e notas explicativas), estabelecer referências (epígrafes), representá-lo em outra linguagem (no caso das ilustrações, representando visualmente) ou chamar atenção por meio de algum aspecto em

vista de seu consumo (*release*, orelha, capa). Os paratextos guiam e enriquecem de algum modo a leitura de outro texto, sem que sejam necessários ou essenciais à sua compreensão. O autor atenta ainda para o fato de que uma obra inteira pode funcionar como paratexto de outra.

Fechine (2018) associa a paratextualidade nas manifestações transmídia à necessidade de marcar a remissividade entre os textos através de “ “instruções” e informações contidas nos próprios textos acerca das relações que mantém uns com os outros” (p. 12). Os paratextos, nesse caso, exercem o papel fundamental de fazer com que o destinatário-consumidor desperte o interesse para acessar um outro conteúdo, orientando esse processo. Disponibilizar o endereço eletrônico de um conteúdo, referenciar dia e horários de eventos, programas ou publicações em outras mídias ou instruir sobre como utilizar um recurso interativo podem ser alguns exemplos de práticas paratextuais transmídia.

No jornalismo as funções que exercem um paratexto nos levam a enumerar alguns tipos de textos ou formatos: para introduzir um texto ou chamar atenção para ele por meio de algum aspecto (manchete, *teaser*<sup>12</sup>, chamada<sup>13</sup>, escalada<sup>14</sup>, postagens em redes sociais, ...), para fazer ressalvas ou adendos (boxe<sup>15</sup>, errata<sup>16</sup>, nota pé<sup>17</sup>, ...), para estabelecer referências (olho ou trecho<sup>18</sup>, serviço<sup>19</sup>, legenda, chapéu<sup>20</sup>, sumário<sup>21</sup>, título de caderno, selo<sup>22</sup>, ...), para representá-lo em outra linguagem (linha do tempo, gráfico, tabela, números, arte<sup>23</sup>, ...), entre outros.

A **metatextualidade**, terceiro tipo de relação entre textos, é associado por Genette (2010) ao “comentário”, a ligação de “um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo” (p. 17). Trata-se de uma relação crítica por excelência, que se estabelece no apelo que o texto faz à sua

<sup>12</sup> “Pequena chamada gravada pelo repórter sobre uma notícia, para ser colocada na escalada do telejornal. Serve para atrair a atenção do telespectador. O *teaser* pode ser só de imagem”. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 198)

<sup>13</sup> “Resumo (pequeno flash) de uma notícia, lido pelo locutor antes ou ao início de um programa informativo (radiojornal ou telejornal), para atrair o público. Este recurso pode ser utilizado também ao final de cada segmento, antes de um intervalo comercial, para anunciar as notícias ou atrações do próximo segmento e “segurar” a audiência” (RABAÇA; BARBOSA, 2002, verbete Chamada.)

<sup>14</sup> Manchetes ditas pelos apresentadores na abertura do telejornal destacando as notícias mais importantes.

<sup>15</sup> “Texto pequeno, em meio de matéria extensa, composto em tipos diferentes e colocados entre fios horizontais” (ERBOLATO, 2003, p. 241).

<sup>16</sup> Colunas mantidas por jornais, a exemplo da Folha de S. Paulo, para retificar os erros de edições anteriores.

<sup>17</sup> Informações complementares lidas pelo apresentador depois de um VT.

<sup>18</sup> “Realce de passagens-chave da matéria. Bem escolhidas, provocam o leitor. Despertam nele a vontade de ir além” (SQUARI, 2005).

<sup>19</sup> Orientações, ao final de uma notícia, de utilidade pública tais como endereço, contatos, valores, etc.

<sup>20</sup> Pequena informação sobre o título de reportagens de revistas e jornais de frase curta relacionada ao assunto.

<sup>21</sup> Chamada resumida nas primeiras páginas de revista, relacionado as principais matérias da edição.

<sup>22</sup> “Ilustração que se usa para identificar um assunto ou uma notícia produzida pela editoria de arte” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 197)

<sup>23</sup> “Ilustração visual gráfica, computadorizada, inserida na reportagem para facilitar a compreensão da matéria. Podem ser animadas ou não” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 192)

própria interpretação. “No limite, toda reflexão sobre o fenômeno literário é de natureza metatextual” (METATEXTUALIDADE, 2009).

Analisando a obra machadiana, França (2008) entende a metatextualidade como uma estratégia silenciosa que se estabelece através de alusões e diálogos velados, exemplificando o conceito genettiano a partir das evocações e críticas que Machado de Assis faz a Darwin e sua teoria evolucionista. “Ora, mesmo sem dar nome aos bois, sabemos que o *Humanitismo* e a teorização que resulta na máxima (cínica) “ao vencedor, as batatas!”, por exemplo, estão inegavelmente evocando de forma silenciosa *A Evolução das Espécies*” (p. 52)

Relações metatextuais também podem ser encontradas no jornalismo quando um texto comenta, elogia ou critica outros textos jornalísticos. Não parece que seja o caso de associar diretamente a metatextualidade aos gêneros Comentário (CHAPARRO, 2008) ou Opinativos (MELO, 2003), pois comentam acerca de determinado fato, assunto ou problema que tem um referencial externo ao texto. Se considerarmos que para Genette (2010) as relações transtextuais são uma transcendência específica que se distingue da transcendência que une o texto à realidade extratextual, podemos restringir a metatextualidade aos comentários e críticas aos próprios textos, que na lógica transmídia se manifestaria como um comentário sobre os demais textos que compõem o projeto transmídia. Encontraríamos, então, crítica ao próprio modo de fazer jornalismo manifestas no discurso, abordagens reduzidas, correções e sugestões, que tem espaço no próprio jornal através de espécies como cartas dos leitores ou colunas nos jornais que possuem maior independência editorial. No cenário digital, esses tipos de comentários e críticas têm se tornado cada vez mais frequentes em sites, blogs e redes sociais. Essa ampliação de possibilidades gerada pela cultura participativa nos leva ao questionamento a respeito das relações metatextuais como parte das estratégias transmídia, já que partem da instância produtora. O que delas decorrem, isto é, os comentários, críticas e outras manifestações de colaboradores ou de destinatários-consumidores parecem transitar em dois níveis: ao mesmo tempo que podem ser mobilizados como parte de uma estratégia dos produtores para gerar engajamento, podem também ser textos independentes que subvertem, inclusive, o sentido dado pela instância produtora. Em ambos os casos os conteúdos se situam dentro de um universo interacional transmídia.

A relação mais abstrata e implícita que os textos mantêm foi denominada por Genette (2010) de **arquitextualidade**. É uma relação completamente silenciosa ou, no máximo, marcada por uma menção paratextual de caráter taxonômico, uma vez que “a determinação do *status* genérico de um texto não é sua função, mas, sim, do leitor, do crítico, do público, que podem muito bem recursar o *status* reivindicado por meio do paratexto” (p. 17). O estatuto ao

qual pertence um texto e que orienta a leitura do destinatário-consumidor é parte da arquitextualidade, já que se trata de uma noção difícil de ser definida, uma vez que mescla formas, conteúdos temáticos e efeitos pretendidos, além de se mostrar variáveis historicamente.

A arquitextualidade nos remete, em última instância, à relação de um texto com sua estrutura de “origem”, isto é, com formas de textos já consolidadas culturalmente a partir de diversos elementos que determinam seu reconhecimento. As possibilidades de categorização são múltiplas. Se tomarmos o próprio campo jornalístico teríamos estatutos específicos a partir de cada linguagem (imprensa escrita, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo), a partir das formas (para citar o jornalismo impresso teríamos a nota, notícia, reportagem, entrevista), dos temas que trata (jornalismo internacional, político, econômico, cultural, científico, esportivo, etc) e das práticas (jornalismo investigativo, de dados, comunitário, literário, etc.).

Dentro de um texto transmídia, a arquitextualidade se manifestaria de maneira quase indiferente ao destinatário-consumidor e, por consequência, não apresentaria muito interesse de exploração pela instância produtora. Definido a partir do texto de referência (uma série, um filme, um caderno especial), e de uma mídia regente (jornal, rádio, TV etc.) os textos produzidos para outras mídias poderão guardar semelhanças com o formato de referência (uma websérie, webdocumentários, uma reportagem multimídia), mas esta não parece ser uma relação necessária nem tampouco uma relação arquitextual plena. Se a função de um arquitexto está mais relacionada à expectativa do consumo/leitura do texto ou ao que esperar dele com base num repertório compartilhado socialmente sobre aquele gênero de conteúdo, esse não parece ser o caso de uma produção transmídia, sobretudo no jornalismo, por se tratar de um modelo ainda em experimentação. Uma possibilidade para pensar a arquitextualidade transmídia no jornalismo poderia ter como ponto de partida a categoria “especial”, que parece indicar antecipadamente ao destinatário-consumidor tratar-se de produções de maior relevância e investimento do veículo, uma espécie de qualificador utilizado por diferentes meios: caderno especial (impresso), reportagem especial (televisão e rádio) e especial multimídia (para web).

A **hipertextualidade** é a relação da qual mais se ocupa Genette (2010) dentre a tipologia transtextual, entendendo-a como “toda relação que une um texto B (que chamarei *hipertexto*) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei *hipotexto*) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário” (GENETTE, 2010, p. 18, grifos do autor). Trata-se de uma relação marcada pela derivação, podendo ser citado ou não, que mantém certa dependência existencial em relação a um texto anterior.

Genette (2010) esclarece ainda que o hipertexto não necessariamente fará referência ao hipotexto, mas mantém relação existencial com ele, através de uma operação que denomina

“transformação”, evocando-o “mais ou menos manifestadamente, sem necessariamente falar dele ou citá-lo” (GENETTE, 2010). A diferença entre um metatexto e um hipertexto reside no fato deste último se constituir enquanto derivação que mantém a mesma natureza narrativa do texto que tem como referência, admitindo a existência de exceções. Os tipos de transformação dos textos apontados são dois: uma transformação simples, ou direta, que transporta a ação para outro tempo e lugar; uma transformação mais complexa e indireta, que se inspira no tipo genérico (formal e temático) do seu antecessor.

Outra característica do hipertexto, isto é, de um texto derivado é que ele pode “ser lido por si mesmo e comporta uma significação autônoma e, portanto, de uma certa maneira suficiente” (GENETTE, 2010, p. 143), ainda que não exaustiva. O teórico francês refere-se a uma ambiguidade presente em todo hipertexto de poder ser lido por si mesmo e na sua relação com seu hipotexto. A hipertextualidade promove, assim, uma leitura relacional (dois ou vários textos) em que a leitura de um texto ajuda a leitura de um outro.

Essa duplicidade do objeto, na ordem das relações textuais, pode ser figurada pela velha imagem do *palimpsesto*, na qual vemos, sobre o mesmo pergaminho, um texto se sobrepor a outro que ele não dissimula completamente, mas deixa ver por transparência. (...) O hipertexto nos convida a uma leitura relacional cujo sabor, tão perverso quanto queiramos, se condensa muito bem neste adjetivo inédito que Philippe Lejeune inventou recentemente: leitura *palimpsestuousa* (GENETTE, 2010, p. 144-145, grifos do autor).

Todos esses traços que caracterizam as relações hipertextuais ajudam a compreender as relações mais complexas entre os textos englobados que formam o texto englobante transmídia. Para Fechine (2018), a hipertextualidade está intrinsecamente ligada a esse modo de organização, seja como um modo de existência de “manifestações englobantes e em ato”, seja como uma relação transtextual:

Nas manifestações transmídias, podemos considerar que a relação de determinados conteúdos com o texto de referência é hipertextual na medida em que dele deriva, acionando uma complementaridade de sentido. Nessa perspectiva, podemos considerar que um conteúdo transmídia (que é um texto secundário quando considerado em relação ao principal) estabelece uma relação hipertextual com o texto de referência sempre que funciona como seu complemento ou desdobramento, o que ocorre mais frequentemente nas estratégias de expansão (FECHINE, 2018, p. 54).

A relação hipertextual ilustra bem a interdependência e autonomia existente entre os textos de uma narrativa transmídia, porque organizam elementos e programas narrativos complementares e ao mesmo tempo autônomos de sentido, promovendo uma espécie de derivação entre textos. A expansão narrativa acontece através de desdobramentos que incidem diretamente no encadeamento das ações, desenvolvendo o universo narrativo para além do texto de referência. Essa elaboração mais sofisticada de conteúdo para diferentes mídias e/ou plataformas pode acontecer através do aprofundamento de universos paralelos, de

desdobramentos que avançam ou retroagem na temporalidade da narrativa ou desenvolvendo histórias de personagens secundários.

A taxonomia genettiana da transtextualidade contribui para elucidar as relações constitutivas das produções transmídia, entender seu funcionamento e modo de organização. O conjunto dessas relações deve ser ainda considerado porque, conforme lembra o autor, elas devem ser compreendidas como propriedades abertas que se cruzam e se misturam a ponto de, em alguns casos, serem de difícil separação.

As diversas formas de transtextualidade são ao mesmo tempo aspectos de toda textualidade e, potencialmente e em graus diversos, das categorias de textos: todo texto pode ser citado, e portanto, tornar-se citação, mas a citação é uma prática literária definida, que transcende evidentemente cada uma de suas performances e que tem suas características gerais; todo enunciado pode ser investido de uma função paratextual, mas o prefácio (diríamos de bom grado o mesmo do título) é um gênero; a crítica (metatexto) é evidentemente um gênero; somente o arquiteyto, certamente, não é uma categoria, pois ele é, se ousar dizer, a própria classificação (literária): ocorre que certos textos têm uma arquiteytualidade mais pregnante (mais pertinente) que outros, e, como tive ocasião de dizer em outro lugar, a simples distinção entre obras mais ou menos providas de arquiteytualidade (mais ou menos classificáveis) é um esboço de classificação arquiteytual (GENETTE, 2010, p. 23).

A transtextualidade, entendida como essa transcendência do texto, ajuda a compreender a trama textual de uma narrativa transmídia. A partir da derivação ou desdobramento dos textos (hipertextualidade), a narrativa vai se estruturando, mas ao mesmo tempo produzindo textos que a apresentam ou orientam seu consumo (paratextualidade), recuperam partes dela (intertextualidade) em formatos e linguagens próprios de outras mídias/plataformas (arquiteytualidade), que no cenário de cultura participativa possibilitam comentários ou a reinterpretção (metatextualidade), sobretudo por parte dos destinatários-consumidores. Essa descrição hipotética e didática da organização do texto transmídia não se pretende unânime ou linear, pois as funções se interpenetram, fundem-se, ou assumem lugares diversificados; serve, antes, para lançar luz sobre a compreensão das possíveis relações que os conteúdos estabelecem entre si numa produção transmídia. Retomaremos essas relações no capítulo seguinte quando aprofundaremos as estratégias transmídia de propagação e expansão as subcategorias encontradas no jornalismo.

Toda essa base teórica tem como *locus* a literatura, que se aproxima, em boa medida, das narrativas de entretenimento. Nesse campo, a trama textual estrutura-se através de programas narrativos de base e programas narrativos auxiliares. Se concebemos a narrativa transmídia como o todo englobante, esses programas narrativos deverão estar articulados a partir de seus elementos e, como postulamos, através das relações transtextuais. Procuramos aproximar, antecipadamente, tais relações ao jornalismo em vista de não perdermos o rumo da

reflexão. Agora que foram lançados alguns fundamentos que nos permitem compreender melhor as relações dos textos no texto transmídia, precisamos aprofundar um pouco mais acerca da construção da narrativa no jornalismo. Aprofundar suas particularidades se faz necessário para perceber como acontece o desdobramento ou derivação (relação hipertextual) que caracteriza a narrativa transmídia. Com base nestas noções traçaremos o procedimento metodológico que utilizaremos para análise das narrativas transmídia no jornalismo.

### 3.2 A narratividade dos textos jornalísticos

Segundo Bertrand (2003), o esforço para racionalizar a ficção narrativa ganhou impulso com a publicação, em 1966, do número 8 da revista francesa *Communications*, que trazia textos de autores como R. Barthes, A.J.Greimas, C.Bémond, U. Eco, G. Genette, C. Metz e T. Todorov. Desde então a “narratividade” constituiu-se uma quase disciplina também chamada de narratologia. A reviravolta introduzida a partir desses estudos contribuiu para pensar uma narrativa que ultrapassa o encadeamento cronológico, isto é, como estrutura a-histórica, marcada por uma “racionalidade semiótica” que aprofunda os mecanismos formais de seu funcionamento.

O projeto desenvolvido por Greimas e sua escola semiótica pretendeu estruturar uma “sintaxe narrativa” a partir dos estudos das funções da narratividade e, sobretudo, enraizada nas propriedades da linguagem. “O termo narrativa é utilizado para designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 294).

A semiótica concebe a narrativa como um percurso de transformação de estados do sujeito na sua relação de junção com objetos-valor. A relação entre o sujeito e o objeto pressupõe a transitividade entre dois estados fundamentais: o sujeito pode estar em conjunção ou em disjunção com o objeto. Essa unidade elementar ou “molécula da narratividade” – denominada de programa narrativo (PN) – corresponde à transformação de um estado a outro. No primeiro caso, temos um enunciado de estado conjuntivo, o que corresponde a um programa de aquisição (sujeitos em busca de conjunção com o objeto). No segundo caso, temos um enunciado de estado disjuntivo, o que corresponde a um programa de privação (sujeito em busca de disjunção com o objeto). Toda narração possui etapas de transformação e atuantes (ou actantes) invariantes que, no nível discursivo, são recobertas por tematizações e figurativizações variáveis (FECHINE, 2018, p. 50).

Concebida enquanto princípio organizador de qualquer discurso, a narratividade, no entanto, diferencia-se da narração. Essa distinção é importante porque nem todos os textos se constituem como narração. Fiorin (2008) esclarece que a narratividade é componente de todos os textos, mas a narração refere-se a uma determinada classe de textos, a exemplo da descrição

e da dissertação. Dessa maneira, todo texto está dotado de uma narratividade, isto é, relata uma transformação de estado, mas não se apresenta necessariamente como narração, que é caracterizada geralmente pela explicitação das etapas dessa transformação (ações relacionadas à performance do sujeito, sobretudo). É o caso, por exemplo, de alguns textos jornalísticos.

Assumindo essa premissa, podemos dizer que a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Assim, a reportagem “Maior parte da população quer anular Lei da Anistia” (Folha de S. Paulo, 31/03/2014, p. A6), ainda que seja mais descritiva e interprete dados de uma pesquisa, apresenta, já em seu título, uma narratividade mínima: o estado inicial – a Lei da Anistia em vigor –, a transformação – o desejo da maioria da população de que a Lei seja anulada – e um estado final – a lei revogada.

Essa noção de narratividade, mais cara aos estudos literários, tem sido pouco sistematizada nos estudos acerca do texto jornalístico. Segundo Coimbra (1993), há uma valorização do texto enquanto estrutura aberta, ligada ao contexto extraverbal (a relação entre o texto e a realidade). O autor ocupa-se em mapear os elementos que constituem e organizam internamente o texto jornalístico, agrupando-os em três matrizes de gêneros (dissertativo, narrativo e descritivo), que considera “modelos de estrutura do texto da reportagem” (COIMBRA, 1993, p. 12). Como nosso objetivo é compreender também o funcionamento dos textos transmídia, voltamo-nos para a estrutura interna que constitui o próprio texto jornalístico.

Há, porém, que fazer uma outra distinção, entre os textos literários e não-literários, sobretudo porque dentre estes últimos tendem a se situar o texto jornalístico. Fiorin e Savioli (2003) argumentam que essa diferença não está nos conteúdos tratados, que não possuem exclusividade, nem pode ser demarcada pelo caráter ficcional ou não-ficcional, visto que há textos de difícil classificação a partir dessas categorias. Os autores preferem buscar critérios para essa diferenciação nas funções do texto: o texto literário privilegiaria uma função estética, com ênfase no plano da expressão; enquanto o texto não-literário uma função utilitária (informar, convencer, explicar, documentar, etc.), destacando-se o conteúdo. Para mostrar essas características, os autores explicam como a tentativa de resumo de um texto literário destitui todo encanto e essência do texto, ao passo que o não-literário permite essa operação de síntese.

Não podemos negar que há variantes dentro do próprio jornalismo que exploram com mais intensidade o plano expressivo da linguagem através da narração. Citemos, por exemplo, a crônica, situada no limiar da literatura e do jornalismo, as chamadas “histórias de interesse humano” e “histórias coloridas”, associadas por Francisco de Assis a um gênero de jornalismo diversional (MELO e ASSIS, 2010), que encontra raízes no chamado *New Journalism*. Nestes

casos mistura-se ao aspecto informativo do conteúdo o prazer da leitura e o envolvimento com a história.

Sem desconsiderar essas possibilidades, o jornalismo praticado mais recorrentemente por jornais, revistas, emissoras de rádio, pela televisão e portais de notícias privilegiam formatos de textos mais preocupados em informar e interpretar referentes do mundo natural, estruturados em diferentes modos de organização. A notícia, por exemplo, embora se constitua por uma sequência das ações, não segue uma ordem cronológica, mas hierárquica de importância: “uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2003, p 16). A reportagem, por outro lado, permite uma construção textual mais narrativa, seja sequencial, acrônica ou argumentativa, seja mesclando essas tipologias textuais. Concentraremos nossos esforços para avançar no aprofundamento da narrativa da reportagem por ser esse formato o mais apontado por estudiosos como Moloney (2011), Canavilhas (2013) e Renó e Flores (2018) como o mais adequado para produção de narrativas transmídia jornalísticas.

Antes de aprofundarmos algumas referências sobre a narrativa na reportagem, é preciso ressaltar que nosso interesse pelo texto desse gênero jornalístico não desconsidera todo o trabalho de produção que precede sua construção, desde a pauta até o levantamento, as entrevistas e o processo de edição. O uso que fazemos do termo reportagem, no entanto, aponta para o significado específico de uma matéria mais ampla e complexa que a notícia, já publicada em veículo noticioso (MEDINA, 2011).

### *3.2.1 A narratividade nas reportagens*

A reportagem enquanto formato jornalístico é enquadrada tanto entre os gêneros informativo quanto interpretativo. Isso se deve às variações do formato: objetiva (de acontecimentos, de ação, de citações, de seguimento) e interpretativa (aprofundamento, antecedentes, contextualização e humanização). Utilizando-se da Teoria da Narrativa, Coimbra (1993) procura sistematizar o processo de construção do texto da reportagem narrativa elencando um amplo arcabouço de elementos utilizados. Primeiro descreve as possibilidades de foco narrativo para, a seguir, elencar, de maneira pormenorizada, os aspectos do texto jornalístico que giram em torno de modalidades de expressão do tempo (retardação, aceleração, duração), do espaço (físico, social e psicológico) com sua ambientação, e da caracterização dos personagens.

Em termos semióticos, essas modalidades de representação situam-se no primeiro nível de leitura do texto, o das estruturas discursivas, e são, mais especificamente, de ordem figurativa, isto é, possuem um correspondente no plano da expressão do mundo natural. Suas isotopias, isto é, suas recorrências no discurso, dizem respeito ao tempo, ao espaço e aos atores que mobilizam para o desenvolvimento da narrativa. Apesar de debruçar-se sobre o texto literário, Bertrand (2003, p. 154) afirma que “a figuratividade rege em boa medida muitas outras formas e gêneros discursivos: a narrativa mítica, o conto popular, o provérbio, o texto religioso, o discurso jornalístico ou publicitário, os episódios da troca cotidiana, etc.”

Coimbra (1993) discorre também acerca das demais formas de reportagem – descritiva e dissertativa –, detalhando também os elementos discursivos que esses textos mobilizam. No primeiro caso, defende que “toda descrição inicia com uma totalidade – o tema – para, em seguida, dividi-la em partes – nos subtemas...” (COIMBRA, 1993, p. 92). A partir daí, o detalhamento de cada uma das partes pode ser encontrado nas descrições de “ser, paisagem, situação, mundo psicológico e mundo imaginário, isto é, em tudo o que contém um texto descritivo” (COIMBRA, 1993, p. 92). A respeito do texto argumentativo, destaca os métodos de raciocínio fundamentais (indução e dedução) e subsidiários (análise, síntese, classificação e definição), as formas de introdução (declaração, discriminação, interrogação, contestação...), desenvolvimento (enumeração, detalhamento, confronto, comparação, exemplificação, causa e efeito, ...) e conclusão do texto (resumo, surpresa).

As características desses dois modelos de reportagem assemelham-se ao de reportagem documental (*quote-story*), proposto por Sodr e e Ferrari (1986), que consiste num relato mais expositivo e pedagógico, e que, apoiando-se em dados, visa esclarecer sobre um assunto ou pronunciar-se a respeito de um tema ou questão. Tal como Coimbra, os autores descrevem outros modelos (reportagem de fatos e reportagem de a o) nos quais predominam a narra o como forma textual. Apesar de destacar certas características do formato como a predominância da forma narrativa, a humaniza o do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados, ressaltam também que, “conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas destas características poderão aparecer com maior destaque” (SODR E e FERRARI, 1986, p. 15).

Os modos de representa o das reportagens descritivas ou documentais realçam os elementos de ordem temática que também estão situados no nível das estruturas discursivas. As isotopias temáticas têm sentido mais geral e mais abstrato, podendo receber “múltiplas realiza es figurativas diferentes quando ocorre a discursiviza o e dar origem a uma infinidade de textos” (BERTRAND, 2003, p. 40). A fuga, por exemplo,   tema que poderia ser expressado

por um conjunto de elementos figurativos como muralha, prisão, correria, polícia, bosque, horizonte, por exemplo, em um certo arranjo textual. Os discursos científicos, filosóficos e teóricos tendem a ser mais temáticos.

Fiorin (2008) explica que os temas são categorias de natureza puramente conceituais que servem para organizar e ordenar os elementos do mundo natural, isto é, as figuras. Assim, não há oposição entre eles, mas certa predominância, isto é, um texto pode ser mais temático ou mais figurativo, mas não exclusivamente.

Os textos figurativos criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os textos temáticos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. (FIORIN, 2008, p. 91).

A distinção entre textos temáticos e figurativos e seus efeitos de sentido parece-nos fundamental para compreensão do processo de construção de narrativas jornalísticas. A narratividade pode se manifestar numa reportagem de maneira mais explícita através da transformação de estados a partir da conjunção ou disjunção com valores, concretizados por isotopias figurativas (atores, espaço e tempo), ou tais esquemas narrativos podem ser mais implícitos e revestidos por isotopias temáticas e, portanto, mais abstratas. Trata-se de uma diferenciação meramente didática, já que esses elementos se entrecruzam, mas que fornece indicações para pensar os modos de expansão narrativa do texto jornalístico.

Tematização e figurativização integram as estruturas discursivas do modelo formulado por Greimas denominado *percurso gerativo de sentido*, que mostra, através de níveis ou patamares sucessivos, como se produz e se interpreta o sentido do texto, numa escala que vai do mais simples, da superfície manifestada, às formas mais complexas e profundas de sua organização. Cada texto destaca um ou outro nível, mas a concretização do sentido se dá nos níveis da tematização e figurativização.

Em todo texto, temos um nível de organização narrativa, que será tematizado. Posteriormente, o nível de organização temática poderá ou não ser figurativizado. O nível temático dá sentido ao figurativo e o nível narrativo ilumina o temático. A tematização pode ser manifestada diretamente, sem a cobertura figurativa. Temos então os textos temáticos. No entanto, não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização. (FIORIN, 2008, p. 67).

Para se chegar ao conhecimento dos temas presentes nas narrativas é preciso reconhecer, a partir das diferentes figuras ou percursos figurativos, os percursos mais abstratos do texto, condensando-os numa significação mais global. “A tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus

elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais” (BERTRAND, 2003, p. 231).

O caminho proposto por Fiorin e Savioli (2003) para encontrar os temas por trás dos textos figurativos baseia-se na análise do encadeamento das figuras presentes nele. A trama formada pelas figuras requer uma coerência interna entre elas para que não deixe dúvidas quanto ao tema ou o torne inverossímil. Do mesmo modo, nos textos temáticos exige-se uma semelhante coerência interna de encadeamento entre os temas parciais ou subtemas, sob pena de comprometer a significação do tema geral. Barros (2005) aponta a mesma perspectiva metodológica: deve-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços que se repetem no discurso e o tornam coerente. A autora alerta que, além das relações entre tematização e figurativização, é preciso considerar a organização dos percursos temáticos em função de uma estruturação narrativa subjacente:

Os percursos temáticos resultam, pela definição proposta, da formulação abstrata dos valores narrativos. A recorrência de um tema no discurso depende, assim, da conversão dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espacio-temporais para os percursos narrativos. O percurso narrativo do sujeito que transforma seu estado de “sujeira” em estado de “limpeza” converte-se no percurso temático do banho, nos quadrinhos de Quino: há aquele-que-toma-banho, o local do banho e o calor e a água que fazem o banho possível (BARROS, 2005, p. 67).

Dessa maneira, se para análise dos textos literários (onde prevalece a função estética) a ênfase tem sido nos programas narrativos que se manifestam no nível do discurso através da figurativização (espacialização, temporalização e actorialização), para análise de alguns textos não literários (de função mais utilitária como informar, interpretar ou convencer – funções bem próximas do texto jornalístico), a ênfase poderá se dar a partir dos percursos temáticos que o texto deixa entrever a partir das figuras que o acionam. Essa proposição não nega o nível narrativo dos textos jornalísticos, conforme já explicitamos anteriormente – o que é necessário inclusive para identificação de seus percursos temáticos –, apenas dá mais acento aos aspectos temáticos, considerando mais especificamente o formato jornalístico da reportagem, cuja estrutura e organização tem por base um fato, fenômeno ou questão a partir de enquadramentos (ou aspectos) múltiplos.

### *3.2.2 A tematização no texto jornalístico*

Para cumprir sua tarefa de “reportar o mundo”, o jornalismo organiza-se a partir de aspectos temáticos. Redações e noticiários dividem-se em editorias, que funcionam como temas guarda-chuvas para agruparem uma infinidade de acontecimentos e assuntos. Apesar dessa

especialização temática ser uma forma de ordenar a vida social e estabelecer zonas “fronteiriças”, essa mesma organização sugere que as drogas, por exemplo, não sejam exclusivamente tratadas pelas páginas policiais, mas possam “ser abordadas por diferentes óticas, como um fenômeno de impacto na saúde pública, na família, na economia, na vida social...” (PEREIRA JÚNIOR, 2012, p. 85). Trata-se de racionalizar aquilo que, por natureza, é caótico e imprevisível, tendo em vista uma melhor compreensão do público.

Referindo-se às reportagens especiais televisivas seriadas, Fechine (2013-2016), a partir de análises realizadas, aponta como elas podem apresentar uma maior riqueza de relações quando mapeiam determinados campos ou ocorrências, ensaiando como que um “estado da arte” sobre o tema desenvolvido. Ao eleger e abordar em profundidade temas que fogem à rotina de notícias do cotidiano, reportagens especiais tematizam um determinado assunto/problema, podendo colocá-lo na ordem do dia.

Os dossiês *Tudo Sobre*, objeto desta investigação, assumem perspectivas semelhantes: tratam de eventos como a construção de uma usina hidrelétrica na região amazônica e das obras na cidade do Rio de Janeiro em preparação aos Jogos Olímpicos de 2016, ou temas como ditadura militar, recursos hídricos, contrabando e desmatamento, abordados sobre diversos ângulos. O modelo para desenvolver reportagens em profundidade aponta para a lógica citada anteriormente de reportagens mais descritivas ou documentais, conforme deixa entrever o coordenador do primeiro dos dossiês da Folha, o jornalista Marcelo Leite:

O nosso projeto “A batalha de Belo Monte” nasceu de uma encomenda do secretário de redação Vinícius Mota, que me chamou para conversar porque eles estavam querendo fazer um grande projeto multimídia, uma grande reportagem multimídia, sobre Belo Monte. Então, por exemplo, tem a questão dos índios, tem a questão dos ribeirinhos, tem a questão da cidade de Altamira propriamente dita, a obra em si – entender e explicar a obra... Foi aí que a gente resolveu justamente enviar três repórteres de textos que foi o Morris Kachani, encarregado da parte social, o Dimmi Amora, de Brasília, que ficou encarregado da parte de infraestrutura, energia, construção, engenharia... e eu [Marcelo Leite] que tenho maior familiaridade com a questão ambiental, científica e indígena... Essa foi a divisão informal que a gente fez (A BATALHA, 2013).

Outro formato que, pela sua consistência narrativa e de conteúdo, guarda semelhanças com as narrativas transmídia jornalística é o livro-reportagem e, por isso, esse tipo de produção também merece aqui nossa atenção. Lima (1993, p. 55), postula que a principal contribuição desse formato é estender a “função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano na medida em que cobre vazios deixados pela imprensa, na medida em que amplia, para o leitor, a compreensão da realidade”. Para compreender esse processo, percorre as etapas de produção da reportagem, localizando os limites da imprensa regular, para perceber os modos de expansão através da pauta, da captação, da redação e da edição.

Na pauta, reside a possibilidade de uma abordagem mais aprofundada, que ultrapasse o caráter efêmero do jornalismo cotidiano marcado pelo *deadline*. Nessa etapa do processo de produção jornalística, é possível ampliar o sentido de atualidade, concebendo o tempo presente de forma mais dilatada, isto é, como contemporaneidade. Para planejar a apreensão de múltiplos aspectos da realidade na pauta, oferecendo ao leitor a possibilidade de compreensão de um tema relevante, “ter como princípio o conhecimento de que embutido na mensagem jornalística está o relato de um conflito é um bom começo” (LIMA, 1993, p. 63). Na construção da pauta que objetiva um conhecimento da realidade deve-se localizar os conflitos e transcendê-los, identificando causas, efeitos e as linhas de força que os determinam.

O livro-reportagem também complementa o jornalismo cotidiano quando realiza um processo de apuração diferenciado, liberto da objetividade reducionista tecnicista que prevalece na imprensa regular. Através de entrevistas de compreensão, observação participante, da valorização da memória e da pesquisa documental, o livro-reportagem tem possibilidades de “experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fontes consultadas, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores de observação do real em suas múltiplas complexidades...” (LIMA, 1993, p. 84).

Pontua, por fim, que a aproximação às formas narrativas das artes enriquece o jornalismo, destacando como o livro-reportagem pode combinar técnicas para tratamento da linguagem integral-verbal, plástica e ilustrada, para propor ao leitor uma viagem aos valores, realidades e traços da humanidade. Quanto mais balanceada a combinação de elementos como “as técnicas de redação – narração, descrição, exposição e diálogo –, as funções de linguagem, as técnicas de angulação, as técnicas de edição e o ponto de vista” (LIMA, 1993, p. 112), mais despertará a atenção e proporcionará uma experiência de fruição do texto ao leitor.

O modo de expansão que nos interessa é aquele mais circunscrito aos aspectos da própria narrativa jornalística – mais precisamente de ordem temática e figurativa – que entendemos apropriado para caracterizar uma narrativa transmídia nesse campo. As reflexões de Lima (1993), apesar de abrangentes e mais voltadas para o livro-reportagem, contribuem para pensar os modos de expansão em uma reportagem, formato que assumimos como mais apropriado para explorar as oportunidades que uma produção transmídia possibilita. Daí destacamos, por exemplo, funções que podem ser trabalhadas em conteúdos associados como a contextualização ou aprofundamento de fatos e questões, a expansão do assunto através de novas fontes, da documentação ou de formas inovadoras que levem o destinatário-consumidor a conhecer sensorialmente, com ajuda de recursos tecnológicos, aspectos de determinadas realidades. Essas e outras possibilidades poderão ser levadas a cabo num texto transmídia através das diferentes

linguagens e gêneros que apresentam riquezas específicas e são capazes de despertar públicos distintos, destacando-se ainda a diversidade de modos e formatos interativos, gerados pelo novo ambiente digital, marcado pelas redes sociais e pelos dispositivos móveis.

O foco nos percursos temáticos e figurativos para análise da narrativa aponta uma outra perspectiva para pensar os modos de expansão transmídia. Essa possibilidade surge das características que o próprio texto jornalístico (sobretudo, a reportagem) apresenta. Enquanto nas produções ficcionais, para configurar a existência de uma narrativa transmídia, é preciso haver conteúdos em outras mídias e plataformas que desdobrem o universo narrativo e afetem diretamente a sequência das ações, proponham a caracterização de personagens e ambientes ou dê ritmo à história (aceleração, retardação, recuo e antecipação), postulamos que nas produções jornalísticas, onde a narratividade do texto é melhor notada pelos percursos temáticos abordados, uma narrativa transmídia se constituirá pela expansão desses aspectos. Isto poderá ser reconhecido, numa narrativa transmídia, pelos conteúdos produzidos para outras mídias e plataformas distintas do conteúdo de referência que avançam na discussão do tema ou questão abordada, desenvolvendo ou acrescentando novos aspectos, fontes e informações capazes de aprofundá-lo.

As relações que o texto transmídia – instância englobante que resulta da articulação de seu englobados – estabelece são diversas e complexas. A taxonomia proposta por Genette (2010) ajuda a compreender essas relações e, sobretudo, a pensar as estratégias transmídia, dentre as quais destacamos as de expansão, capazes de caracterizar a chamada narrativa transmídia. A partir da noção de hipertextualidade (GENETTE, 2010), é possível conceber a estratégia de expansão transmídia como um processo de derivação que tem por base um texto de referência do qual originam-se outros textos: uma relação que apresenta certa ambiguidade porque apesar da dependência existencial, mantém sua autonomia de sentido e pode ser consumido de forma independente. No texto transmídia, sobretudo no campo jornalístico, importa marcar a derivação para promover um consumo dos demais textos associados. Isso nos leva a considerar a relevância das demais relações transtextuais na narrativa transmídia – a paratextualidade para orientar e guiar o consumo, a intertextualidade explícita que remete a um outro texto e a metatextualidade, relação arriscada, porém necessária, para promover comentários e discussões acerca da temática e dos próprios conteúdos e sua construção.

Para distinguir e identificar essas relações, o critério que propomos é a verificação do desdobramento temático a partir do texto de referência. As estratégias de propagação e expansão, caracterizadoras dos textos transmídia, serão discernidas pela comparação dos aspectos temáticos presentes nos textos associados e no texto de referência. Quando conteúdos

apenas retomam aspectos já tratados neste último, estaremos diante de conteúdos de propagação. Quando for notado que um aspecto temático foi desenvolvido, aprofundado com novos elementos, ou mesmo quando um novo aspecto surge para complementar o grande tema, estaremos diante de conteúdos de expansão. Apesar de já descritas, retomaremos a compreensão dessas estratégias e suas subcategorias de forma mais detalhada no capítulo seguinte, tendo em vista que servirão de premissa para análise dos dossiês *Tudo Sobre*.

#### 4 ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS TRANSMÍDIA NOS DOSSIÊS *TUDO SOBRE*

O jornal Folha de S. Paulo publicou, nos anos de 2013 a 2016, uma série de reportagens intitulada *Tudo Sobre*, com ênfase em especiais multimídia para web. Claramente inspirados no formato inaugurado pela reportagem *Snow Fall*, produzida pelo jornal norte-americano *The New York Times* em dezembro de 2012, os especiais *Tudo Sobre* apresentam, no entanto, algumas peculiaridades: tratam de temas de grande relevância nacional envolvendo múltiplas abordagens, além de procurar articular mídias e plataformas do Grupo Folha, apontando para utilização de estratégias transmídia.

A série foi lançada em dezembro de 2013, com o dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, que analisa a controversa obra da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Em março do ano seguinte, com a proximidade dos 50 anos do golpe civil-militar de 1964, a Folha publicou o segundo dossiê intitulado *Tudo Sobre a Ditadura Militar*, fazendo uma análise histórica e debatendo os reflexos do regime ditatorial para a sociedade brasileira. Em setembro do mesmo ano, frente a escassez de água potável na capital paulista, o veículo produziu o dossiê *Tudo Sobre Crise da Água*, abordando também as cheias do Rio Madeira, na região Norte, e a transposição do Rio São Francisco, na região Nordeste. Em 2015 a Folha lançou três dossiês: *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*, debatendo a questão do comércio ilegal e da pirataria no Brasil; *Tudo Sobre o Rio em Transformação*, analisando os impactos das obras na cidade do Rio de Janeiro para receber os Jogos Olímpicos de 2016; e *Tudo Sobre Desmatamento Zero*, abordando o desenvolvimento sustentável na Amazônia e outras questões ambientais. Finalmente, em dezembro de 2016, veio a público o último dos dossiês, *Tudo Sobre o Mosquito*, sobre a epidemia de Dengue, Zika e Chikungunya que afetou o país.

A preferência por questões de alcance nacionais que permitam discussões mais amplas a partir de diferentes pontos de vistas parece ter guiado a escolha dos temas da série. Em boa parte dos dossiês a tensão gira em torno de questões ligadas ao desenvolvimento econômico frente à preservação do meio-ambiente – Belo Monte, Crise da Água e Desmatamento Zero. Estes três dossiês apresentam características bem semelhantes de abordagem, considerando também que o coordenador das equipes que os produziram, o repórter Marcelo Leite, é especialista em jornalismo científico com ênfase em biologia e Amazônia. Uma marca registrada nessas produções são as imagens em grande plano geral e tomadas aéreas, feitas pelo repórter fotográfico Lalo de Almeida. Economia também é tema recorrente nos demais dossiês:

merece destaque no especial sobre a ditadura, está intimamente ligado ao tema do contrabando e é pano de fundo para as críticas dos gastos públicos com os Jogos Olímpicos no dossiê sobre o Rio.

Para abordar essas questões em profundidade, a Folha costumava deslocar uma equipe de repórteres, incluindo fotógrafos e cinegrafistas. No processo de edição outros profissionais como designers e programadores eram convocados, responsáveis tanto pelo visual próprio das reportagens multimídia, como por infográficos, jogos e outros recursos interativos utilizados. Segundo informações dos jornalistas responsáveis, o tempo de produção de cada dossiê variou significativamente, desde 2 meses (caso do dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*) a 10 meses (caso da primeira iniciativa, *Tudo Sobre Belo Monte*). Para além da complexidade temática e do número de profissionais envolvidos, a prática da Folha aponta para um modelo mais ou menos delineado de produção articulada para as mídias e plataformas do Grupo, que foi se desenvolvendo e reafirmando a cada dossiê da série.

Apesar de produzidas por uma redação de jornal impresso, as reportagens multimídia que integram os especiais *Tudo Sobre* são desenvolvidas como produtos típicos para a web, explorando o potencial interativo e as múltiplas linguagens possíveis desse ambiente. O número de gráficos interativos, fotos e vídeos de cada reportagem é, quase sempre, destaque nas matérias do jornal visando atrair seus leitores para o site do veículo. Cada dossiê *Tudo Sobre* se constitui a partir de uma reportagem multimídia, em formato *longform*<sup>24</sup> hospedado no portal da Folha, explorando recursos como galerias de fotografias em tela cheia, vídeos, gráficos e linhas do tempo dinâmicas, *quizes*, bancos de dados e mapas interativos, entre outros.

Cada uma das reportagens da série recebe um título específico mais livre: *A batalha de Belo Monte, O golpe e a ditadura militar, Líquido e incerto, Crime sem castigo, Rio: maravilha mutante, Floresta sem fim e Nova temporada*. As reportagens fazem parte do que a Folha convencionou chamar de dossiês, nomeados a partir do título da série (*Tudo Sobre*) associado à temática abordada. Isso nos permitiu vislumbrar que as produções de cada série não se restringiam à reportagem multimídia. Elas articulam conteúdos distintos e complementares no jornal impresso, no programa de televisão mantido pelo veículo na TV Cultura e posteriormente

---

<sup>24</sup> Segundo Longhi (2014), os formatos *longform* são pontos o *turning point* da grande reportagem multimídia porque exploram textos de maior extensão (matérias mais de 4000 palavras ou grandes reportagens com mais 10 a 20 mil palavras), com aprofundamento temático e narrativo de fatos ou questões, aliado a uma tecnologia que permite organizar o conteúdo na página em grandes blocos de textos (quase sempre divididos em capítulos), possibilitando a criação de designs específicos para a página e em uma navegação imersiva que se vale de recursos e elementos multimídia. Esse formato só foi possível graças ao desenvolvimento de linguagens de programação como HTML5 e CCS, que dispensam *downloads* de plug-ins (arquivos necessários para visualizar vídeos ou sons no computador) e são acessíveis e adaptáveis a diversos sistemas operacionais e telas de computadores e dispositivos móveis.

transformado em plataforma de WebTV<sup>25</sup>, em aplicativos de jogos criados especificamente para desenvolver alguma temática ou mesmo em debates e seminários promovidos pelo veículo.

Dessa forma, quando nos referimos a um dos dossiê *Tudo Sobre*, estamos considerando um conjunto de conteúdos articulados em torno de uma temática, desenvolvidos a partir de uma grande reportagem multimídia, que aborda em profundidade diversos aspectos e pontos de vista, bem como de notícias, entrevistas e reportagens publicadas no jornal Folha de S. Paulo, de reportagens especiais audiovisuais ou programas de debates veiculados na TV Folha, de *newsgames* para tablets ou smartphones, ou de eventos que convocam o leitor do veículo para discutir tais questões com repórteres e especialistas no assunto. Essa lógica de distribuição de conteúdos em mídias e plataformas distintas, de forma autônoma e complementar, guarda semelhança com o modelo de produção transmídia, mais especificamente com a narrativa transmídia.

#### **4.1 Metodologia e categorias de análise**

Mesmo que uma observação preliminar aponte para a autonomia e complementaridade dos conteúdos, faz-se necessária uma análise mais detalhada das produções de cada um dos dossiês *Tudo Sobre* para caracterizá-los como narrativa transmídia, pois, ainda que utilizem mais de uma mídia ou plataforma com recursos de mútua remissão, consideramos que conteúdos transmídia deverão ir além da mera reprodução ou adaptação de linguagem, apresentando novas informações, fontes e pontos de vista. É preciso, então, verificar que elemento possibilita o desdobramento da narrativa jornalística, isto é, como as estratégias de expansão se apresentam para configurar uma narrativa transmídia jornalística. O caminho que nos tem possibilitado esta análise parte da comparação dos aspectos temáticos e abordados naquele conteúdo mais expressivo, que compreendemos como texto de referência, com os conteúdos associados que gravitam em seu entorno, assumindo formatos e funções específicas em outras mídias ou plataformas. Para isso, apoiamos-nos na análise das estruturas discursivas, especificamente nos percursos figurativos e temáticos da narrativa, conforme já descrevemos no capítulo anterior, justificando sua pertinência para compreensão do texto jornalístico.

---

<sup>25</sup> A TV Folha foi concebida originalmente para internet em 2011, em março do ano seguinte passou a ser exibido como programa semanal na TV Cultura e em abril de 2014 voltou a ser exclusivo para internet. Atualmente publica conteúdos no site da Folha e no Canal do YouTube, inclusive com programas ao vivo de debates com colunistas do jornal Folha de S.Paulo, transmitido diretamente de sua redação.

Nosso percurso metodológico de análise propõe:

1) em primeiro lugar coletar e catalogar todos os conteúdos que fazem parte do dossiê, separando-os por mídia ou plataforma. Como o destaque maior era sempre da reportagem multimídia, partimos da data de seu lançamento para buscar, nos dias imediatamente anteriores e posteriores, conteúdos relacionados à temática nas demais mídias e plataformas da Folha. Para estabelecer essa relação entre os conteúdos do dossiê consideramos como critérios: a) haver uma menção explícita à série no próprio enunciado textual; b) apresentar o selo criado para o especial, formado da expressão *Tudo Sobre* seguido da temática abordada como *Belo Monte*, *Crise da Água*, etc (Figura 1); c) ou disponibilizar o endereço virtual da reportagem multimídia. Comprendemos que essas marcas são necessárias para tornar visível uma associação entre os textos pelos destinatários-consumidores.

Figura 1 - Selos dos diversos dossiês *Tudo Sobre*



Fonte: montagem do autor.

A pesquisa pelos conteúdos associados publicados no jornal Folha de S. Paulo foi realizada no site *Acervo Folha*, onde tivemos acesso à íntegra das edições, selecionando-se as matérias relacionadas aos especiais e aos debates promovidos. Através do canal do YouTube da TV Folha ou no site *Folha.com*, recuperamos as reportagens audiovisuais e os vídeos dos programas transmitidos ao vivo pela plataforma, repercutindo a reportagem multimídia. Na loja de aplicativos Google Play, foi possível fazer o download dos dois *newsgames* produzidos para a série. Resgatamos também as postagens relacionadas nas redes sociais Facebook e Twitter, sobretudo para verificar como essas plataformas foram utilizadas.

2) dentre os conteúdos coletados, identificar o texto de referência, do qual derivaram e se desdobraram os demais textos associados. Normalmente, o texto de referência é aquele que possui uma maior consistência e centralidade de informações, isto é, o conteúdo que desenvolve o programa narrativo de base e, portanto, reúne maior diversidade de percursos temáticos, ainda que não se esgotem, razão pela qual possibilita seu desdobramento por novos conteúdos propostos para outra mídia. O texto de referência poderá também ser identificado pela remissão

frequente que os demais textos associados fazem a ele. A partir dos diversos pontos de acesso, que são os textos associados, espera-se dar a conhecer e, principalmente, ampliar o consumo do texto de referência.

Esse modelo de articulação revela a existência de uma certa hierarquia textual, na qual se destaca a importância de um dos conteúdos, aquele classificado como texto de referência, sobre os conteúdos associados. Isso não estabelece, no entanto, uma relação de dependência, já que cada conteúdo pode ser acessado separadamente, sem prejuízo de compreensão. A função dos textos associados de atrair e direcionar para o texto de referência não impede sua autonomia de sentido, podendo, inclusive, não ser consumido como uma manifestação transmídia, caso o leitor não siga o percurso proposto pela instância produtora de articulação entre os vários textos associados

3) analisar os percursos temáticos do texto de referência. Apesar das reportagens multimídia produzidas para a série *Tudo Sobre* se dividirem em capítulos, essa organização mais explícita do texto serve apenas para guiar uma primeira leitura, já que os modos de agrupamento dos blocos narrativos não seguem, necessariamente, uma mesma hierarquia, organizando-se desse modo para tornar mais fácil a compreensão do leitor e considerando a quantidade de informação para cada tópico. Por isso, é necessário catalogar todos os aspectos temáticos abordados, categorizando-os em blocos temáticos mais abrangentes a respeito da questão tratada. Como se trata de reportagens multimídia, o trabalho exigiu análise de todos os aspectos abordados nos textos escritos, nas imagens e infográficos, nos áudios e vídeos, bem como em outros recursos interativos, para compor um quadro temático do texto de referência.

4) traçar uma linha do tempo das publicações de todos os conteúdos para visualizar o processo de distribuição e vislumbrar por quanto tempo se deu o agenciamento do tema nas mídias e plataformas do veículo. Essa mesma linha do tempo deverá indicar como se deu o processo de remissão entre os conteúdos.

5) realizar análise temática dos conteúdos associados, tendo como objetivo identificar que aspectos, dentro da grande temática abordada pelo dossiê, é desenvolvido nas demais plataformas e mídias.

6) comparar os aspectos temáticos dos conteúdos associados com os aspectos temáticos do texto de referência, distinguindo os conteúdos que expandiam o assunto, ampliando ou aprofundando alguns daqueles aspectos (relação hipertextual), daqueles conteúdos que apenas serviam para propagar ou conduzir o destinatário-consumidor ao texto de referência ou a outros textos associados (relação paratextual ou intertextual). No primeiro caso, estaríamos diante de uma estratégia transmídia de expansão, enquanto no último constataríamos o uso de estratégia

transmídia de propagação (FECHINE ET. AL, 2013). Essas categorias serão usadas para análise do nosso objeto de estudo (já experimentado no primeiro dos dossiês em trabalho anterior), pois, como já explicitamos, permitem caracterizar uma narrativa transmídia jornalística à medida que reconhece a existência de um processo de expansão temática através de conteúdos para mais de uma mídia, cumprindo as noções gerais de uma *transmedia storytelling* nos moldes descritos por Jenkins (2009a).

7) identificar as funções subjacentes em cada uma das relações entre os conteúdos para perceber a lógica que guia as estratégias transmídias. Propõe-se, então, uma subcategorização das estratégias transmídia com base nas funções, que deverão variar conforme o objeto analisado. Essa perspectiva parte, inclusive, das funções utilitárias que caracterizam o texto jornalístico (compreendido de forma ampla como não-literário), que segundo Fiorin e Savioli (2003) podem informar, convencer, explicar, documentar, etc. No caso dos dossiês *Tudo Sobre*, as estratégias da expansão voltam-se mais para o processo de produção, pois visam ao desdobramento temático dentro do todo que é o texto transmídia, destacando a relação entre o texto de referência e o texto associado. Já as estratégias de propagação centram-se no próprio produto jornalístico, nos modos como é ofertado para ampliar os pontos de acesso aos conteúdos e aumentar sua audiência.

Segundo essa lógica, os conteúdos de expansão apresentam funções mais específicas do próprio campo jornalismo, de práticas já consolidadas ou de inovações possíveis graças ao cenário das tecnologias digitais. Sua essência, porém, está em estabelecer relações hipertextuais, isto é, relações marcadas pela derivação de um texto a partir de outro que lhe serve de referência. Dessa maneira, nas estratégias transmídia de expansão da série *Tudo Sobre*, nos perguntamos que função assume um conteúdo que desenvolve aspectos temáticos tratados e/ou relacionados à reportagem multimídia (identificada como texto de referência). Descreveremos, a seguir, as subcategorias encontradas nesse corpus específico que também se associam a funções típicas do jornalismo como **atualização, contextualização, opinião e exploração**. Apesar dessa correlação, as funções referem-se as relações entre os textos que compõem o texto transmídia, mais especificamente entre os textos associados e o texto de referência.

Atualização é uma das funções mais recorrentes nos textos jornalísticos. Informar o que de mais relevante acontece no mundo e deixar o público a par dos últimos fatos é a promessa de boa parte dos veículos de imprensa. Essa foi também a função assumida por alguns conteúdos associados dos dossiês *Tudo Sobre* que tratavam de aspectos temáticos presentes no texto de referência, mas com acréscimo de novas e recentes informações, quase sempre no

formato de notícia ou *hard news*<sup>26</sup>. Tempo e novidade são os valores-notícia que guiam os **conteúdos de expansão por atualização**, já que se referem a acontecimentos recentes que atualizam de algum modo questões já tratadas na reportagem multimídia. Nesse sentido, apesar de não constarem previamente no projeto transmídia pelo seu caráter imprevisível, a dinâmica de produção e as relações hipertextuais que estabelecem com o tema faz com que possam ser incorporados à produção transmídia, à semelhança do que nas redações é chamado de *suite*<sup>27</sup>.

Para além de reportar os acontecimentos, a contextualização destes é outra característica importante dos textos jornalísticos. Jornalismo interpretativo, em profundidade, explicativo ou motivacional (MELO e ASSIS, 2010), qualquer que seja sua nomeação, refere-se à função assumida pelos meios de fazer mais compreensíveis fatos ou situações, fornecendo maiores informações a respeito dos fatores que os envolvem. Leandro e Medina (apud MELO; ASSIS, 2010), referem-se ao esforço de dar sentido aos fatos elencando a rede de forças que atuam nele, sem emitir tanta valoração como no jornalismo opinativo. Os **conteúdos de expansão por contextualização**, aprofundam aspectos temáticos do texto de referência, desenvolvendo melhor certos pontos que ajudam na compreensão da questão tratada. Ao contrário dos conteúdos de atualização, os conteúdos de contextualização pautam-se por uma certa atemporalidade, aproximando-se das chamadas matérias de gavetas ou *feature*<sup>28</sup>, que aprofunda um assunto numa dimensão mais atemporal. Tais conteúdos podem ser propostos já na fase de construção do projeto transmídia ou surgem no decorrer da elaboração do texto de referência, quando algum aspecto temático alongaria demais o percurso narrativo da reportagem. Os conteúdos de expansão por contextualização identificados nos dossiês *Tudo Sobre* exploram também a serialização de formatos como reportagens e entrevistas, veiculadas principalmente através do jornal impresso.

O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo dá destaque ao verbete “contextualização” apresentando uma série de recomendações como: a identificação de personagens (fontes) e sua relação com o assunto; para contextualizar uma cidade, por exemplo, “convém esclarecer onde ela fica, quantos habitantes tem, quais as suas principais atividades econômicas...”; as informações podem ser apresentadas através de “arte ou box com o título do tipo *Para entender o caso*”; concluindo com o conselho de que “se um leitor acha que não

---

<sup>26</sup> Relato objetivo de acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana.

<sup>27</sup> Sequência noticiosa dada a um assunto nas edições subsequentes do jornal quando a matéria continua a despertar interesse ou quando novos elementos vierem à tona. (ERBOLATO, 2003)

<sup>28</sup> O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo define *feature* como formato que vai além do caráter factual e imediato da notícia, aprofundando o assunto e buscando sua dimensão mais atemporal, podendo ser tanto um perfil, como uma história de interesse humano ou uma entrevista. (Disponível em [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_producao\\_f.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_f.htm). Acesso em 12 jul. 2018).

precisa ler certas informações de contexto que o jornal publica, ele simplesmente salta o texto”, mas aquele “que não conhece ou não se lembra dessas informações vai ficar agradecido” (FOLHA, 1996, verbete contextualização). Já no verbete “ambientação”, a instrução é de que para ajudar a compreensão de um acontecimento, a descrição do ambiente e das circunstâncias que o envolvem pode ser relevante, como “as circunstâncias em que se dão visitas de chefes de Estado a outros países, funerais de personalidades, recepções ou festas de grande relevo, eventos esportivos ou culturais de importância” (FOLHA, 1996, verbete ambientação). Para os conteúdos transmídia de contextualização essas orientações também podem ser consideradas, propondo relações que ultrapassem os limites de uma única mídia.

O confronto de opiniões é tão constitutivo do jornalismo quanto o relato dos fatos. A tentativa de categorizar textos jornalísticos pelo viés opinativo esbarra na premissa maior de que todo discurso é, por natureza, opinativo. Os dossiês *Tudo Sobre* apresentam, quase sempre, aspectos temáticos controversos que reivindicavam o debate a partir da manifestação de diferentes opiniões, expressas em formas de gêneros de comentários como editoriais, colunas, charges, artigos e cartas (CHAPARRO, 2008).

Na perspectiva da transmídiação, a narrativa do texto de referência pode se alargar não só a partir de novos aspectos temáticos, mas também pela manifestação dos diversos pontos de vista acerca dos aspectos tratados, constituindo-se, também **conteúdos de expansão por opinião**. Os desdobramentos desses textos podem se dar pela ampliação de vozes no discurso, através de fontes que corroboram esse ou aquele ponto de vista, ou pela argumentação que seleciona determinados aspectos temáticos (já presentes no texto de referência) para articulá-los, a fim de corroborar um juízo de valor. Nesse processo de argumentação pode-se fazer uso de lógicas diversas como causa e efeito, exemplificação, confronto, enumeração, etc., desencadeando, assim, um processo de derivação em relação ao texto de referência.

Fora dos suportes midiáticos e não tão costumeiramente visto como prática jornalística, integraram também os dossiês *Tudo Sobre*, como parte da estratégia de expansão por opinião, a realização de debates e seminários para discutir aspectos relacionados à temática proposta por cada especial. Essa experiência mais vivencial proporcionada ao público enquadra-se entre os conteúdos de expansão por opinião, pois confronta especialistas e autoridades para discutir questões polêmicas ou apontar soluções para problemas. Essa prática extrapola o âmbito discursivo textual, qualificando-a como ação transmídia na perspectiva da Extração (*Extractability*), um dos princípios da narrativa transmídia proposto por Jenkins (2009b), segundo o qual os fãs retiram aspectos da história para sua vida cotidiana. Nas narrativas de ficção, formas de explorar esse princípio são parques temáticos que recriam mundos de

franquias famosas ou a comercialização de artigos como alimentação, brinquedos ou vestes dos personagens. No jornalismo, Moloney (2011) cita práticas como edição especial ou pôsteres de um jornal, fascículos para coleção, livros promocionais ou recompensas para financiamentos colaborativos que se enquadrariam nesse princípio.

Há que se fazer uma distinção entre o gênero comentário, proposto por Chaparro (2008) e a relação de comentário que Genette (2010) classifica como metatextual. No caso do gênero, o comentário tem como referente a atualidade; no caso da metatextualidade, o referente é um outro texto. Nessa lógica, é possível distinguir conteúdos de expansão por opinião, constitutivos de projeto transmídia ou incorporados a ele pelo aval dos produtores, de outros conteúdos que, apesar de citarem o dossiê ou fazer referência direta a reportagem multimídia, não são parte da estratégia de expansão por opinião desenvolvida pelos seus produtores, tais como as críticas da *Ombusman* da Folha a um dos dossiês ou os comentários das redes sociais sobre o próprio produto jornalístico. São conteúdos que derivam da função opinativa do jornalismo, mas que tem como referente o próprio texto e sua organização e não propriamente um aspecto temático. Configuram, portanto, uma relação metatextual que se acomoda no universo interacional discursivo gerado pelas práticas transmídia.

Para além do papel largamente reconhecido do texto jornalístico de *fazer saber*, representado pelas subcategorias propostas, a ênfase dos **conteúdos de expansão por exploração** é *fazer sentir*, ou seja, proporcionar uma experiência sensorial relacionada a algum aspecto da narrativa jornalística<sup>29</sup>. No cinema a câmera subjetiva pretende inserir o público dentro da cena para vivenciar a emoção dos personagens. Conforme pontua Moloney (2011), trazer o público para dentro da história tem sido um dos objetivos do jornalismo, quando descreve ou reporta lugares e acontecimentos. Programas televisivos de grandes reportagens como o Globo Repórter exploram essa dimensão com os recursos audiovisuais e retóricos, tendo o jornalista como mediador que explora locais, vive perigos, prova sensações, buscando produzir efeitos sensoriais no telespectador para que sinta como se estivesse no lugar do repórter (COSTA, 2011). Dessa maneira, a exploração pode ser considerada também uma estratégia de expansão transmídia que desdobra aspectos temáticos pelos sentidos e sensações.

Apesar de não se apresentarem como práticas firmadas do jornalismo cotidiano, o maior acesso do público a dispositivos de tecnologia digital tem possibilitado o surgimento de novos

---

<sup>29</sup> Apesar das iniciativas guardarem semelhanças com o chamado jornalismo imersivo, optamos pelo termo *exploração* porque a estratégia de expansão é a função desempenhada pelo conteúdo em relação ao texto de referência do ponto de vista temático. O termo imersão caracteriza mais a relação entre o destinatário-consumidor e o conteúdo.

formatos que fazem o usuário adentrar de maneira simulada na realidade da história, inserindo-o no local dos acontecimentos ou sentindo na “pele” uma determinada situação. Recursos como *newsgames*, vídeos em 360 graus e aplicativos de realidade virtual aumentada com uso de celulares são algumas das apostas para novas formas de expandir uma narrativa jornalística pela exploração. No caso do *Tudo Sobre*, a aposta é bem mais tímida: a produção de dois aplicativos, *Folhacóptero (Tudo Sobre Belo Monte)* e *Engenhão-2016 (Tudo Sobre o Rio em Transformação)*, que simulam o funcionamento de empreendimentos que estavam sendo construídos, tornando a realidade espacial explorável, projetando ou recuperando certos acontecimentos decisivos para a compreensão da temática. Os *newsgames* acentuam a dimensão sensorial através do aspecto lúdico e promove maior empatia com o ambiente virtual à medida que incentiva o usuário a explorá-lo.

A outra grande estratégia transmídia, a propagação, centra-se mais na distribuição do produto jornalístico, valendo-se de práticas desse campo para fomentar seu consumo. Associamos os conteúdos de propagação a uma lógica intertextual e paratextual, cujas funções são, respectivamente, retomar e guiar o consumo dos textos. No caso dos dossiês *Tudo Sobre* essas relações se estabelecem tanto entre os textos associados e o texto de referência, como dos textos associados entre si. A condição acessória desses conteúdos pode ser dispensável do ponto de vista temático, já que não representam acréscimo ou ampliação, mas extremamente necessárias do ponto de vista da distribuição e da articulação entre mídias. Duas foram as funções básicas identificadas nesses conteúdos: **recuperação e promoção**.

No primeiro caso, os **conteúdos de propagação por recuperação** assumem aspectos distintos, mas sempre se utilizando de conteúdos já constituídos (na maioria dos casos a reportagem multimídia, o debate ou seminário promovido pelo veículo), aos moldes de uma relação intertextual (GENETTE, 2010). Identificamos desde a simples reprodução de parte do texto de referência em outra mídia à síntese dos principais aspectos abordados em novo formato e linguagem, bem como uma adaptação mais sofisticada de formatos reeditados, semelhante à prática de “empacotamento”<sup>30</sup> nas redações. Tomados de maneira isolada, os conteúdos de propagação por recuperação se enquadrariam mais na lógica *crossmídia*, entendida como processo de difusão de conteúdos marcado pela adaptação em diversos meios, sem preocupação com a complementaridade ou a expansão da narrativa (ou como postulamos para o jornalismo,

---

<sup>30</sup> Prática de modificar o título, a abertura, transformar alguns parágrafos e inserção algumas imagens em uma matéria recebida de agência de notícias conveniada, traduzindo para a linguagem da mídia - escrita, sonora, audiovisual ou pictórica (FERRARI, 2004).

de aspectos temáticos). Nos dossiês *Tudo Sobre* esses conteúdos são parte de uma ação deliberada e integrada de articulação entre mídias.

No segundo caso, os **conteúdos de propagação por promoção** pretendem “vender” de forma mais explícita o conteúdo de referência ou os demais conteúdos de expansão. Sua função é, predominantemente, despertar o interesse de novos destinatários-consumidores para os conteúdos que são parte do projeto transmídia, prevalecendo uma relação paratextual (GENETTE, 2010). Apesar desses conteúdos apresentarem características próximas da publicidade (e na análise foram encontrados também conteúdos publicitários), preferimos associá-los a práticas exploradas no próprio jornalismo como as manchetes de capa dos jornais e revistas ou os *teasers* dos boletins de rádio e telejornais, que buscam prender a atenção do destinatário-consumidor ao destacar uma determinada matéria. Nos conteúdos de promoção, os principais aspectos temáticos são citados para atrair a audiência a um dos conteúdos de expansão. Outra maneira de conquista é destacar o próprio percurso de produção jornalística, descrevendo atividades como apuração e edição, elencando profissionais envolvidos e recursos inovadores utilizados para despertar o interesse pela reportagem. Em suma, explorando os “bastidores” da produção. As estratégias transmídia encontradas no *Tudo Sobre* e suas respectivas funções podem ser sintetizadas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Estratégias transmídia na série *Tudo Sobre*

ESTRATÉGIAS	FUNÇÕES
PROPAGAÇÃO	Recuperação
	Promoção
EXPANSÃO	Atualização
	Contextualização
	Opinião
	Exploração

Fonte: elaboração do autor.

Ainda que predomine uma ou outra estratégia, é preciso alertar que não se tratam de categorias fechadas, já que todo conteúdo de expansão assume, quase sempre, uma função de propagação à medida que um endereço eletrônico ou o selo da série *Tudo Sobre* guiam o destinatário-consumidor para o texto de referência ou outro texto associado. Assim, para a categorização proposta privilegiamos aquela função que mais se destaca em cada conteúdo, considerando também a observação de Genette (2010, p. 22) de que as relações entre textos não

podem ser consideradas “classes estanques, sem comunicação ou interseções”, mas como aspectos da textualidade, o que possibilita dizer que relações paratextuais se fizeram presentes também onde predominava uma relação hipertextual.

Estabelecidas essas conceituações preliminares, apresentaremos, a seguir, a análise detalhada de cada um dos dossiês *Tudo Sobre* e dos procedimentos de articulação de conteúdos adotados entre as mídias e plataformas pelo conglomerado. As categorias propostas serão retomadas a partir dos conteúdos encontrados, ressaltando as particularidades que merecem alusão especial para explicitar as estratégias utilizadas. Ao final do capítulo, traçaremos um quadro mais geral dos procedimentos identificados de maneira mais recorrente pelas estratégias transmídias em cada uma das plataformas e mídias utilizadas.

#### **4.2 Tudo Sobre Belo Monte**

O dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* caracteriza-se como o mais emblemático da série produzida pela Folha de S. Paulo. Quiçá por ser o primeiro, seus conteúdos impressionam pela diversidade de material, por explorar mais mídias e plataformas, bem como pela articulação que promoveram entre si. Segundo seus produtores, foram cerca de dez meses de trabalho, envolvendo uma equipe de 19 profissionais, desde a pesquisa até a publicação. Tudo isso para tratar do processo de construção da terceira maior hidrelétrica do mundo, instalada às margens do Rio Xingu, no Pará, e suas consequências para o meio ambiente e a população da cidade de Altamira, afetada diretamente pelo empreendimento. Desenvolveramos a análise já iniciada em Trabalho de Conclusão de Curso que caracterizou o dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* como narrativa transmídia jornalística (MACEDO, 2016), avançando na caracterização de novos elementos a partir das categorias propostas e considerando as observações realizadas nos demais dossiês.

Lançado oficialmente em 15 de dezembro de 2013, a novidade trazida pela série de dossiês *Tudo Sobre* foi a produção de uma grande reportagem multimídia, intitulada *A batalha de Belo Monte*. Para tratar de um tema que provoca discussões e envolve múltiplas abordagens, seus produtores exploram diversas linguagens, apoiados nos recursos proporcionados pelo ambiente digital: imagens em plano geral que preenchem toda a tela do dispositivo de leitura, seja ele computador ou dispositivo móvel, vídeos, infográficos, mapas e linhas do tempo interativas, sem contar o extenso relato escrito que apresenta os desafios e impactos gerados pela gigantesca obra.

A reportagem multimídia, publicada em formato *longform*, estrutura-se em cinco capítulos que se assemelham a palavras-chaves: Obra, Ambiente, Sociedade, Povos Indígenas e História. Constam ainda, no menu horizontal lateral do site (Figura 2), uma descrição dos produtores (Making-of), dois artigos posteriormente incorporados ao site após a publicação no jornal (Opinião), o link para fazer o download do aplicativo produzido para o dossiê (Folhacóptero em Belo Monte) e um mapa interativo da bacia do Rio Xingu onde é possível obter informações sobre as áreas de desmatamento e as diversas etnias indígenas que ocupam aquelas terras (Mapa – Bacia do Xingu).

Figura 2 – Captura de tela da página inicial da reportagem *A batalha de Belo Monte*



Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte>

Para melhor perceber as relações hierárquicas do tema tratado, após uma leitura atenta da reportagem *A batalha de Belo Monte*, reagrupamos em dois grandes blocos temáticos os aspectos abordados: a obra e os impactos causados. No primeiro bloco encontramos aspectos como: a descrição pormenorizada da construção, sua dimensão e localização; os desafios enfrentados como a ausência de infraestrutura local adequada para uma obra de grande extensão, os atrasos e paralisações causados por greves, protestos ou decisões judiciais, assim como as condições de trabalho oferecidas aos cerca de 25 mil operários envolvidos na obra; o modo e a previsão de funcionamento da usina; e os detalhes do Projeto (tratados no capítulo 5 - História), desde sua elaboração, alterações, riscos e críticas, até o leilão para licitação da obra.

No segundo grande bloco temático agrupamos os impactos causados com a instalação da Usina, tema gerador de controvérsia que parece justificar a reportagem. Tratam-se dos impactos: ambientais, envolvendo, sobretudo, a redução da vazão do rio e o provável

desaparecimento de espécies de peixes existentes na região, o desmatamento e os empreendimentos de mineração que procuravam se estabelecer nas proximidades da obra; sociais, desde o aumento populacional na cidade de Altamira e a ausência de uma infraestrutura adequada de serviço público, passando pelo crescimento do uso de drogas e aumento da violência, já que as ações compensatórias previstas não haviam sido realizadas como planejado; e dos impactados, com destaque para os ribeirinhos e os indígenas, que mesmo indenizados ou objetos de ações compensatórias, estavam sendo afetados em seu estilo de vida e na atividade econômica que desenvolviam. Estrutturamos esse reagrupamento temático da reportagem *A batalha de Belo Monte* na Figura 3.

Figura 3 – Quadro temático da reportagem multimídia *A batalha de Belo Monte*



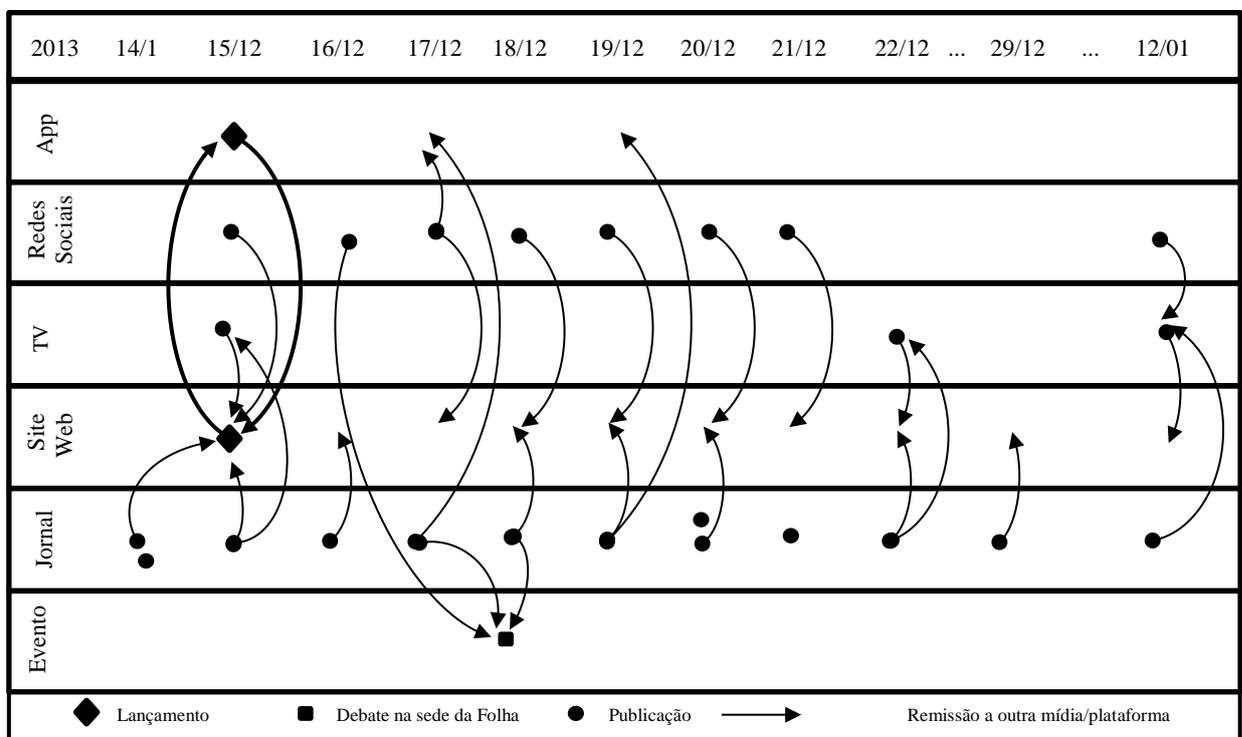
Fonte: elaboração do autor.

A reportagem multimídia é o conteúdo mais referenciado entre as demais mídias e plataformas empregadas no dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, o que lhe confere a característica de conteúdo ou texto de referência. Os conteúdos publicados no jornal impresso, no programa televisivo ou mesmo o aplicativo para dispositivos móveis fazem remissão à reportagem *A batalha de Belo Monte*, fornecendo aos seus interlocutores o endereço eletrônico para acessá-la.

Esse processo de remissão também aconteceu entre os próprios conteúdos associados ou desdobrados. É o caso, por exemplo, das matérias do jornal que convidam os leitores para assistirem ao programa televisivo, participarem do debate na sede da redação ou fazerem o

download do aplicativo em dispositivos móveis. Trata-se de pautar o próprio dossiê através de diferentes conteúdos em outras plataformas para manter o público interessado na temática abordada. Se o princípio transmídia da serialidade<sup>31</sup> não foi explorado no texto de referência, a reportagem *A batalha de Belo Monte*, lançada em sua integralidade num único dia, os conteúdos complementares, principalmente os do jornal, utilizam-se desse princípio, pautando por cerca de uma semana o tema em outras mídias com a finalidade de despertar a atenção do destinatário-consumidor para o dossiê e a própria reportagem multimídia. No fluxograma a seguir (Figura 4) é possível visualizar a articulação de conteúdo entre as mídias e plataformas da Folha.

Figura 4 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: elaboração do autor.

Merece destaque o papel do jornal Folha de S. Paulo, promovendo e guiando o leitor para o consumo dos demais conteúdos. A função do veículo no projeto transmídia é coordenar as estratégias, estabelecendo a conexão entre os diversos conteúdos. No caso específico do Grupo Folha, o jornal apresenta-se como o mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral, e mesmo com o avanço para o *online*, ainda guarda o peso da história – foi o primeiro veículo do grupo – e da tradição, pois está prestes a completar 100 anos, o que lhe

<sup>31</sup> A ideia de serialidade (*Seriality*) proposta por Jenkins (2009b, 2009c) sugere a quebra do arco narrativo em pedaços para espalhá-lo em diversas mídias/plataformas, organizando o texto de forma que ele termine, mas deixe transbordar enigmas que só serão resolvidos no texto seguinte, que poderá estar em outra mídia (cf. p. 17).

confere o prestígio de carro-chefe da marca Folha. Mesmo com esse prestígio, publicar o texto de referência no jornal diário inviabilizaria uma remissão mais articulada a esse conteúdo pela precibilidade desse tipo de mídia. Seu uso seriado para conteúdos complementares explorou uma das principais características do jornal, a publicação diária, fomentando no seu público a migração entre plataformas<sup>32</sup>. Esse processo evidencia, sobretudo, a lógica corporativa subjacente ao modelo transmídia, no qual a convergência de propriedade favorece a convergência midiática.

No dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* as estratégias de propagação foram mobilizadas através do programa TV Folha, mas, sobretudo, pelo jornal Folha de S. Paulo (FSP)<sup>33</sup>. Esses conteúdos procuram recuperar aspectos temáticos já abordados no texto de referência ou textos complementares, ou simplesmente promovê-los.

A propagação por *recuperação* se deu quando o jornal reproduz o primeiro capítulo da reportagem multimídia no Caderno Ilustríssima (FSP, 15/12/2013, p. 4-5), na mesma data de lançamento do especial, mudando apenas o título para “O controvertido colosso do Xingu”, e, dias depois, também o publica na revista para tablet Folha10 (21-22/12/2013, p. 29-47), editada semanalmente com uma seleção dos “dez melhores textos da semana”. Mapas e infográficos do texto de referência também são utilizados para ilustrar a matéria do jornal “Empregos fazem maioria apoiar usina” (FSP, 14/12/2013, Mercado 2, p. 2-3), que, assim como a matéria “Usina hidrelétrica divide opiniões em Altamira” (FSP, 14/12/2013, Mercado 2, p. 1), discute a pertinência da construção da Usina de Belo Monte a partir de dados de pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha. Essas matérias possuem texto distinto da reportagem multimídia, mas abordam aspectos temáticos que são tratados no texto de referência. Outra forma de adaptação encontrada procura sintetizar os aspectos temáticos tratados em um conteúdo complementar, como na matéria “Índio e custo acirram debate sobre usina” (FSP, 20/12/2013, p. B6), que reporta as discussões do evento promovido pelo veículo.

A maior parte dos conteúdos de propagação, porém, tem como função a *promoção* do texto de referência ou de conteúdos associados. São *boxs* vinculados a conteúdos publicados no jornal Folha de S. Paulo, que destacam aspectos como formato e investimentos para produção

---

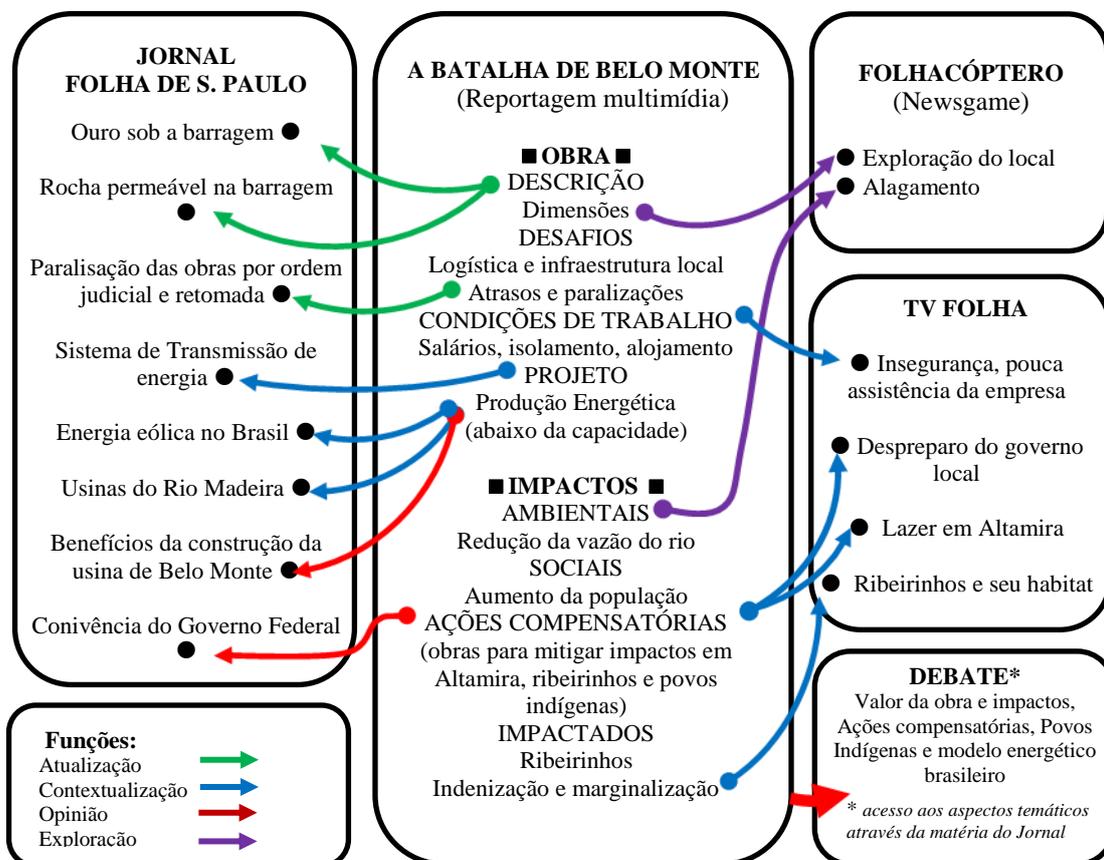
<sup>32</sup> Apesar de fugir do objetivo de nossa pesquisa, a migração entre mídias poderia ser pensada também enquanto parte de um processo de transição do suporte de leitura do jornal, para muitos fadado a desaparecer em papel para permanecer em dispositivos digitais como *tablets* e na própria web. Neste sentido é preciso pontuar que o site da Folha só permite a leitura de até cinco textos por mês para não assinantes e, segundo o próprio site do Grupo, “conta com uma audiência de 28 milhões de visitantes únicos e 190 milhões de páginas vistas por mês, na média do ano de 2017”.

<sup>33</sup> Para facilitar a leitura adotaremos a sigla FSP na descrição das matérias relacionadas para fazer referência às publicações do Jornal Folha de S. Paulo.

da reportagem (FSP, 14/12/2013, Mercado2, p. 2), orientam como usar o aplicativo Folhacóptero ou inscrever-se para o debate com especialistas (FSP, 17/12/2013, p. B4), e indicam o horário em que o programa TV Folha Especial Belo Monte iria ao ar na TV Cultura (FSP, 12/01/2014, p. A10). Destaque-se ainda a matéria “Dossiê sobre Belo Monte ganha versão em inglês” (FSP, 22/12/2013, p. B7), além de chamadas para edições anteriores do Programa TV Folha (FSP, 15/12/2013, p. A14; 22/12/2013, p. A11), que também veiculam pequenas reportagens enfatizando aspectos temáticos tratados na reportagem multimídia.

Em comparação com a reportagem multimídia, conteúdos de outras mídias desdobram, ampliam ou complementam aspectos temáticos ali tratados. Através do jornal, da televisão, do aplicativo e do evento realizado para debater a questão, são mobilizadas estratégias que expandem o texto de referência, seja atualizando, contextualizando, opinando ou explorando sensorialmente aspectos temáticos do universo discursivo. No quadro a seguir (Figura 5) é possível visualizar como acontece o processo de expansão.

Figura 5 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: elaboração do autor.

A expansão por *atualização* do texto de referência, em que novos fatos relacionados ao tema permitem manter o público informado dos últimos acontecimentos, é explorada através do jornal impresso: a paralisação das obras por determinação judicial – “Justiça Federal manda paralisar obras da usina de Belo Monte” (FSP, 18/03/2013, p. B3) – e sua posterior liberação – “Justiça libera obras da hidrelétrica” (FSP, 20/03/2013, p. B6); a existência de ouro sob o local da barragem – “Usina de Belo Monte manteve em segredo veio de ouro, agora já sepultado sob o concreto” (FSP, 20/03/2013, p. B6); e as soluções encontradas pelos engenheiros construir dois diques do reservatório sob uma rocha permeável – “Dificuldade da obra agora são fundações para 2 dos 27 diques” (FSP, 14/03/2013, Mercado 2, p. 3).

Os conteúdos de expansão por *contextualização* dos aspectos temáticos do texto de referência detalham, tanto no jornal impresso como na televisão, pontos relevantes não desenvolvidos na reportagem multimídia. No jornal, verificamos uma abordagem sequencial sobre a produção energética brasileira por quase uma semana: “Sistema inédito no país levará energia de Belo Monte” (FSP, 16/12/2013, p. B5); “Eólicas preveem ‘um Belo Monte’ até 2017” (FSP, 17/12/2013, p. B4); “Disputa entre 2 usinas gigantes do Amazonas agrava atrasos” (FSP, 19/12/2013, p. B4). Os programas TV Folha também expandem certos aspectos temáticos, contextualizando, por exemplo as confusões provocadas pelos peões embriagados em um dia de domingo na orla de Altamira (Programa de 22/12/2013) e trazendo mais informações a respeito das condições de trabalho dos operários da Obra, como a insegurança e a assistência precária da empresa construtora, além de destacar, entre os impactados, a personagem do agricultor Benedito Balão, ribeirinho do Xingu, que descreve como era sua terra antes da usina e revela seu sonho de voltar a viver às margens do rio, num relato mais humanizado do que aquele abordado na reportagem multimídia (Programa Especial de 12/01/2014).

Os conteúdos que adotam a estratégia de expansão pela via da opinião, debatendo aspectos temáticos do texto de referência, aparecem sobretudo no jornal impresso: os artigos “Em busca do equilíbrio”, do engenheiro e economista Maurício Tolmasquim, defendendo a construção, e “Inadimplência ambiental”, do indigenista André Villas-Bôas, criticando os impactos provocados, ambos publicados na sessão *Tendências / Debates* e ilustrados por uma charge de Fernando Real (Figura 6) (FSP, 21/12/2013, p. A3); os artigos “Arrancada histórica”, do colunista Vinicius Mota (FSP, 16/12/2013, p. A4) e “Água e energia”, do colunista e coordenador do dossiê, Marcelo Leite (FSP, 29/12/2013); o editorial “A lição de Belo Monte” (FSP, 18/12/2013, p. A2); e cartas revelando posicionamento dos leitores e pedidos de correções das reportagens publicadas na sessão *Painel do Leitor*.

Figura 6 – Charge de Fernando Real



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 22/12/2013, p. A3.

A prática já costumeira da Folha de promover debates também foi integrada ao dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*. Consideramos tratar-se de um modo de expansão por opinião, já que reúne especialistas e autoridades para discutir aspectos temáticos tratados no texto de referência. O debate, mediado pelo repórter Marcelo Leite na sede da Folha, reuniu no dia 19 de dezembro de 2013, o diretor da empresa construtora da usina, Antônio Kelson, um representante da área ambiental, André Villas-Bôas, e um especialista em engenharia ambiental, Prof. Wilson Cabral. Segundo a matéria publicada no jornal (FSP, 20/12/2013, p. B6), o público pôde fazer perguntas e interferiu, inclusive, com vaias a um dos debatedores quando abordava a questão dos povos indígenas.

A expansão por exploração de aspectos temáticos proposta pelo dossiê acontece através do aplicativo Folhacóptero, que tem como objetivo proporcionar ao destinatários-consumidores uma experiência “explorável” e sensível do ambiente da obra. Por meio do *newgame* é possível sobrevoar virtualmente o ambiente simulado da Usina Belo Monte e obter informações sobre a construção a cada momento que se cruza um dos círculos vermelhos espalhados pelo local, além de antecipar o momento em que o reservatório seria alagado e a usina passaria, de fato, a funcionar. Assim, através de textos, imagens e sons simulam como as coisas funcionavam promovendo uma experiência diferente de qualquer outra mídia antecedente (BOGOST; FERRARI; SCHWEIZER, 2010).

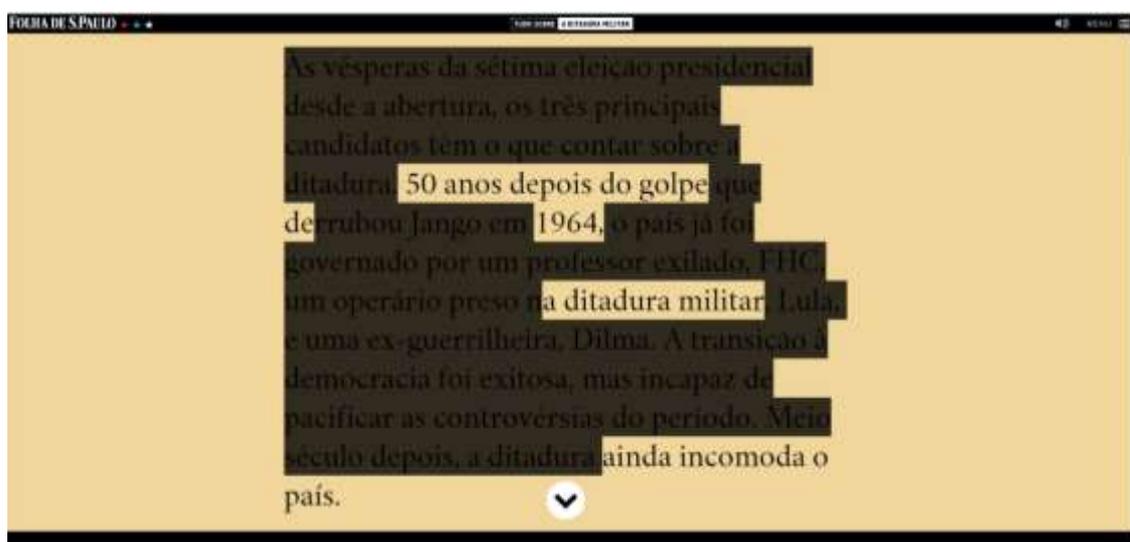
Dessa maneira, constatada a existência de estratégias de expansão entre o texto de referência e os textos complementares ou associados do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* distribuídos em mídias e plataformas distintas, reconhecemos nessa produção uma narrativa transmídia jornalística. Os modos dessa expansão encontrados – por atualização, contextualização, opinião e exploração – apontam para modos distintos de aproveitamento das propriedades e funções jornalísticas.

### 4.3 Tudo Sobre a Ditadura Militar

Lançado em 23 de março de 2014, o dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar* foi a segunda incursão da Folha na série e procurou explorar, sobretudo, a temporalidade da data em que se completavam 50 anos do golpe militar ocorrido em 1964. Para desenvolver um tema histórico, os produtores recorreram a diversas fontes que testemunharam os principais acontecimentos, desde a deposição do presidente João Goulart, passando pela repressão dos militares até o processo de redemocratização. Não parece tratar, em um primeiro momento, de um tema polêmico, mas o confronto de versões e o próprio momento político nacional à época acabou motivando algumas comparações entre passado e presente.

Compõe o dossiê a reportagem multimídia *O golpe e a ditadura militar*, em formato *longform* hospedado no portal da Folha (Figura 7), uma reportagem especial produzida para o Programa TV Folha, notícias e entrevistas publicadas no Jornal, dois debates para discutir a temática e ainda um *past blooging* que procura recordar em tempo “paralelo” os fatos ocorridos meio século antes. A equipe de produção, coordenada pelo chefe da editoria de Poder, Ricardo Balthazar, “envolveu mais de 20 profissionais em quatro meses de produção” (FSP, 23/03/2014, p. A10).

Figura 7 – Captura de tela da página inicial da reportagem *O golpe e a ditadura militar*



Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>

Seguindo basicamente o mesmo formato da primeira produção da série, a reportagem multimídia explora recursos digitais e design, estruturando-se em seis capítulos – A Crise, A Ditadura, A Economia, A Abertura, O Acerto de Contas, E se...). Consta, ainda, no menu lateral,

uma introdução, que discute por que Jango foi deposto, artigos e fontes bibliográficas utilizadas pelos repórteres, além da equipe de produção da reportagem. A disposição dos capítulos segue uma ordem cronológica e, ao mesmo tempo temática, a exemplo do capítulo Economia, que isola um aspecto presente em todo o período abordado.

A análise detalhada dos percursos temáticos e figurativos na reportagem multimídia aponta uma sequência mais temporal, procurando descrever um período “antes” do regime militar, envolvendo o contexto e os momentos desencadeadores do golpe; um “durante”, isto é, o período em que os militares assumiram o controle do país com todas as implicações geradas; e um “depois”, mais voltado para as consequências da ditadura e suas implicações para a sociedade brasileira. Assim, parece-nos bem reagrupar a narrativa a partir desses três eixos, segundo a lógica causas-evento-consequências (Figura 8).

Figura 8 – Quadro temático da reportagem multimídia *O golpe e a ditadura militar*



Fonte: elaboração do autor.

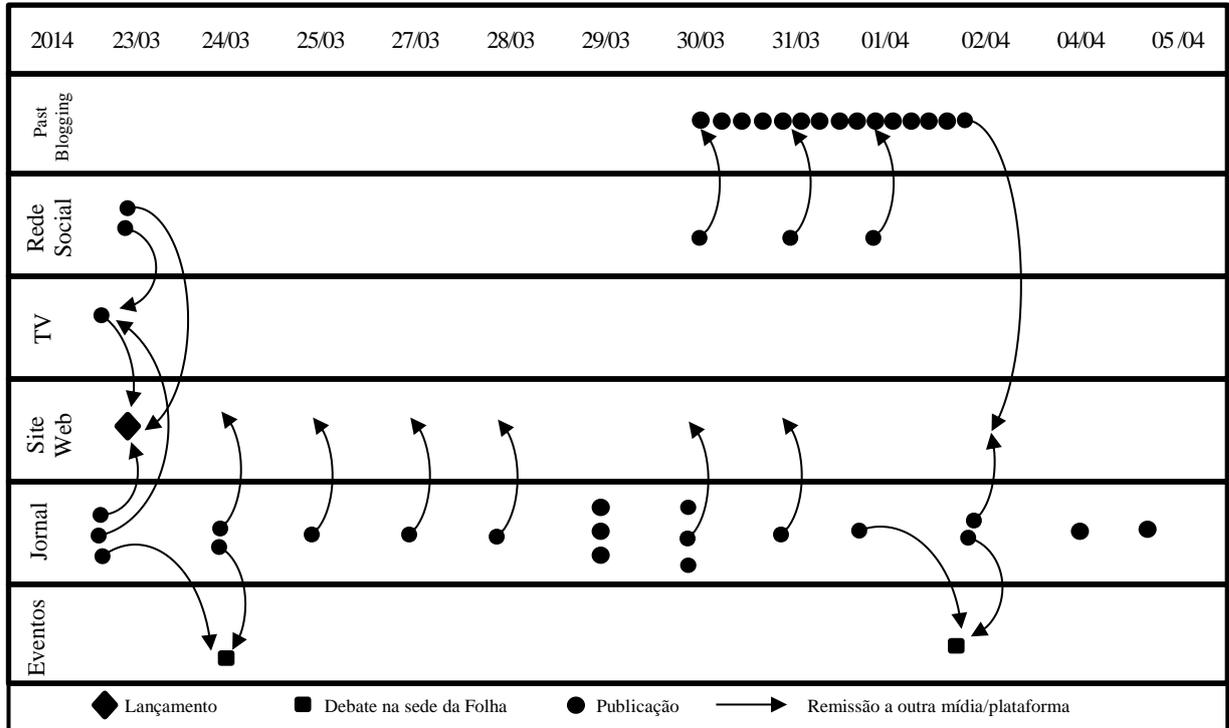
Do evento desencadeador, o regime militar, identificamos três grandes aspectos desenvolvidos no texto: a repressão pela suspensão dos direitos políticos ou da violência direta, inclusive a tortura; a resistência por meio da luta armada ou pela vertente cultural; e o lento processo de abertura do regime, desencadeado pela crise econômica e pelas divisões internas do governo, que começava a sofrer pressões de setores da sociedade civil através das campanhas pela Anistia e por eleições diretas, permitindo uma maior articulação da oposição. Aí também situamos o tema da Economia, fator preponderante tanto para a manutenção quanto para a queda

do regime, destacando-se o crescimento econômico, a crise do petróleo, e a desigualdade na distribuição de renda entre os brasileiros.

Para contextualizar o golpe de 1964, a reportagem explica como as reformas de base, propostas por Jango, provocaram uma união dos partidos de direita e como o apoio dos Estados Unidos, que desejavam impedir o avanço do socialismo, foi decisivo para concretizá-lo. No período Pós-regime a reportagem trata de aspectos que ainda incomodavam o país, como a revisão da lei da anistia, os mortos e desaparecidos políticos, o reconhecimento pelas Forças Armadas dos crimes praticados e os resultados e efeitos das Comissões da Verdade, instituídas para investigar violações dos direitos humanos durante a ditadura militar.

No fluxograma a seguir (Figura 9) percebemos como se cumprem as primeiras condições de uma narrativa transmídia, isto é, a articulação em mais de uma mídia ou plataforma, estabelecendo um processo de estímulo ao consumo entre os diversos conteúdos que compõem o dossiê. Trata-se de um processo complexo que exige certo planejamento para promover uma serialização que mantenha o tema na agenda do seu público.

Figura 9 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar*



Fonte: elaboração do autor.

A relação que os demais conteúdos do dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar* mantêm com a reportagem multimídia *O golpe e a ditadura militar* conferem-lhe o status de texto de

referência. Novamente destaca-se o papel do jornal impresso no processo de remissão dos leitores ao site da reportagem. Por cerca de dez dias o veículo pautou o tema em suas páginas, propagando, repercutindo e ampliando aspectos temáticos do texto de referência. Notamos ainda, a remissividade entre os textos associados, sobretudo entre conteúdos das redes sociais que indicavam como acessar o *past blogging*, bem como matérias do jornal que orientavam sobre a participação nos debates promovidos.

Prosseguindo com nosso percurso de análise, catalogamos os conteúdos associados desenvolvidos através do programa TV Folha, do *past blogging*, das matérias publicadas no jornal e dos dois debates realizados na redação do veículo, classificando-os a partir das duas grandes estratégias de propagação e expansão do texto de referência. Em cada uma dessas estratégias, os textos associados assumem diferentes papéis, semelhantemente ao encontrado no dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*. As estratégias transmídia de propagação evidenciadas no dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar* tiveram como função a recuperação e promoção de conteúdos, com uma atenção especial para utilização das redes sociais a fim de propagar o *past blogging*.

Para *recuperação* de aspectos temáticos da reportagem multimídia o jornal Folha de S. Paulo publicou, no mesmo dia do lançamento do dossiê, um caderno especial, adaptando boa parte do conteúdo do texto de referência em oito páginas (FSP, 23/03/2014). A supressão de algumas partes do texto escrito e do rico acervo de fotografias da época, bem como a mudança dos títulos e uma diagramação apurada mostram que os produtores não repetiram o procedimento realizado no dossiê anterior, em que publicaram, na íntegra, o texto do primeiro capítulo sem um processo de edição mais cuidadoso.

No mesmo caderno especial, aspectos temáticos presentes na reportagem multimídia aparecem de forma resumida, sobretudo através da linha do tempo *A ditadura ano a ano*, que perpassa todas as páginas apresentando os principais momentos do regime, desde a tomada do poder pelos militares até a posse do primeiro presidente civil, assim como a coluna que lista, de forma resumida, respostas de personalidades à pergunta *Por que Jango caiu?*, que na reportagem multimídia é apresentada em formato audiovisual. Explora ainda essa mesma função a reportagem produzida para o Programa TV Folha, exibida também no mesmo dia do lançamento do dossiê, utilizando-se de um estilo documental para elencar, por cerca de 13 minutos, os principais aspectos temáticos da reportagem multimídia, inclusive seguindo o mesmo percurso de abordagem: o contexto que gerou o golpe de 1964, a repressão militar e a resistência armada, finalizando com análises sobre a revisão da Lei na Anistia, o

reconhecimento dos crimes cometidos pelas Forças Armadas e as limitações da Comissão da Verdade. A economia é o único aspecto que ficou de fora dessa abordagem audiovisual.

Por fim, podemos considerar também conteúdo de propagação por recuperação as matérias “Falta de punição para crimes na ditadura militar polariza debate” (FSP, 26/03/2014, p. A9), e “Economistas participam de debate sobre ditadura” (FSP, 04/04/2014, p. A7), que sintetizam os principais aspectos abordados nos dois debates promovidos pelo veículo. Trata-se de um resumo seletivo das discussões apresentada nos eventos associados ao dossiê, aos quais a maioria do público não teve acesso.

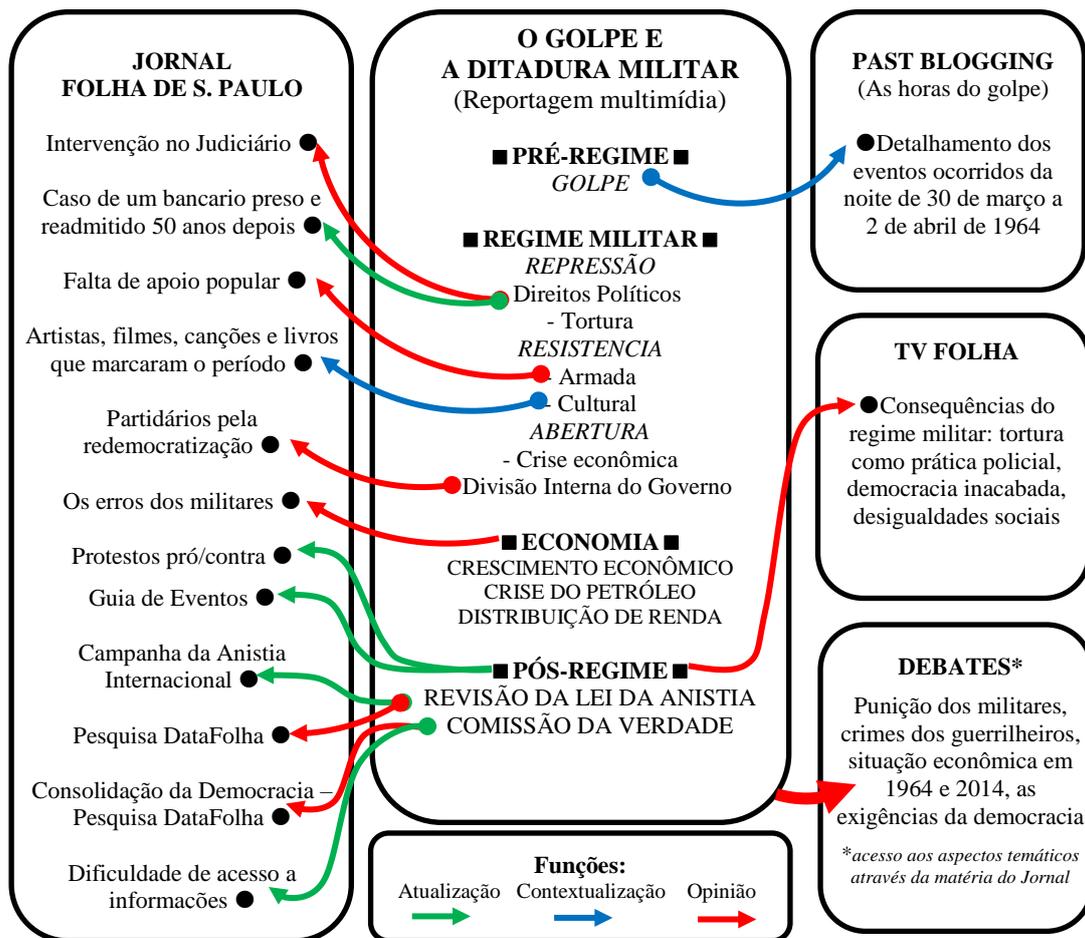
Também no dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar* a estratégia mais recorrente de propagação visa a *promoção* do texto de referência e dos textos associados. O processo de publicação de matérias, que tem por objetivo manter o interesse do público a respeito do tema, acontece por quase duas semanas. No jornal esses conteúdos aparecem como chamadas de capa com manchetes sobre o lançamento da reportagem multimídia (FSP, 23/03/2014; 24/03/2014), orientando para assistir ao programa televisivo (“‘TV Folha’ exhibe reportagem sobre os 50 anos do golpe de 64”, FSP, 23/03/2014, p. A10) e como participar dos debates na sede do veículo (“Folha realiza amanhã debate sobre os 50 anos do golpe militar de 1964”, FSP, 23/03/2014, p. A16; “Com enfoque econômico, debate aborda 50 anos do golpe de 1964”, FSP, 01/04/2014, p. A8; “Evento na Folha discute economia pós-1964”, FSP, 02/04/2014, p. A8).

Também pode ser categorizado dentro da estratégia de propagação um grupo de conteúdos que, apesar de acrescentar novas informações, não tratam de aspectos temáticos abordados, mas do modo como se realiza a abordagem, comentando ou criticando a reportagem multimídia ou o próprio veículo. No dia seguinte ao lançamento do dossiê, o jornal publica uma matéria “Estudiosos elogiam reportagem sobre os 50 anos do golpe” (FSP, 24/03/2014, p. A7), na qual especialistas avaliavam o trabalho dos produtores, tecendo elogios, críticas e sugestões. Da mesma forma, a coluna *Painel do Leitor* traz comentários e opiniões, ora questionando a autoridade de algumas fontes, ora enaltecendo o formato pedagógico e inovador da reportagem multimídia. Produzidos ou autorizados pela Folha, esses conteúdos fazem parte da estratégia de promoção, pois visam, em última instância, reforçar a credibilidade do veículo e mostrar-se como fiador da confiança a ponto de expor às críticas até mesmo seu modo de produção.

Os conteúdos encontrados que se configuram como parte da estratégia de expansão ampliam a narrativa através de desdobramentos temáticos do texto de referência, atualizando, contextualizando ou opinando a respeito desses aspectos. Apesar do gancho temporal que motiva muitas matérias e artigos sobre a ditadura militar, consideramos como parte do projeto transmídia apenas aqueles que fazem alguma referência ao especial no próprio enunciado ou

possuem alguma identificação através do selo do dossiê ou endereço eletrônico para a reportagem multimídia. Na representação a seguir (Figura 10) é possível visualizar como os aspectos temáticos se expandem da internet (reportagem multimídia) para o jornal (notícias e entrevistas), para a televisão (reportagem documental), por meio de uma espécie de “live blogging” e com o debate promovido com convidados e especialistas.

Figura 10 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre a Ditadura Militar*



Fonte: elaboração do autor.

Através do jornal, a Folha procura fazer o leitor acompanhar o desenrolar de novos acontecimentos relacionados aos 50 anos do golpe e da ditadura militar, promovendo uma *atualização* de aspectos temáticos do conteúdo de referência. Identificamos nesse tipo de conteúdo, por exemplo, a matéria que relata a dificuldade da Comissão da Verdade, do Ministério Público e da imprensa de obterem informações das Forças Armadas relativas ao período do regime (“Forças Armadas travam apurações sobre a ditadura”, FSP, 23/03/2014, p. A14) e a notícia das manifestações na capital paulista (“Manifestantes contra e a favor da

ditadura militar marcham em SP”, FSP, 23/03/2014, p. A14); a matéria sobre o lançamento da campanha da ONG Anistia Internacional para punir torturadores no Brasil (“Anistia fará campanha para punir torturadores”, FSP, 28/03/2014, p. A11); o caso do advogado baiano que conseguiu na justiça o direito de ser readmitido pelo banco onde trabalhava, do qual foi exonerado sumariamente após sua prisão em abril de 1964 (“Justiça determina que bancário preso na ditadura seja readmitido”, FSP, 29/03/2014, p. A16); ou o roteiro dos debates, palestras e simpósios discutindo os 50 anos do golpe na cidade de São Paulo (FSP, 24/03/2014, p. A7).

A estratégia de expansão por *contextualização* é notada também no jornal, mais especificamente no caderno especial. Além de recuperar o artigo do colunista Marcos Augusto Gonçalves da reportagem multimídia, a página 7 do caderno especial (FSP, 23/03/2014) apresenta uma lista de dez artistas representativos da resistência cultural ao regime, bem como colunas que listam filmes, canções e livros que marcaram o período. Esses pontos não são mencionados no texto de referência.

Um novo formato de conteúdo explorado exclusivamente no dossiê *Tudo Sobre a Ditadura Militar* que desenvolve a função da contextualização é o *past blogging* “As horas do golpe”. Trata-se de um relato em tempo similar aos acontecimentos do passado, mobilizado através do site da Folha e da rede social Twitter. Seu objetivo é recordar e reconstituir os eventos principais que envolveram o golpe de 1964 em tempo sincronizado 50 anos antes, das 21h30 de 30 de março de 1964 até 2 de abril.

Na reportagem multimídia esse relato é desenvolvido através do vídeo “A marcha do golpe”, de 3 minutos de duração, explicando os passos até a tomada de poder. O *past blogging* amplia significativamente a compreensão dos fatos, levando o usuário a ter um conhecimento mais detalhado dos eventos ocorridos naqueles três dias de 1964 que determinaram a vida dos brasileiros por mais de vinte anos, incluindo dados e informações descritas de forma pormenorizada (Figura 11). A presentificação explorada no próprio discurso auxilia a experiência de conhecimento, visto que, quando narra os momentos que culminaram na tomada do poder pelos militares e na deposição do presidente João Goulart, numa espécie de “ao vivo”, o *past blogging* promove uma “volta” ao passado através da similitude temporal<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Não acompanhamos o processo de publicação do *past blogging* “As horas do golpe” para julgar se o meio utilizado cumpria o seu fim de engajamento. Uma análise posterior aponta que modelos de aplicativos de mensagens e redes sociais que possuem sistema de notificação *push*, em que a audiência é alertada sobre a existência do conteúdo, seriam mais proveitosos para utilização desta estratégia. Atualmente outros recursos estão disponíveis para uma iniciativa semelhante como os *stories* para Instagram e Facebook, ou status do WhatsApp, entre os mais populares.

Figura 11 – Captura de tela dos primeiros posts do *past blogging*

**poder**

**TUDO SOBRE A DITADURA MILITAR**

**AS HORAS DO GOLPE**

Este 'past blogging' revive os principais momentos da derrubada do presidente João Goulart e do início da ditadura militar. Os horários equivalem ao que acontecia exatos 50 anos atrás. A narrativa começa às 21h30 de 30.mar.1964.

ATUALIZAÇÃO AUTOMÁTICA: **LIGADA** | DESLIGADA

**21h47**

**Palácio Laranjeiras, Rio.** O chefe do Gabinete Militar, general Argemiro de Assis Brasil, que assegurava ao presidente lealdade dos quartéis, chega ao palácio e diz a Jango: "Está tudo pronto, o esquema já entrou em execução".

**21h45**

**Palácio Laranjeiras, Rio.** O presidente João Goulart está na antessala de seus aposentos, no primeiro andar, resmido com o deputado Tancredo Neves, líder do governo na Câmara, e com o secretário de Imprensa da Presidência, Raul Ryff. Os dois tentam dissuadir Jango de fazer o discurso marcado para o auditório de suboficiais e sargentos das Forças Armadas, no salão do Automóvel Clube, na Cinelândia.

**notícias**

**TUDO SOBRE O GOLPE**

Desta, não pulemos nenhum período da história que ainda incomoda o país

**EDIÇÃO EM PROGRESSO**

**Sabe o que faziam personagens do golpe antes do dia 31 de março?**

**Site publica 10 mil documentos americanos sobre a ditadura**

Fonte: <http://historiografianarede.wordpress.com/2014/03/30/50-anos-do-golpe-militar-de-1964-e-muita-historinha/>

Muitos conteúdos publicados no jornal enquadram-se nas estratégias de expansão por *opinião* a respeito de aspectos temáticos do texto de referência. O desdobramento acontece mesmo que boa parte dos tópicos abordados sejam tratados, mas de alguma maneira ampliando os pontos de vista com outras fontes. Por quase duas semanas desde o lançamento do dossiê, são publicadas no jornal, de forma alternada, oito entrevistas com especialistas, personalidades e testemunhas de momentos emblemáticos do regime militar: presos políticos e exilados como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (“Ainda falta eficácia à democracia brasileira”, FSP, 24/03/2014, p. A18), o historiador Daniel Aarão Reis (“Luta armada se esqueceu de fazer consulta ao povo”, FSP, 29/03/2014, p. A12) e o ex-guerrilheiro Cid Benjamin (“Luta armada foi resistência legítima à ditadura militar”, FSP, 27/03/2014, p. A9); o ex-ministro da economia do governo militar, Delfim Neto (“Quem quebrou o Brasil foi Geisel, afirma Delfim”, FSP, 05/04/2014, Poder, p. 6), o presidente da Câmara no tempo do Governo Geisel, Célio Borja (“Regime de 1964 não foi uma ditadura”, FSP, 25/03/2014, p. A7), e o general que comandou o exército na transição democrática, Leônidas Pires Gonçalves (“Os militares nunca foram intrusos na história brasileira”, FSP, 28/03/2014, p. A11); além do ex-ministro do Trabalho de João Goulart, Almino Affonso (“Nunca vi o presidente Joao Goulart planejar um golpe comunista”, FSP, 30/03/2014, p. A6), e da cientista política e pesquisadora, Maria Cecília

D'Araújo (“Silêncio de militares não é compatível com a democracia”, FSP, 23/03/2014, p. A15). Todos esses entrevistados apresentam análises e pontos de vista distintos a respeito de múltiplos aspectos que envolveram o golpe e o regime militar, assim como as repercussões deste período para a sociedade brasileira, cinquenta anos depois.

Para fomentar ainda mais o debate, a Folha realiza, através do Instituto DataFolha, pesquisas sobre a Revisão da Lei da Anistia e a consistência da Democracia brasileira. Ambas rendem duas matérias de capa do caderno Poder, apresentando os dados e a interpretação dos resultados por especialistas: “Convicção na democracia é recorde, mostra pesquisa” (FSP, 30/03/2014, A5) e “Maior parte da população quer anular Lei da Anistia (FSP, 31/03/2014, p. A5).

Apresentam também viés opinativo os dois debates promovidos pelo jornal: o primeiro, realizado em 24/03/2014, discute aspectos do golpe de 1964 e da ditadura militar, colocando, lado a lado, um general que atuou no período do regime militar, Luiz Eduardo Rocha Paiva, uma ex-integrante de Ação Popular que sofreu tortura, a jornalista Mariluce Moura, e um pesquisador da UFMG, professor Rodrigo Paulo Sá Motta; o segundo, realizado em 02/04/2014, reúne os economistas João Sayad, Luiz Carlos Bresser-Pereira e Samuel Pessôa, que traçam paralelos da situação do país no período do regime e após a redemocratização. Os dois eventos realizados pela Folha sobre diferentes aspectos do tema abordado promovem uma expansão na narrativa jornalística fora dos suportes midiáticos, uma espécie de extração, que exploram uma participação mais direta do público, exigindo sua presença na redação e proporcionando contato mais direto com os jornalistas e fontes, muitas delas citadas na reportagem.

#### **4.4 Tudo Sobre Crise da Água**

O terceiro dossiê da série da Folha, *Tudo Sobre Crise da Água*, trata da escassez no abastecimento d'água e do excesso dos recursos hídricos no Brasil, explorando três situações emblemáticas: o desabastecimento na região metropolitana de São Paulo, a grande enchente ocorrida no Rio Madeira nas proximidades de Porto Velho, e a transposição do Rio São Francisco na Região Nordeste. Os fenômenos climáticos da seca e das cheias tem sido objeto de reportagens da Folha, mas o principal gancho para tratar o tema da crise hídrica brasileira foi, confessadamente, a falta de água que a população da maior cidade brasileira vinha sofrendo em 2014. Coordenada por Marcelo Leite, “uma equipe de seis repórteres, quatro artistas gráficos e três profissionais de vídeo” dividiram-se para cobrir e representar as “três situações-limite” que compõem o dossiê, procurando explorar as relações dessas com questões ambientais e políticas.

A reportagem multimídia *Líquido e incerto*, no mesmo formato das anteriores e hospedada no portal da Folha, foi lançada em 15 de setembro de 2014, e integra o dossiê, juntamente com um Programa transmitido ao vivo pela plataforma da TV Folha na internet<sup>35</sup>, bem como matérias publicadas no jornal Folha de S. Paulo. Compõe também o dossiê um debate promovido na sede da Folha com representantes do poder público e uma ambientalista para discutir a questão.

Vencedora do Prêmio ExxonMobil 2015, antigo Prêmio Esso, na categoria Informação Científica, Tecnológica ou Ambiental, e do Prêmio da Agência Nacional de Águas na categoria imprensa, a reportagem multimídia *Líquido e incerto* (Figura 12) organiza-se em três capítulos: Gente demais – a maior metrópole brasileira chega ao limite; Água demais – a enchente de lama no rio Madeira; e Água de menos – Nordeste ainda espera pela transposição. Os capítulos são precedidos por uma Introdução, que aborda aspectos mais gerais referentes à água no planeta e no Brasil, trazendo dados de consumo e dos impactos provocados pelo aquecimento global.

Figura 12 – Captura de tela da página inicial da reportagem *Líquido e incerto*



Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua/>

A estrutura da reportagem, dividida em três grandes temas-situações que dão suporte à abordagem da questão hídrica no Brasil, é estabelecida desde a fase de produção, conforme relatam os jornalistas na introdução da reportagem multimídia:

Eduardo Geraque e Fernando Canzian traçaram uma radiografia de corpo inteiro da estiagem na Região Metropolitana de São Paulo, na tentativa de entender uma doença

<sup>35</sup> O TV Folha deixou de ser transmitido em canal aberto (TV Cultura) e passou a ser exclusivamente online a partir de abril de 2014.

que começou muito antes da queda nos níveis das represas do sistema Cantareira. Rafael Garcia foi enviado a Rondônia com a missão de investigar as relações, se é que existem, da devastadora enchente deste ano com as duas usinas hidrelétricas que começaram a funcionar no rio Madeira, Santo Antônio e Jirau.

Dimmi Amora visitou vários trechos da obra de transposição do rio São Francisco para verificar se o semiárido nordestino está mais perto de ver cumpridas as promessas de acabar com os efeitos da seca sobre a população pobre. Esses quatro jornalistas foram acompanhados de perto pelo repórter fotográfico Lalo de Almeida, responsável também pela gravação dos vídeos inseridos nos três capítulos a seguir (LÍQUIDO, 2014).

Diferentemente das produções anteriores, os percursos temáticos e figurativos da reportagem multimídia apresentam-se bem delineados por questões específicas ligadas a uma localidade particular – estiagem em São Paulo, enchentes no Rio Madeira e transposição do Rio São Francisco no Nordeste. Essas três narrativas encontram pontos convergentes quando especulam sobre as mudanças climáticas e a má gestão dos recursos hídricos brasileiros como causas dos desastres naturais abordados. Dessa forma, optamos por manter os três eixos temáticos, destacando em cada um deles os aspectos desenvolvidos. Ao final de cada parte do especial multimídia, um vídeo procura sintetizar as principais questões abordadas.

Sobre o desabastecimento da Grande São Paulo a reportagem investiga suas causas, destacando a destruição dos mananciais, a poluição das águas no entorno urbano e o crescimento da população nas últimas décadas que elevaram o consumo; descreve o funcionamento do Sistema Cantareira, principal fornecedor de água para a região, e explica como a estiagem afetou o nível dos reservatórios e comprometeu o abastecimento; por fim, aponta possíveis soluções para superar a crise ou evitá-la através do combate ao desperdício de água, do reflorestamento e do manejo do gado nas áreas de mananciais, da integração dos diversos sistemas de abastecimento da região e do investimento em captação de água de subsolo e da chuva ou o seu reuso.

A abordagem referente às enchentes do Rio Madeira contempla os prejuízos sofridos pela população ribeirinha com a avalanche de lama, que deixou famílias desabrigadas e destruiu as plantações de subsistência; levanta hipóteses para o desastre, tanto de que o aquecimento global teria provocado chuvas mais intensas, quanto de que a instalação das Usinas de Santo Antônio e Jirau, ocorrida dois anos antes no Rio Madeira, além de prejudicar a atividade pesqueira da região, fez acumular uma grande quantidade de sedimentos que as hidrelétricas foram obrigadas a liberar, ocasionando a enxurrada de lama; e finaliza referindo-se à dificuldade de apontar prognósticos que previnam novos desastres.

A terceira parte da reportagem, que trata da transposição do Rio São Francisco no Nordeste, destaca o andamento das obras, questionando o sistema de distribuição, os principais

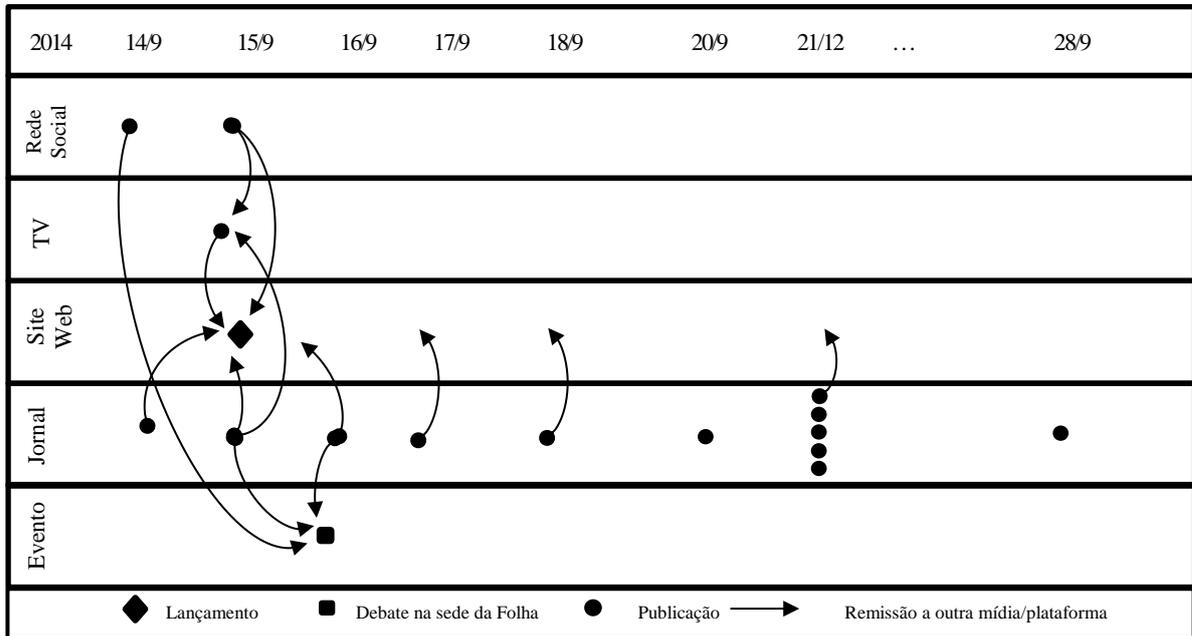
usos e beneficiários da água (a irrigação para agroindústria ou consumo humano das populações carentes), e os custos de manutenção; aborda a seca enquanto fenômeno climático, fazendo uma radiografia das fontes de água na região e mostrando como se formou uma verdadeira ‘indústria da seca’ que beneficia os mais ricos; e apresenta, ainda, pontos de vista que questionavam a viabilidade do projeto da transposição e a capacidade de sustentabilidade do Rio São Francisco. Esses percursos temáticos estão sintetizados no quadro abaixo (Figura 13).

Figura 13 – Divisão temática da reportagem multimídia *Líquido e incerto*



Fonte: elaboração do autor.

Seguindo a mesma linha de trabalho dos dossiês anteriores, a reportagem multimídia *Líquido e incerto* apresenta-se como texto de referência do dossiê *Tudo Sobre Crise da Água*. A frequência com que os demais conteúdos remeteram a esse conteúdo fundamenta essa caracterização, melhor visualizada no fluxograma a seguir (Figura 14), que mostra o processo de distribuição dos conteúdos entre mídias, repercutindo ou expandindo aspectos temáticos tratados na reportagem multimídia durante uma semana.

Figura 14 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Crise da Água*

Fonte: elaboração do autor.

A articulação entre as mídias utilizadas no dossiê *Tudo Sobre Crise da Água* concentra-se nos primeiros três dias com a publicação do caderno especial no jornal, a reportagem multimídia na internet, o programa transmitido ao vivo pela plataforma TV Folha e o debate realizado na redação do veículo. Apesar de não apresentar uma articulação tão intensa e prolongada como nos anteriores, é possível perceber o papel do jornal impresso como principal promotor do processo de agendamento da temática e do próprio dossiê perante o público leitor. Em contraposição, não há muito investimento na propagação pelas redes sociais. Notamos também, durante o período, algumas matérias relacionadas ao desabastecimento em São Paulo, à disputa por água no Nordeste e ao Rio São Francisco, mas que não apresentam qualquer referência ao dossiê, nem mesmo endereço eletrônico para a reportagem multimídia, motivo pelo qual não incluímos esses conteúdos como parte do projeto transmídia<sup>36</sup>.

Conforme pode ser verificado também no fluxograma (Figura 14), os conteúdos que consideramos como parte do dossiê *Tudo Sobre Crise da Água* foram: a reportagem multimídia – texto de referência –, o programa ao vivo, transmitido pela TV Folha, as matérias do jornal Folha de S. Paulo, incluindo o caderno Especial, o debate na sede do veículo e publicações nas redes sociais. Categorizamos, então, esses conteúdos a partir das estratégias de propagação e

<sup>36</sup> As razões para o não aproveitamento de fatos relacionados ao tema, que se constituiriam conteúdos de atualização, não puderam ser averiguadas nesta pesquisa. Matérias de jornalistas que não integravam a equipe de produção do dossiê ora recebiam o selo da série, ora não, impossibilitando-nos formular hipóteses mais consistentes para o critério de inclusão ou não destas matérias como parte do dossiê pelos seus produtores.

expansão, e conforme as relações que assumem em vista da distribuição do próprio produto ou do processo de produção que implicam funções jornalísticas no desdobramento a partir de aspectos temáticos do texto de referência.

Comparadas às produções anteriores, as estratégias de propagação utilizadas no dossiê *Tudo Sobre Crise da Água* não têm tanta recorrência. Para além do Jornal, apenas o programa exibido na TV Folha referencia a reportagem multimídia, e as publicações encontradas nas redes sociais se resumem a uma postagem no Facebook e duas no Twitter (anunciando o programa televisivo e o debate presencial na redação do veículo). As funções principais desses conteúdos consistem na recuperação e promoção dos conteúdos do dossiê.

A estratégia de propagação por *recuperação* pode ser encontrada na transmissão do programa, ao vivo, pela plataforma TV Folha, exibido no dia do lançamento da reportagem multimídia. Durante e após a entrevista, os três vídeos que constam ao final de cada uma das partes da reportagem *Líquido e incerto* são reproduzidos, além das constantes referências feitas ao longo do programa, procurando incentivar o internauta à leitura da reportagem multimídia. Outro conteúdo reproduzido do texto de referência foi sua introdução, republicada na revista para *tablets* Folha10, prática também realizada nos dossiês anteriores.

O caderno especial do jornal Folha de S. Paulo, publicado um dia antes do lançamento da reportagem multimídia, antecipa e reedita parte dos seus aspectos temáticos em seis páginas. O texto apresenta-se significativamente reduzido, considerando as limitações do espaço do jornal, mas com os principais gráficos e imagens. Os títulos de cada sessão – Gente demais, Água demais e Água de menos – foram mantidos. Não é encontrado nenhum novo aspecto temático abordado para além daqueles tratados na reportagem multimídia. Ao longo do caderno especial, os leitores são convidados a conferir a versão completa da reportagem, a ser disponibilizada no dia seguinte no site do veículo. Enquadra-se também nessa categoria de recuperação a matéria “Escassez em SP não é falta de planejamento, diz secretário” (FSP, 17/09/2014, p. C9), que tenta recuperar as principais questões tratadas no debate promovido pelo veículo.

Para explorar a estratégia da propagação por *promoção*, o veículo utiliza a manchete de capa do dia em que foi publicado o caderno especial. Na edição subsequente, um *box* convida o leitor para participar do debate com especialistas que aconteceria no dia seguinte na redação do jornal, e anuncia a entrevista com a secretária da WWF na TV Folha (“Folha faz debate sobre segurança hídrica no país”, FSP, 15/09/2014, p. A16). Para além disso, somente uma pequena nota de capa “Reportagem multimídia ganha versão em inglês” (FSP, 21/09/2014, capa), informando o endereço eletrônico da reportagem traduzida.

Os conteúdos de expansão identificados pelo desdobramento temático de aspectos do texto de referência são bem mais recorrentes que os conteúdos exclusivamente de propagação. O eixo temático mais desenvolvido é o desabastecimento da Grande São Paulo, questão mais próxima e de interesse de maior parte do público do veículo. No âmbito dessa discussão situam-se algumas matérias do jornal, o debate com especialistas e boa parte do programa na TV Folha. Traçamos no quadro a seguir (Figura 15) a ampliação dos aspectos temáticos do texto de referência, demonstrando que, pela utilização de múltiplas mídias e expansão temática em seus conteúdos, o dossiê *Tudo Sobre Crise da Água* também pode ser considerado uma narrativa transmídia jornalística.

Figura 15 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Crise da Água*



Fonte: elaboração do autor.

A função de *atualização* de aspectos temáticos tratados no texto de referência é verificada na matéria "Reservatórios de água chegam a pior nível desde 2005" (FSP, 21/09/2014, p. B4). A notícia, que aborda a queda do nível dos reservatórios e seus impactos na produção de energia, traz novas informações sobre o resultado parcial dos níveis de reservatório das hidrelétricas do país, divulgado pelo Operador Nacional do Sistema (ONS) no dia seguinte ao lançamento da reportagem multimídia. Conforme já nos referimos, um conjunto de notícias que atualiza aspectos temáticos da reportagem multimídia poderiam ter sido

associadas ao dossiê, mas não apresentaram marca ou endereço eletrônico que conduzisse o leitor ao processo de transmídiação: “Disputa por acesso a água envolve até jagunços no interior do Ceará (FSP, 18/09/2014, p. C6); “Agência federal abandona grupo de Crise do Cantareira” e “SP afirma que ‘estranha momento’ de saída da ANA (FSP, 20/09/2014, p. C1 e C2); “Ato por água acaba em confronto em Itu” e “Em documento, Sabesp reconhece cortes de água” (FSP, 23/09/2014, p. C4 e C5); “Dirigente de agência critica transparência de SP em crise”, “Prefeitura de São Paulo faz licitação para abrir poços”, “Nascente do rio São Francisco secou, diz diretor de parque” e “A revolta da (falta de) Água” (FSP, 24/09/2014, p. C6-C8); e “Chuva atinge Cantareira, mas volume não deve subir” (FSP, 27/09/2014, p. C5).

Conteúdos que desempenham o papel de *contextualização* de aspectos temáticos do texto de referência também são encontrados no jornal impresso. Por meio dessa estratégia algumas questões como o uso sustentável da água no planeta, a falta de planejamento do Governo de SP para lidar com a crise hídrica e o tratamento da água de esgoto para abastecimento são desdobradas e melhor desenvolvidas em outros conteúdos: a Entrevista com o presidente e fundador da ONG Pacific Institut (Califórnia) intitulada “Existe alternativa para o petróleo, não para água” (FSP, 15/09/2014, p. A16), que aborda a relação entre energia, clima e recursos hídricos; e a matéria “Com água de reúso, Grande SP teria mais 2 Cantareiras”, (FSP, 21/09/2014, p. C9), baseada na proposta do professor de engenharia hidráulica da USP, Ivanildo Hespanhol, sobre a ‘reciclagem’ da água de esgoto para consumo humano.

A estratégia de expansão que procura desenvolver aspectos temáticos do texto de referência pela via da *opinião* é a mais presente no dossiê, seja através do jornal impresso, do Programa exibido ao vivo da redação para a plataforma da TV Folha e do debate promovido na sede do veículo. No jornal Folha de S. Paulo os aspectos discutidos são a falta de infraestrutura e planejamento integrado dos Governos para administrar a escassez ou excesso de recursos hídricos em dois editoriais: “Socos na água” (FSP, 15/09/2014, p. A2), mais voltado para o cenário político das eleições presidenciais daquele ano, e “Risco líquido e certo” (FSP, 18/09/2014, p. A2), repercutindo reações do debate promovido pela Folha, sobretudo com relação ao governo paulista. Ainda manifestam essa função opinativa o artigo “Desafios na gestão de águas” (FSP, 21/09/2014, p. A3), de autoria do então Ministro da Integração Nacional, Francisco Teixeira, e do Diretor da Agência Nacional de Águas, Vicente Andreu Guillho. O artigo, que traz um aspecto temático interessante não abordado na reportagem multimídia, trata da estruturação da Política Nacional de Recursos Hídricos, elencando os avanços e desafios para implementá-la no país.

A respeito desse mesmo aspecto, Maria Cecilia Wey de Brito, CEO da WWF no Brasil, expõe, no Programa transmitido ao vivo pela TV Folha em 15/09/2014, as deficiências de implantação dos Comitês das bacias hidrográficas que colaboram para a não efetivação da chamada Lei das Águas (ou Política Nacional de Recursos Hídricos). A representante da ONG foi convidada ao Programa, que tem as eleições de 2014 como mote para discutir a crise hídrica, e tece críticas ao Governador de São Paulo, Geraldo Alckimin, por não ter incentivado o racionamento ou promovido campanhas eficazes para combater o desperdício, por receio de prejudicar sua reeleição. A entrevistada também avalia a gestão da presidenciável Marina Silva, quando esteve à frente do Ministério do Meio Ambiente, e do Governo Dilma, dizendo que, na questão dos recursos hídricos, a então presidente não tinha dado importância ao Código Florestal e aos impactos sofridos pelo meio ambiente com a construção de usinas hidrelétricas ou a exploração do Pré-sal. Verifica-se, portanto, novos aspectos abordados a partir de uma nova fonte, ampliando, pela via argumentativa, a compreensão acerca dos recursos hídricos para além do que pode ser encontrado na reportagem multimídia.

Ainda com o objetivo de estimular a manifestação de opiniões a respeito das questões tratadas no texto de referência, a Folha promove em sua sede, no dia 16/09/2014 o debate “Segurança Hídrica no Brasil”. Na programação constam autoridades e especialistas envolvidos com a temática como “Carlos Nobre, secretário de políticas e programas de pesquisa e desenvolvimento do Ministério da Ciência, Mauro Arce, secretário de saneamento do Estado de São Paulo, e Maria Cecilia Wey de Brito, CEO da WWF no Brasil e Vicente Andreu Guillo, diretor-presidente da ANA (Agência Nacional de Águas)” (FSP, 16/09/2014, p. C05). A matéria publicada na edição do dia seguinte traz à tona os principais pontos do debate, mas somente os leitores que participaram do evento vivenciaram a experiência mais próxima e interativa da temática do dossiê.

Por fim, é preciso destacar que encontramos conteúdos que, mesmo não integrando o dossiê, são desencadeados por ele. Tais conteúdos não podem ser considerados como parte das estratégias e, portanto, do texto transmídia porque não partiram da equipe de produção ou não foram “validados” por esta, com o selo ou endereço eletrônico para a reportagem multimídia, mas são claramente o resultado do jogo interdiscursivo que se dá em torno do dossiê. Podem ser considerados, portanto, como parte do que Fechine (2015) denomina de universo interacional transmídia, que “envolve tanto ações que podem ser compreendidas como “resposta” esperada dos consumidores de mídia às convocações dos produtores transmídia quanto outras atividades vindas dos consumidores que são inesperadas e até mesmo se desviam dos seus objetivos” (p. 323).

Figura 16 – Coluna Ombudsman “Quando o conteúdo é demais”.



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 21/09/2014, p. A6.

Citamos, em primeiro lugar, a coluna *Ombudsman* de Vera Guimarães Martins intitulada “Quando conteúdo é demais” (FSP, 21/09/2014, p. A6 – Figura 16), em que, apesar de destacar a qualidade do material, não poupa críticas à sua quantidade, afirmando, em trocadilho com os títulos dos capítulos da reportagem multimídia, que “tem Texto Demais para um leitorado que dispõe de Estímulos Demais e Tempo de Menos” (sic). A jornalista aponta ainda as diferenças entre o projeto narrativo que serviu de matriz para as produções da Folha, a reportagem “Snow Fall”, produzida pelo “The New York Times”, assinalando que estas se tratavam de uma narrativa com acontecimentos encadeados e vertente literária para empolgar o leitor como num livro de aventura, ao contrário das reportagens *Tudo Sobre*, que a colunista compara a um livro didático. Por fim, sugere que os três capítulos da reportagem multimídia deveriam ser publicados em separado ou de forma seriada, de forma a facilitar a leitura.

A polêmica teve réplica dos jornalistas produtores do dossiê (“Audiência de ‘Crise da Água’ mostra interesse do leitor”) e tréplica da Ombudsman (“Números não comprovam que os leitores leram o conteúdo”) no domingo seguinte (FSP, 28/03/2014, p. A6). O coordenador

do Projeto, Marcelo Leite, e o Secretário-Assistente de Redação, Roberto Dias, respondem ao comentário da colega jornalista com métricas de acesso e atenção dedicada ao site da reportagem multimídia, comparando, inclusive, com o número de leitores da coluna da Ombudsman. Esta, por sua vez, refuta os números apresentados, reafirmando seu ponto de vista com depoimentos de colegas da Redação, amigos e leitores de que não haviam conseguido ler toda a reportagem. A discussão pública do “modo de fazer jornalismo” recaía na forma de apresentação do conteúdo, sem qualquer questionamento sobre a abordagem dos temas tratados.

Outros conteúdos gerados nesse universo interacional transmídia são as mensagens dos leitores enviadas ao jornal a respeito da reportagem multimídia ou de outros conteúdos associados ao dossiê publicados na coluna Painel do Leitor (FSP, 16/09/2014, p. A3). Merece destaque a crítica da paraense Melina Gomes Vergolino Eleres ao tratamento diferenciado na abordagem da escassez de água ocorrida em São Paulo e da falta de água no Norte do país.

Esses e outros conteúdos como correções e “direito de resposta” de autoridades ou pessoas citadas nas reportagens parecem fugir ao controle dos produtores, mesmo que tenham sido acolhidos pelo jornal em colunas específicas, de natureza crítica, como são os espaços da *Ombudsman* e *Painel do Leitor*. E, como aponta Fachine (2015), é possível até mesmo pensar que conteúdos não-habilitados, que escapam ao controle enunciativo dos produtores, podem também favorecer a instância produtora. Nos casos citados, ainda que pareça arriscado à Folha expor suas falhas, colaboram, de uma maneira ou de outra, para reforçar a credibilidade do jornal à medida que cria um efeito de sentido de uma imprensa que mostra suas fragilidades e está disposta a receber críticas em vista do ‘bom jornalismo’.

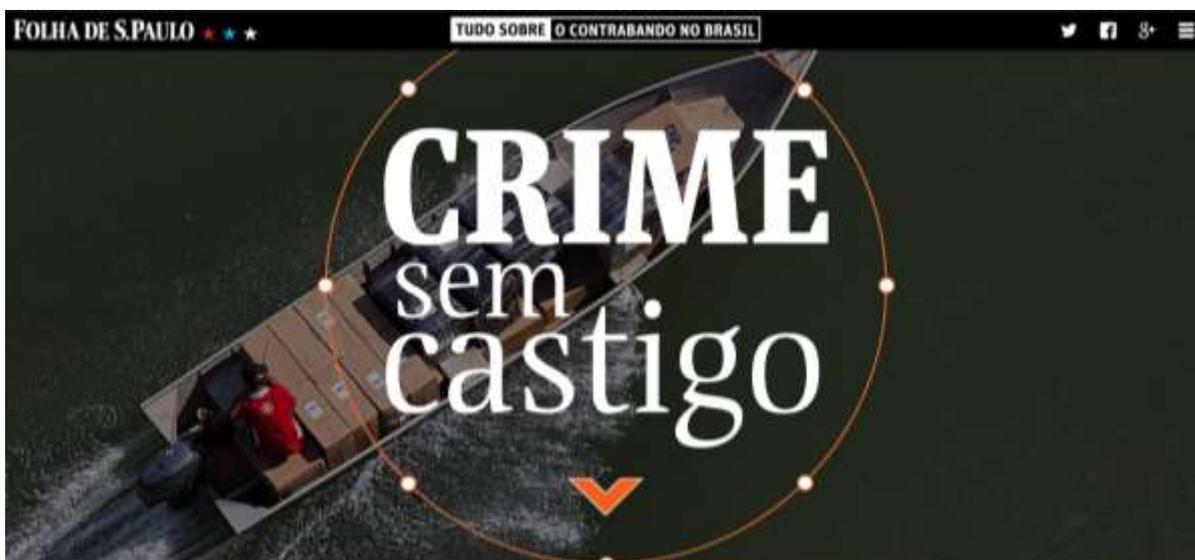
#### **4.5 Tudo Sobre Contrabando no Brasil**

Em 2015 as produções dos dossiês *Tudo Sobre* passam a ser financiados por entidades e empresas. *Tudo Sobre Contrabando no Brasil* reflete bem essa perspectiva, não apenas por contar com o patrocínio de quatro entidades com claros interesses no tema do combate à pirataria (ECTO – Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial, FNCP – Fórum Nacional contra a Pirataria e a Ilegalidade, IDESF – Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteiras, e ABCF – Associação Brasileira de Combate à Falsificação), como também por mesclar formatos de campanha publicitária e conteúdos jornalísticos. O tema da comercialização de produtos ilegais ganha ampla cobertura pelos veículos da Folha, aproveitando-se das experiências anteriores de transmídiação, mas articulando e explorando de forma diferenciada os conteúdos produzidos para o dossiê.

Coordenada pela jornalista Luciana Coelho, a equipe de mais de 30 profissionais levou cerca de dois meses para “mapear e explicar o contrabando no Brasil”, resultando na produção da reportagem multimídia *Crime sem castigo*, do caderno especial homônimo publicado no jornal e do seminário *Fórum o Contrabando no Brasil*, que durante dois dias reúne diversos especialistas e autoridades para debater o assunto. A plataforma TV Folha disponibiliza as palestras e painéis do seminário, divulgadas através das redes sociais Twitter e Facebook.

A reportagem multimídia (Figura 17), que recebeu menção honrosa no concurso de Excelência Jornalística de 2016 da Sociedade Interamericana de Imprensa, segue o formato das produções anteriores da série, com textos, fotografias, infográficos interativos, *quizzes* e vídeos. O menu lateral do *hotsite* procura organizar a narrativa pelas etapas do processo de contrabando: A entrada, A distribuição, O impacto e O combate. As entrevistas com Horacio Cartes, presidente do Paraguai, e José Eduardo Cardoso, então Ministro da Justiça brasileira, do menu lateral, também possuem *links* no corpo do texto da reportagem. O item final do menu *Fórum o Contrabando no Brasil*, remete à uma página específica do portal Folha onde estão reunidas matérias publicadas no jornal e os vídeos das palestras e painéis do seminário.

Figura 17 – Captura de tela da página inicial da reportagem *Crime sem castigo*



Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/>

Seguindo nosso percurso de investigação, identificamos o texto de referência para, em seguida, realizar a análise temática. O dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil* apresenta, num primeiro olhar, uma peculiaridade: diferentemente dos casos anteriores, a reportagem multimídia não se mostra claramente como conteúdo mais recorrente de remissão dos conteúdos associados, sobretudo dos conteúdos de propagação. Nas matérias publicadas no jornal, igual

ou maior destaque é dado ao seminário *Fórum o Contrabando no Brasil*. No que concerne à densidade informativa, também fica difícil fazer uma distinção clara: o seminário teve duração de dois dias e os vídeos disponibilizados contabilizam quase sete horas de gravações.

Tratando-se de jornalismo, no entanto, optamos por classificar a reportagem multimídia como conteúdo de referência por ser um formato específico dessa área. O seminário promovido pela Folha apresenta-se como categoria mais do campo dos estudos ou da academia, cuja função é fomentar o debate entre autoridades e especialistas sobre um determinado tema para aprofundá-lo ou encontrar soluções para o problema em questão. Não podemos considerar o seminário como um texto jornalístico propriamente dito, ou seja, não se trata de uma forma de manifestação que pertence originalmente aos gêneros discursivos do jornalismo, apesar de ter sido apropriado e reconfigurado por este, por exemplo, em programas de entrevistas. No caso do *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*, o seminário pode ser considerado, ao mesmo tempo, como um “gancho” (ainda que criado pela própria instância de produção jornalística para agendar publicamente o tema) e como “fonte” jornalística (já que as informações produzidas no seminário foram incorporadas a outros conteúdos do projeto transmídia).

Dessa forma, reorganizamos os percursos temáticos que aparecem na reportagem multimídia *Crime sem castigo*, tomando como eixo central o contrabando em seus diversos aspectos (Figura 18): os principais produtos contrabandeados; as rotas e meios de transporte utilizados para fazer chegar as mercadorias ao Brasil, destacando-se pela tríplice fronteira em Foz do Iguaçu, pela Bolívia e também através do Porto de Santos; o conjunto dos envolvidos no comércio ilegal (sacoleiros e pequenos comerciantes, atacadistas, facções criminosas, agentes públicos, atravessadores, transportadoras e consumidores); os pontos de distribuição, sobretudo na capital paulista; os impactos que os produtos podem provocar na saúde, na alimentação e na economia, afetando tanto a arrecadação tributária como a indústria nacional; o combate à pirataria e ao comércio ilegal, destacando-se os desafios para fiscalização (fronteiras extensas e homogêneas, integração dos órgãos públicos, pouco efetivo e equipamentos para fiscalização, necessidade de investir mais em serviço de inteligência e a própria corrupção dos agentes públicos), como também as apreensões e condenações já realizadas, as lacunas na legislação que dificultam a punição dos culpados, a exposição dos resultados positivos como o uso da tecnologia para fiscalização no Porto de Santos, o *lobby* das empresas para redução dos tributos e aumento da competitividade, os investimentos privados em inteligência para auxiliar órgãos fiscalizadores e a atuação de entidades de controle de qualidade dos produtos.

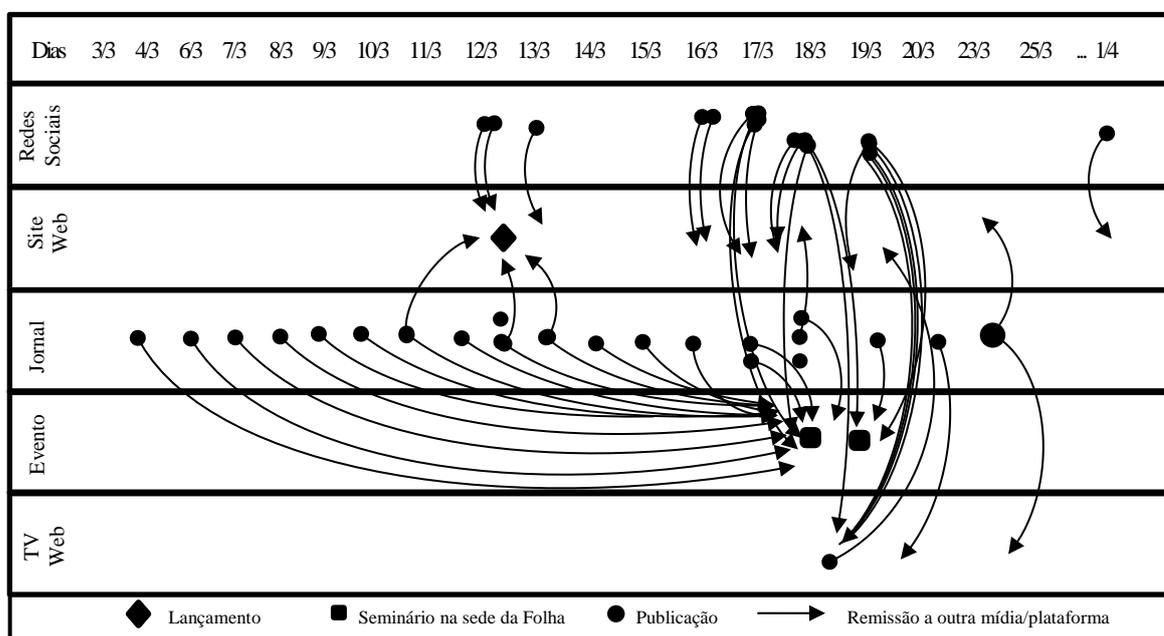
Figura 18 – Divisão temática da reportagem multimídia *Crime sem castigo*

Fonte: elaboração do autor.

Como observado anteriormente, o dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil* apresenta ares de campanha publicitária articulada com conteúdos jornalísticos. Desde o dia 3 de março de 2015, dia de combate ao contrabando, o jornal começa a publicar anúncios do seminário que promoveria quinze dias depois. Nesse ínterim seria publicada a reportagem multimídia, com o devido agenciamento no jornal. Dois dias depois do seminário, seria lançado um caderno especial recuperando conteúdos da reportagem multimídia e repercutindo as opiniões dos convidados do próprio evento. Esse cronograma de publicação foi estabelecido antecipadamente, pois consta já nos primeiros anúncios do seminário.

Durante cerca de três semanas, diferentes tipos de conteúdos são publicados de forma articulada, a fim de remeter a audiência de cada mídia tanto para o texto de referência como aos textos associados (Figura 19). Notamos, em relação aos dossiês anteriores, que a remissão dos conteúdos é mais distribuída, destacando-se o texto de referência, a reportagem multimídia, e o seminário, cujo destaque já ressaltamos. Outra nuance é a maior utilização das redes sociais, Twitter e Facebook, para propagação, bem como uma maior quantidade de comentários dos usuários, ainda que não mediada pelos jornalistas.

Figura 19 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê  
*Tudo Sobre Contrabando no Brasil*



Fonte: elaboração do autor.

O jornal impresso continua assumindo um papel de destaque na articulação dos conteúdos produzidos, aproveitando-se do prestígio e potencial de propagação que possui dentro do próprio Grupo Folha. Além dos seguidos anúncios do seminário, são publicadas matérias a respeito da reportagem multimídia e outras reportagens abordando aspectos relacionados, bem como um caderno especial. A plataforma da TV Folha na web é utilizada para armazenar os conteúdos audiovisuais das palestras e painéis do *Fórum o Contrabando no Brasil*. Esses vídeos fazem parte de matérias publicadas no site e nas redes sociais da Folha, agrupadas em um endereço eletrônico específico<sup>37</sup> que reunia todas as matérias relacionadas ao seminário e à reportagem multimídia.

Desde a veiculação do primeiro anúncio do seminário, identificamos no jornal alguns conteúdos relacionados ao tema, mas que não apresentam referência explícita ao dossiê (marca, link ou referência no próprio texto escrito). Sabendo tratar-se de uma reportagem patrocinada, inclusive com anúncios publicados em espaços publicitários, esses conteúdos parecem ser claramente parte da tentativa de agendamento do tema junto ao público leitor. Podemos citar, por exemplo, o artigo “Combate à informalidade” (FSP, 03/03/2015, p. A3), de Guilherme Guimarães, presidente de um dos institutos que patrocinaram o dossiê; o artigo “Risco às exportações do agronegócio” (FSP, 18/03/2015, p. A3), em que Gustavo Diniz Junqueira

<sup>37</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/seminarios-folha-contrabando/>

discute os efeitos do contrabando de remédios veterinários e defensivos agrícolas para o agronegócio; a reportagem “Contrabando gera perda de até R\$100bi por ano, diz estudo” (FSP, 04/03/2015, p. B2), tendo como fonte um pesquisador do IDESF, também patrocinador do dossiê; e a reportagem “Apreensões de crack disparam em conexão paraguaia do PCC” (FSP, 18/03/2015, p. C1), relatando uma operação da Polícia Federal em Foz do Iguaçu, em que associa o contrabando ao crime organizado. Ainda que tratem de aspectos temáticos relacionados, não consideramos tais conteúdos como parte do projeto transmídia por não explorarem o processo de associação dos conteúdos à série.

Identificados os conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*, analisamos as funções que cada um assume, tendo em vista as estratégias de propagação e expansão, detalhando como exercem as tarefas de guiarem ao consumo dos demais conteúdos ou desenvolver alguns de seus aspectos temáticos. Conforme já antecipamos, as estratégias de propagação no dossiê apresentaram estilo de campanha publicitária, utilizando o jornal e as redes sociais para repercussão dos conteúdos para recuperação ou promoção do texto de referência, a reportagem multimídia, ou dos textos associados, especificamente o seminário promovido pelo veículo.

Na estratégia de propagação por *recuperação*, partes de textos associados são reproduzidos em outra mídia ou plataforma visando alcançar outros públicos. Referimo-nos, sobretudo, aos vídeos das palestras e painéis do seminário, todos hospedados no canal TV Folha, da UOL, de forma separada para um acesso facilitado. Esses vídeos integram matérias para o portal da Folha que destacam os principais aspectos discutidos pelos palestrantes ou painelistas, matérias também agregadas em uma página específica denominada SemináriosFolha – *Fórum o Contrabando no Brasil*. Nessa mesma página podem ser encontrados *links* para a reportagem multimídia ou para matérias do caderno especial que são disponibilizadas no site. Além desses conteúdos, poderíamos citar também a reprodução da reportagem sobre o caso do empresário chinês Law Kin Chong, “Réu em caso de contrabando, Law amplia império imobiliário em SP” (FSP, 12/03/2015, p. B14), republicada no dia 14/03/2015 na Folha10, revista para tablets com seleção dos principais textos semanais do veículo.

A recuperação de parte dos conteúdos do texto de referência, bem como de aspectos tratados no seminário, também é a estratégia de propagação mais presente no caderno especial, publicado na edição de 23/03/2015 do jornal Folha de S. Paulo. O caderno não tem a mesma divisão da reportagem multimídia. Traz os principais aspectos ali abordados, como também as informações e pontos de vista tratados por autoridades e especialistas no Fórum sobre a temática. Exemplo disso são as matérias “Empresas pedem que país contenha taxas e vizinhos”

(p. B6), “Repressão deve ser coordenada” e “Governo admite que órgãos de combate precisam ser integrados” (p. B7). Repercute, ainda, aspectos tratados no seminário através da matéria “Governo planeja centro de controle na Tríplice Fronteira” (FSP, 20/03/2015, p. B10), que traz informações fornecidas pelo então Ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, durante o evento.

O destaque, no entanto, das estratégias de propagação exploradas pelos produtores do dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil* são os conteúdos que têm por função a *promoção* do texto de referência e dos textos associados. Sobressaem, em primeiro lugar, os conteúdos publicitários veiculados quase que diariamente no jornal anunciando e convidando os leitores a participarem do seminário. Tratam-se de anúncios de um quarto de página, meia página e até página inteira, dedicados a chamar atenção para a importância de discutir o tema do contrabando, orientar para o consumo dos conteúdos relacionados e explicar sobre a inscrição e participação no seminário. Na parte inferior do anúncio constam os patrocinadores do evento (Figura 20).

Figura 20 – Anúncio de meia página do seminário sobre contrabando



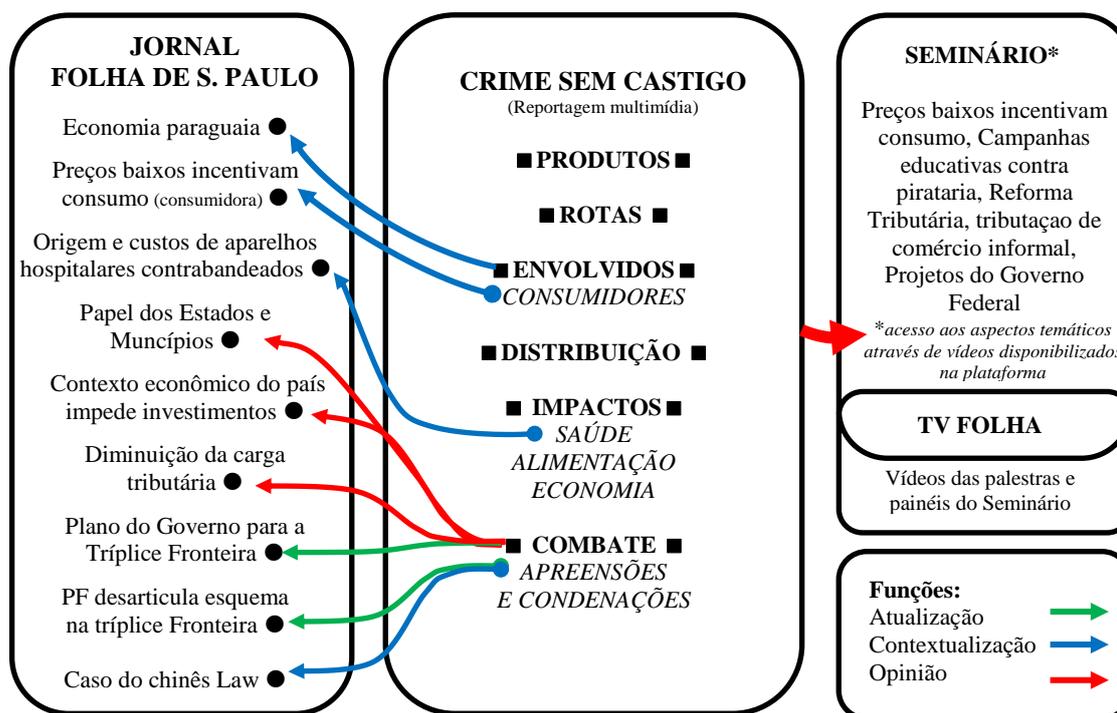
Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 08/03/2015, p. B10.

Somente na edição de 10/03/2015, a matéria “Folha aborda contrabando em reportagem e seminário” (p. B05) explica que o seminário faz parte, assim como a reportagem multimídia que ainda seria lançada, do novo dossiê *Tudo Sobre*, com datas já previstas, inclusive para a edição do caderno especial. No dia 12/03/2015, dia do lançamento da reportagem multimídia, o jornal dedica a foto de capa com a marca do dossiê e legendas laterais informando o endereço

eletrônico da mesma, a realização do seminário e outros conteúdos relacionados ao tema que constavam naquela edição. A partir de então, as matérias ocupam-se em promover o seminário, detalhando toda a programação: “Folha promove seminário sobre contrabando amanhã” (17/03/2015, p. B12), “Folha promove seminário sobre contrabando hoje e amanhã” (18/03/2015, p. B09), e “Serra e Ricupero falam em fórum sobre contrabando” (19/03/2015, p. B07). Por fim, ao lado da foto de capa, a edição de 23/03/2015 faz referência ao especial multimídia e matérias do caderno especial, que integram aquela edição.

As redes sociais Twitter e Facebook também foram utilizadas para promoção dos conteúdos do dossiê, seja o texto de referência ou parte dele, como um capítulo específico da entrevista com o então presidente do Paraguai, e mesmo para divulgação e cobertura do *Fórum o Contrabando no Brasil*. Junto ao pequeno texto, uma imagem ou vídeo tipo teaser, seguido do link para acessar a página ou informações como local e contato telefônico para participar do evento. Apesar do número significativo de comentários, numa breve observação não identificamos qualquer intervenção dos jornalistas no sentido de fomentar o debate ou responder aos questionamentos e opiniões dos usuários das redes. É preciso que se diga ainda que muitos desses comentários fugiam consideravelmente da temática, utilizando-se do espaço para fomentar discussões político partidárias (quase sempre responsabilizando o Partido dos Trabalhadores pelo problema da corrupção), ou mesmo subvertendo a abordagem da Folha de enfrentamento ao contrabando, subsidiada pelas empresas, criticando os jornalistas ou o veículo, inclusive com palavras ofensivas. Na perspectiva dos regimes interacionais, ou seja, dos modos de relação dos consumidores com o universo temático transmídia, esses comentários se enquadrariam como desvio das articulações propostas pelos destinadores-produtores, destacando o caráter imprevisível da enunciação.

Pela comparação dos aspectos temáticos entre o texto de referência e os textos associados, identificamos como função dos conteúdos de expansão a atualização, contextualização e opinião de aspectos temáticos da reportagem multimídia. No quadro a seguir (Figura 21) é possível vislumbrar a ampliação da narrativa jornalística entre as mídias utilizadas para veiculação do dossiê.

Figura 21 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*

Fonte: elaboração do autor.

Os conteúdos da estratégia de expansão de *atualização* dos aspectos temáticos do texto de referência são encontrados na reportagem que é parte do caderno especial “Polícia aposta em asfixia financeira” (FSP, 23/03/2015, p. B3), e no anúncio do então Ministro da Justiça, realizado no segundo dia do seminário, de que o “Governo planeja centro de controle na Tríplice Fronteira” (FSP, 20/03/2015, p. B10). No primeiro caso, a matéria jornalística relata como a Polícia Federal chegou à prisão de quatro suspeitos de chefiar um esquema que envolvia 87 empresas fantasmas que facilitavam o pagamento do contrabando na região de Foz do Iguaçu. No segundo conteúdo de atualização, trata-se de uma informação dada no seminário, posteriormente transformada em notícia para o jornal impresso, trazendo outras informações quanto a agenda de planejamento entre as autoridades dos países envolvidos.

Um conjunto maior de conteúdos enquadra-se nas estratégias de expansão pela *contextualização* de aspectos temáticos já abordados no texto de referência. No jornal impresso podemos citar as matérias que integram o caderno especial (FSP, 23/03/2015), publicação do dossiê de maior destaque daquela mídia: “Para paraguaios, negócio ilícito compensa assimetrias” (B2), aborda como o contrabando integra boa parte da atividade econômica do Paraguai, contextualizando-a histórica e culturalmente, e trazendo a repercussão de paraguaios sobre a reportagem da Folha; “Para cliente, preço ofusca problemas” (B8), destacando o

testemunho de uma consumidora que opta por produtos contrabandeados em virtude do preço, e alertando para a possibilidade de exploração de mão de obra por baixos salários e jornada excessiva na produção desses artefatos; “Quadrilhas visam hospitais” (B8), ampliando dados sobre a pirataria de aparelhos hospitalares, mostrando suas origens e as diferenças de preços com relação aos originais.

Fora do caderno especial encontramos a reportagem “Réu em caso de contrabando, Law amplia império imobiliário em SP” (FSP, 12/03/2015, p. B14), que conta a história do empresário chinês Law King Chong, condenado por suborno, mas que, aproveitando-se das brechas na legislação, passou a investir em imóveis para arrendamento a comerciantes de mercadoria contrabandeada no centro de São Paulo. A reportagem multimídia cita o empresário, mas sem a contextualização que o jornal apresenta. Compõe a matéria também um infográfico, que explica o esquema do shopping 25 de março, de propriedade do empresário sino-brasileiro, e um gráfico que mostra o crescimento de seus negócios.

Com relação ao Seminário, uma linha tênue separa a categorização dos conteúdos proposta neste trabalho a partir de suas funções em relação ao texto de referência, visto que, durante o evento, os convidados tanto trazem informações atuais e inéditas (atualização), ajudam a entender melhor certas questões com as explicações e relatos (contextualização), como exploram a argumentação, ressaltando seus pontos de vista e propondo soluções aos problemas (opinião). Optamos por mantê-lo nesta última categoria por considerar que a maior colaboração que o próprio formato do evento procura trazer é a discussão da problemática, a partir de ângulos de autoridades e profissionais afetados ou envolvidos no combate ao contrabando. É justamente debatendo aspectos temáticos já tratados na reportagem multimídia (o mediador e convidados recorrentemente fazem referência ao especial da Folha), que o *Fórum o Contrabando no Brasil* expande a narrativa jornalística, assumindo uma função característica do jornalismo opinativo: ser um fórum de ideias (MELO e ASSIS, 2016).

O evento promovido reúne especialistas e autoridades envolvidas no assunto para discutir, durante dois dias, “as causas e os efeitos do comércio ilícito na economia do país” (FSP, 17/03/2015, p. B12). A partir das palestras e painéis programados (Figura 22), é possível vislumbrar os principais aspectos temáticos debatidos. A cobertura do Seminário, majoritariamente realizada pela internet, concentra-se em matérias e registros em vídeo no site da Folha, conforme nos referimos anteriormente. A plataforma TV Folha, no portal UOL, é utilizada para armazenar os vídeos das conferências, devidamente editados.

Figura 22 – Divulgação da programação do seminário sobre contrabando

PROGRAMAÇÃO DO “FÓRUM O CONTRABANDO NO BRASIL”	
<b>18 de março - a partir das 9h</b>	
<b>Palestrantes</b>	
O Brasil e o flagelo do contrabando	Marivaldo Pereira (secretário-executivo do Ministério da Justiça)
Carga tributária, burocracia e contrabando	Evandro Guimarães (ETCO); Ives Gandra da Silva Martins (FecomercioSP); Roberto Teixeira da Costa (ex-presidente da CVM)
O Legislativo no combate ao contrabando	Efraim de Araújo Moraes Filho (deputado federal DEM-PB, autor da lei que aumentou a pena para contrabando)
Dimensionamento da estrutura de repressão ao contrabando	Ernani Argolo Checucci Filho (Receita Federal); José Carlos de Araújo (Receita Federal); Edson Vismona (Fórum Nacional de Combate à Pirataria); Braulio Cezar da Silva Galloni (coordenador-geral de Polícia Fazendária)
O que leva o cidadão a comprar contrabando?	Contardo Calligaris (psicanalista e colunista da Folha); Erika Palomino (jornalista, escritora e consultora criativa)
<b>19 de março - a partir das 9h</b>	
Combatendo contrabando com diplomacia	Rubens Ricupero (ex-ministro e ex-embaixador em Washington e Buenos Aires)
Soluções para a Triplíce Fronteira	Candido Figueiredo Ruiz (chefe de Redação do jornal paraguaio “ABC Color”); Rafael Dolzan (Receita Federal em Foz do Iguaçu); Camilo Pereira Carneiro Filho (UFRGS)
Relação entre contrabando e violência urbana	José Mariano Beltrame (secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro)
Indústrias e setores mais afetados	Antonio Britto (Interfarma); Andrea Martini (Souza Cruz); Carlos Tilkian (Estrela); Adilson Carvalho Jr. (A.B.B.A)
Combate ao contrabando	José Serra (senador PSDB-SP)
Lições do enfrentamento ao contrabando e ao descaminho	Everardo Maciel (ex-secretário da Receita Federal)

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 18/03/2015, p. B9.

Destacamos ainda como conteúdos de expansão por opinião no jornal os editoriais “A praga do contrabando” (FSP, 18/03/2015, p. A2), pontuando como a crise econômica do país dificulta investimentos no combate ao contrabando, e “Asfixiar o contrabando” (FSP, 25/03/2015, p. A2), defendendo a redução da carga tributária sobre produtos nacionais, ambos fazendo referência explícita a reportagem multimídia, ao seminário e até ao caderno especial.

#### 4.6 Tudo Sobre o Rio em Transformação

O quinto dossiê da série *Tudo Sobre* foi lançado em 19 de agosto de 2015, e trata das transformações na infraestrutura da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos que aconteceriam um ano depois. *Tudo Sobre o Rio em Transformação* conta com o patrocínio do Banco Bradesco e da agência de viagens CVC, mas, ao contrário do dossiê anterior, não se utiliza de formatos publicitários para distribuir os conteúdos relativos a cidade do Rio de Janeiro e a sua preparação para receber as Olimpíadas 2016. Notamos a mesma lógica de articulação utilizada na série: uma reportagem multimídia, matérias no jornal, utilização da plataforma TV Folha e até mesmo um aplicativo, mas, apesar disso, há uma significativa redução na produção desses conteúdos associados para outras mídias e plataformas, explorar menos a articulação entre textos que poderiam ser aproveitados a partir da vinculação temática.

Concebemos a reportagem multimídia *Rio: maravilha mutante* como texto de referência do especial. Como nos dossiês anteriores, o conteúdo de maior densidade temática é a reportagem hospedada no site do portal da Folha, para a qual os demais conteúdos associados procuram conduzir os destinatários-consumidores. “Produzido por uma equipe de 32 pessoas, ao longo de seis meses, e com a participação de convidados”, o projeto pretende mostrar as obras, promessas de legado e problemas da capital carioca, propondo “um passeio geográfico pelos principais pontos em transformação na cidade [do Rio]” (FSP, 19/08/2015, p. B11).

No índice/menu lateral da reportagem (Figura 23) é possível navegar pelos títulos-lugares que subdividem a reportagem: Barra; Cidade de Deus, Alemão e Maré; Centro; Zona Sul; e Corcovado. Cada um deles apresentam outros subtítulos, precedidos de símbolos que indicam a linguagem utilizada (infográfico, vídeo, fotos e texto), permitindo uma leitura não-linear. A variação dos formatos da reportagem multimídia contempla *quizzes*, uma *playlist* de músicas sobre a cidade do Rio de Janeiro, e um história em quadrinho animada que recupera as origens das favelas cariocas. Nota-se, no entanto, o abandono do formato *longform*, que permitia ao usuário passear pelo conteúdo, deslocando-se por toda a reportagem através da rolagem (*scrolling*). Essa preocupação, assim também como a pouca ênfase em textos escritos, pode ter sido resultado das considerações acerca do dossiê *Crise da Água*, em que a Ombudman Vera Guimarães Martins criticou o excesso de conteúdo e a dificuldade de consumo pelos leitores/internautas (ver p. 100).

Figura 23 – Captura de tela da página inicial da reportagem *Rio: maravilha mutante*



Fonte: <https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/rio-em-transformacao>

A titulação espacial dos capítulos da reportagem *Rio: maravilha mutante* não revela, à primeira vista, os aspectos temáticos abordados. Foi necessário, portanto, após a leitura e visualização de todo o material que compõe a reportagem multimídia, identificar o percurso temático proposto pelos produtores, que se organiza a partir de três grandes linhas: a infraestrutura necessária para realização dos Jogos Olímpicos de 2016, que envolve os locais das competições, os transtornos gerados com as obras e a discussão do legado, isto é, as dívidas e aproveitamentos dessa infraestrutura após a realização do evento; os problemas sociais da cidade e sua relação com as Olimpíadas, destacadamente a exclusão social, que se materializa nas favelas cariocas e todas as questões que envolvem, bem como questões ambientais, como a poluição em locais onde seriam realizadas competições; e, por fim, uma caracterização da cidade do Rio de Janeiro, relatando o processo de escolha para sediar os Jogos Olímpicos, a prática esportiva na cidade, a cultura carioca e seu potencial turístico, além do resgate do seu processo de urbanização. Reagrupamos, então, dessa forma, os diversos aspectos temáticos encontrados ao longo da reportagem, propondo a configuração que representamos a seguir (Figura 24).

Figura 24 – Divisão temática da reportagem multimídia *Rio: maravilha mutante*

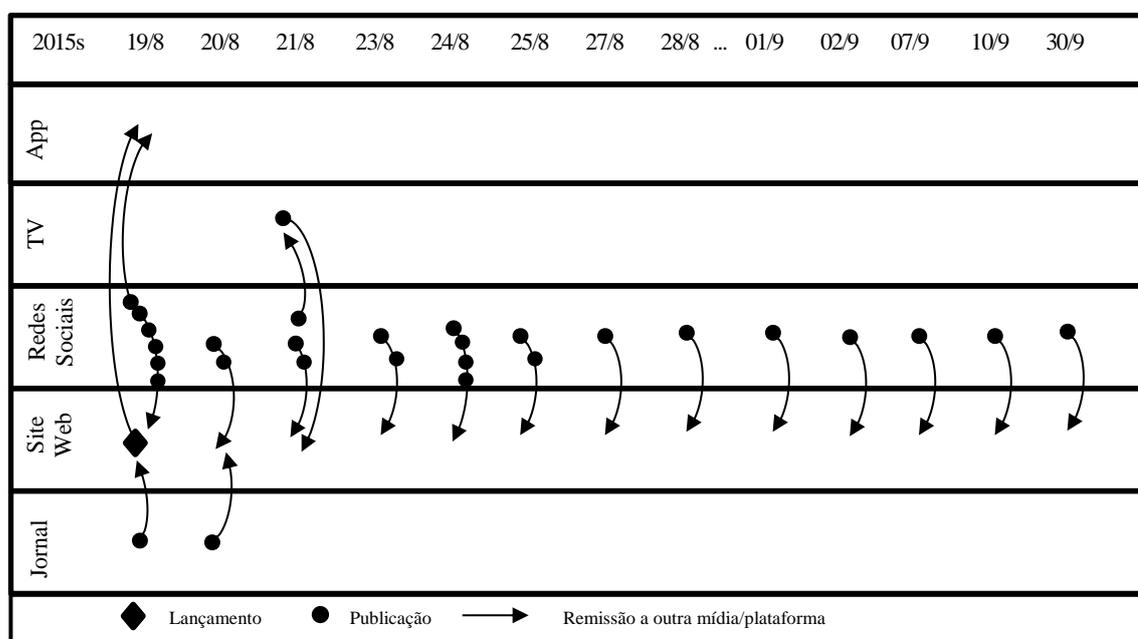


Fonte: elaboração do autor.

Na semana do lançamento da reportagem multimídia, outras mídias e plataformas do Grupo Folha são utilizadas para agendar a temática do dossiê através de conteúdos específicos, promovendo uma articulação entre elas: matérias no jornal, programa de entrevista na plataforma TV Folha e um aplicativo para dispositivos móveis chamado Engenho-2016, tipo

de *newsgame* que antecipa competições no estádio ainda em construção à época. Sobre a articulação entre as mídias e plataformas, destacamos o papel da rede social Facebook, que procurou retroalimentar o consumo do texto de referência por mais de um mês, destacando, a cada publicação, uma das diversas temáticas abordadas nas muitas páginas da reportagem multimídia, por meio de chamadas com texto, fotos ou pequenos vídeo, inclusive com significativo número de comentários. Notamos certa distinção dos dossiês anteriores pela utilização das redes sociais para articulação entre mídias, inclusive para a plataforma TV Folha e para o aplicativo *newsgame*, ao passo que o jornal impresso é bem menos explorado, conforme se pode observar no gráfico a seguir (Figura 25).

Figura 25 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê  
*Tudo Sobre o Rio em Transformação*



Fonte: elaboração do autor.

A articulação entre mídias e plataformas do Grupo Folha para distribuição dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*, primeira condição para se prosseguir na perspectiva de considerá-lo como narrativa transmídia, está visivelmente constatada através do fluxograma das publicações, conforme exposto acima. A remissão à reportagem *Rio: maravilha mutante* tanto do jornal, ainda que de forma mais tímida que nas anteriores, quanto do programa ao vivo transmitido pelo TV Folha e de publicações nas redes sociais para manter o interesse na temática, confirma a mesma prática identificada nos dossiês anteriores, de que a reportagem multimídia assume a função de texto de referência.

Com relação aos dossiês anteriores, notamos, ainda, uma diferença pontual: *Tudo Sobre o Rio em Transformação* não conta com eventos, como seminários ou debates na redação, para discutir o tema. Esse papel é desempenhado pelo Programa TV Folha, veiculado dois dias depois do lançamento da reportagem multimídia. Não temos elementos para explicar a causa de não explorar esse recurso, recorrente até então nas produções da série *Tudo Sobre*, bem como a menor produção de conteúdos, perceptível também no fluxograma anterior. Uma observação mais abrangente sobre as edições do jornal Folha de S. Paulo durante a semana de lançamento do dossiê permite verificar que algumas notícias e reportagens estão associadas à temática do dossiê, mas, não o integraram<sup>38</sup>. Do mesmo modo poderia ser incorporado ao dossiê o projeto Sabatinas Olímpicas, espécie de série de entrevistas mensais com personalidades envolvidas nos Jogos Olímpicos do Rio, que estreou um dia antes do lançamento da reportagem multimídia, e teve como primeiro convidado o então Ministro do Esporte, George Hilton.

Após recolher todos os conteúdos associados ao dossiê, como propõe nosso percurso metodológico, analisamos os aspectos temáticos tratados em cada um deles para distinguir quais poderiam ser considerados conteúdos de propagação e quais se apresentariam como conteúdo de expansão do texto de referência. Acerca das estratégias de propagação, encontramos no dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação* conteúdos de recuperação e promoção dos textos associados ou da reportagem multimídia.

A exploração da estratégia de propagação pela *recuperação* deu-se através da plataforma TV Folha, quando publica em seu canal no YouTube, bem como no próprio site da Folha, os vídeos que integram a reportagem multimídia. Cada vídeo, visto de maneira isolada, pode atrair a atenção do internauta e despertar seu interesse para acessar a reportagem multimídia, cujo link é disponibilizado ao final da descrição do vídeo.

No jornal, um único conteúdo de propagação por *promoção* é publicado no dia do lançamento da reportagem multimídia. Trata-se do destaque superior na página de capa do jornal, anunciando a reportagem *Rio: maravilha mutante*, elencando a diversidade de conteúdos e reportando a uma matéria, também promocional, no caderno de Esportes, que detalha melhor a produção do dossiê: “Especial apresenta o Rio em mutação” (FSP, 19/08/2015, p. B11).

Os demais conteúdos de propagação por promoção são publicados nas redes sociais Twitter e Facebook, com destaque para essa última, que repercutiu partes do texto de referência até dia 30 de setembro daquele ano. O potencial de interação dos usuários dessa rede (curtidas, comentários e compartilhamentos) apresentam índices mais elevados nas chamadas para

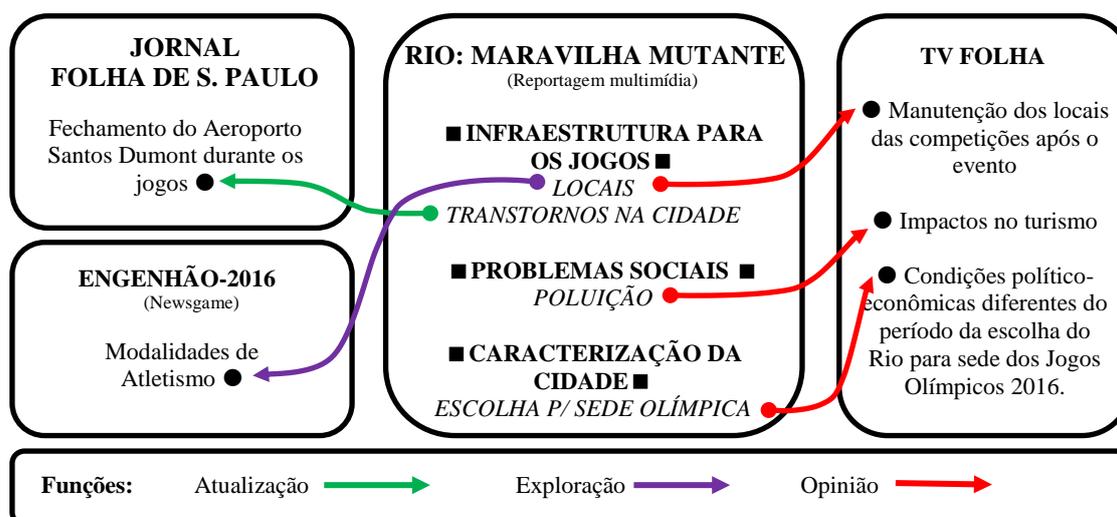
---

<sup>38</sup> Conforme já pontuamos, a não referência ao dossiê ou a reportagem multimídia, seja textual ou graficamente, foi tomado como critério para considerar as produções jornalísticas como parte do projeto transmídia.

conteúdos da reportagem multimídia como a história em quadrinhos sobre a origem das favelas no Rio de Janeiro, as mudanças no transporte da cidade e o vídeo humorístico do colunista Gregório Duvivier, criticando as obras para as Olimpíadas. Boa parte dos comentários não se detém na discussão acerca dos conteúdos, chegando, por vezes, a subvertê-lo. Os usuários da rede abordam questões polarizadas latentes à época, um ano antes da retirada da Presidente Dilma Rousseff do seu cargo, criticam o Partido dos Trabalhadores, acusam a Folha de favorecer um tipo de abordagem e avaliam formatos e expressões utilizadas na reportagem. Alguns comentários desencadeiam discussão entre os próprios usuários, tal como a disputa entre paulistanos e cariocas sobre as vantagens e desvantagens de viver nas duas capitais, mas não há qualquer participação de jornalistas da Folha no sentido de mediar ou provocar o debate, nem mesmo reforçar a participação curtindo algum comentário dos internautas. A Folha optou por não entrar em qualquer discussão. Ressaltamos, por fim, que o programa ao vivo da TV Folha foi divulgado através dessas redes sociais e do portal do veículo horas antes da transmissão, convidando os internautas à participação através das hashtags #tvfolha e #folha.

A comparação dos aspectos temáticos tratados no texto de referência com os demais textos associados presentes no jornal, na plataforma TV Folha e no *newsgame* Engenhão-2016, permitiram encontrar conteúdos de expansão, que desdobram alguns daqueles aspectos. Em relação aos dossiês anteriores, notamos poucos conteúdos explorando a estratégia de expansão, mas ainda assim foram desenvolvidas em outras mídias aspectos como o contexto político-econômico da escolha da cidade do Rio de Janeiro para sede dos Jogos Olímpicos de 2016, as possíveis consequências do evento para o turismo, a manutenção dos espaços construídos após as competições, as mudanças no tráfego aéreo e as modalidades que seriam competidas no estágio Engenhão, conforme pode ser melhor visualizado no quadro a seguir (Figura 26).

Figura 26 – Expansão temática do dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*



Fonte: elaboração do autor.

No dia seguinte ao lançamento do dossiê, o jornal Folha de S. Paulo lança uma matéria tratando do possível fechamento do Aeroporto Santos Dumont nos dias de jogos. A notícia referia-se à informação dada pelo Ministro do Esporte, George Hilton, em entrevista à Folha um dia antes, na primeira das chamadas Sabatinas Olímpicas. Ao final da matéria um pequeno box com o selo da série *Tudo Sobre o Rio em Transformação* convida o leitor a acessar a reportagem multimídia, indicando seu respectivo link. Trata-se, portanto, de um conteúdo de expansão, já que eram informações recentes que não constavam na reportagem multimídia e visavam a *atualização* de aspectos do texto de referência, associando-se ao percurso temático da infraestrutura, ampliando-o.

Conforme já nos referimos anteriormente, uma análise exploratória das edições do jornal Folha de S. Paulo nos dias imediatamente posteriores ao lançamento do dossiê nos fez identificar conteúdos cuja temática se aproximam da utilizada no dossiê e permitiria a expansão por atualização, sobretudo a partir do gancho da contagem regressiva de um ano para as olimpíadas ou as próprias obras para os jogos que demandavam notícias. Citemos, por exemplo, a matéria “Governos omitem R\$ 409 mi em gastos” (FSP, 22/08/2015, p. B11), que revela como arquivadas, compra de móveis e indenizações a moradores não foram incluídos no custo total das Olimpíadas; a notícia “Paes diz que espaço aéreo fechado não será problema na Olimpíada” (FSP, 25/08/2015, p. B11), que prossegue a discussão acerca do fechamento do aeroporto Santos Dumont durante as provas de vela dos Jogos Olímpicos; e até mesmo a crônica “Vento a favor” (FSP, 23/08/2015, p. B3), em que o velejador Robert Scheidt faz memória de suas vitórias olímpicas.

Apenas um dos conteúdos da plataforma TV Folha pode ser considerado parte da estratégia de expansão por *opinião* do dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*: o programa transmitido ao vivo no final da tarde do dia 21 de agosto de 2015, apresentado pela colunista Mariana Lajoro e tendo como convidados o colunista Edgard Alves e o repórter esportivo Paulo Roberto Conde. Esse conteúdo, aos moldes de programa de debate, estimula a discussão de pontos de vistas diferentes acerca de aspectos temáticos tratados na reportagem multimídia, cuja remissão é feita já na sua introdução, estimulando os internautas a visitarem o site, através do monitor no cenário que exhibe a tela inicial da reportagem, e também no final, quando são apresentandos vídeos que constam da mesma. Os convidados do programa debatem basicamente duas questões: as condições para escolha da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos, avaliando se a opção do Comitê Olímpico Internacional seria a mesma se fosse feita naquele ano (2015), diante do contexto político-econômico do país; e a poluição em locais de competição, como a Baía de Guanabara. Na discussão tanto a apresentadora quanto os convidados apresentam novos dados, recordam fatos e expressam sua opinião sobre cada uma destas questões, expandindo esses dois aspectos temáticos já presentes na reportagem multimídia.

O aplicativo para dispositivos móveis, lançado como parte do dossiê, retoma a iniciativa do primeiro especial da série, *Tudo Sobre Belo Monte*, que produziu o aplicativo *Folhacóptero*. De forma semelhante, o aplicativo *Engenhão-2016*, apresentado nas primeiras páginas da reportagem *Rio: maravilha mutante*, procura antecipar os Jogos Olímpicos do Rio, situando seu destinatário-consumidor no estádio olímpico, à época ainda em construção, para competir a maratona dos 100 metros ou conhecer as 12 modalidades de atletismo que seriam realizadas naquele campo (Figura 27). Em ambos os casos o jogador, além de tentar completar a tarefa, recebe informações específicas de cada uma das competições. A sensação de estar competindo naquele estádio olímpico amplia-se consideravelmente pelos efeitos sonoros de torcida, que se manifesta com mais intensidade à medida que o jogador avança na maratona. Esse aspecto temático das competições não é tão bem desenvolvido na reportagem multimídia, que cita de forma rápida os locais de cada uma delas, sem explicá-las. Apesar de não trazer um inventário completo de todas as modalidades, o aplicativo possibilita conhecer as competições de atletismo e faz seu usuário experimentar o papel de competidor por meio de uma estratégia de expansão por *exploração*.

Figura 27 – Captação de tela do aplicativo Engenhão-2016



Fonte: Folha de S. Paulo

Um outro recurso, que os produtores também denominam “game”, integra a reportagem multimídia. Trata-se de um ambiente virtual criado no próprio site da reportagem, onde é possível sobrevoar, de asa delta, a cidade do Rio de Janeiro e identificar os principais locais onde seriam realizadas as competições. No decurso do voo, um audioguia fornece informações sobre as cinco regiões que formam o especial (Barra da Tijuca, Cidade de Deus/Alemao/Maré, Copacabana, Centro e Corcovado), permitindo conhecer melhor as distâncias e o roteiro olímpico dos jogos. O recurso foi desenvolvido pela Folha em parceria com a instituição IPN-Incubadora, com imagens da NASA, agência espacial norte-americana, para apresentar uma vista área da cidade, mas guarda certa semelhança com o aplicativo Google Earth quando utilizado em modo 3D. Não consideramos o recurso propriamente como “game”, pois não apresenta opções de pontuação, tal como no aplicativo *Folhacóptero*, produzido para o dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, e, apesar de se tratar de uma ferramenta inovadora, não foi entendida como um conteúdo específico transmídia, pois integra o texto de referência, a reportagem multimídia, sem propor a passagem para outra plataforma que possibilitasse um acesso autônomo.

#### 4.7 Tudo Sobre Desmatamento Zero

O dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*, lançado um mês após o dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*, mantém semelhanças com o modo de produção e articulação do dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*. Patrocinado por um grupo de fundações norte-americanas

que formam a *Climate and Land Use Alliance (Clue)*, o especial sobre o desmatamento começou a ser divulgado nos primeiros dias de setembro de 2015, através de anúncios que convidavam para um seminário promovido pelo jornal para debater a temática, mas também comunicavam acerca da reportagem multimídia e do caderno especial que seriam lançados. O tema explora as questões ambientais problematizando-as com o desenvolvimento econômico do país, destacando o desmatamento na floresta amazônica e em terras indígenas, relacionando sua relevância com a Conferência da ONU sobre o clima, que aconteceria na cidade de Paris em dezembro daquele mesmo ano.

Sob a coordenação do jornalista Marcelo Leite, já experiente em outras produções da série *Tudo Sobre*, a equipe de reportagem da Folha “vasculhou a Amazônia para mostrar em quatro capítulos, com 65 fotos, 26 infográficos e 8 vídeos, que zerar a devastação pode ser bom negócio para todos”, conforme explica a introdução da reportagem multimídia *Floresta sem fim*, lançada em 16 de setembro de 2015. Segundo relatam os próprios produtores, foram desenvolvidos “quatro temas cruciais para a dinâmica da devastação na Amazônia: pecuária, áreas protegidas, madeira e assentamentos. Cada um dos quatro capítulos foi produzido por equipes de quatro repórteres enviados a oito municípios em três Estados da Amazônia (Pará, Mato grosso e Rondônia)” (FPS, 16/09/2015, p. B9).

Para discutir essas questões são planejados dois dias de debates, 21 e 22 de setembro de 2015, com especialistas e envolvidos na temática, na dinâmica do projeto SemináriosFolha. O *Fórum Desmatamento Zero: o Brasil por um clima melhor* teve cobertura da TV Folha e do portal de notícias do veículo, encarregado de disponibilizar os vídeos e publicar as matérias sobre cada um dos temas tratados pelos convidados. Dois dias depois desse evento, o jornal publica o caderno especial, retomando as discussões da reportagem multimídia e do seminário. O uso das redes sociais para distribuição dos conteúdos é tímido, se comparado com o dossiê anterior, restringindo-se a algumas postagens no Twitter e Facebook.

Ainda que o seminário tenha sido explorado de forma significativa, como no dossiê *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*, sua função não se confunde com a da reportagem multimídia *Floresta sem fim*, entendida por nós como texto de referência. Nos mesmos moldes explorados pelo dossiê sobre o contrabando, o seminário parece se constituir gancho e fonte jornalística para prolongar a discussão do tema, que é tratado de forma mais extensa e relevante na reportagem multimídia. O destaque dado pelos anúncios do jornal ao Seminário e, posteriormente, pelo caderno especial, que repercute as vozes do evento, bem como a própria cobertura do seminário, realizada pelo portal da Folha, direcionam o destinatário-consumidor à reportagem multimídia como conteúdo base para entender a temática. Dessa forma, e

considerando tratar-se a reportagem multimídia *Floresta sem fim* (Figura 28) de formato jornalístico por excelência, seguimos a perspectiva já explicitada anteriormente de considerá-la o texto de referência do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*.

Figura 28 – Captura de tela da página inicial da reportagem *Floresta sem fim*

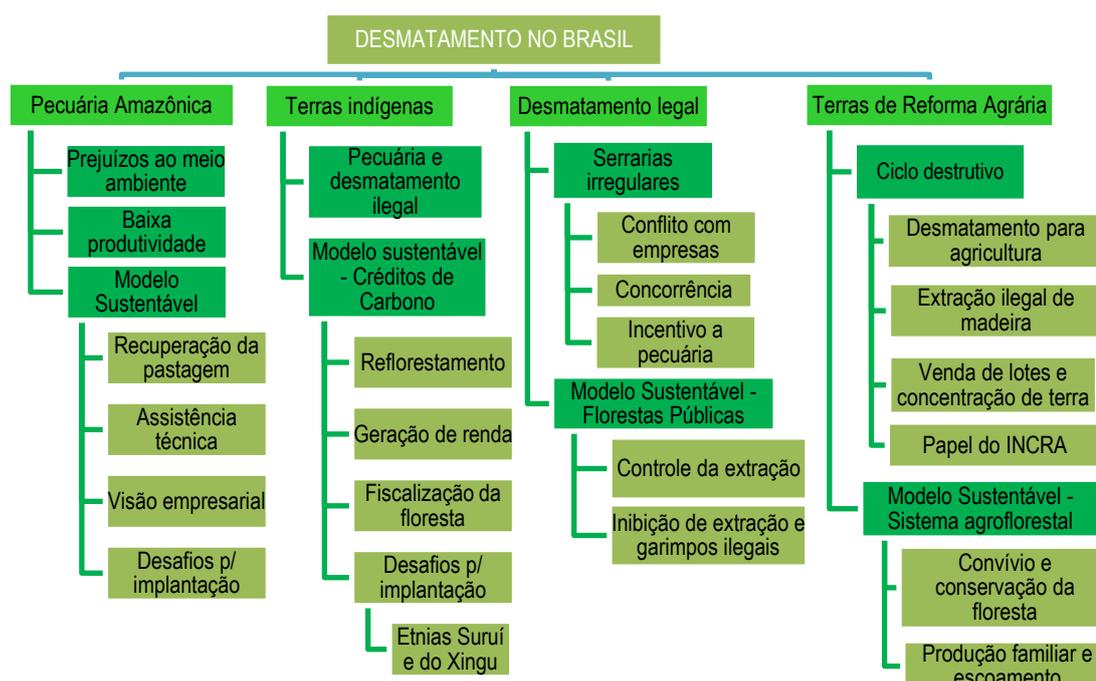


Fonte: <https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero/>

Os percursos temáticos encontrados no texto de referência organizam-se a fim de cumprir seu objetivo, que é mostrar como a floresta pode ser explorada economicamente de maneira sustentável. Num primeiro momento, a reportagem postula que o mau uso dos recursos amazônicos em cada atividade/realidade contribui para o desmatamento, apresentando, em seguida, projetos desenvolvidos que colaboram para o desenvolvimento econômico da região sem prejuízos à floresta. A pecuária amazônica é apresentada como principal responsável pelos prejuízos ao meio ambiente, mesmo que não garanta boa produtividade comercial; o modelo sustentável experimentado em fazendas do Mato Grosso e Pará alia a recuperação de pastos degradados, assistência técnica especializada e uma visão empresarial da atividade, mas ainda gera desconfiança entre fazendeiros que querem explorar sem investir. O desmatamento das terras indígenas, protegidas por lei, conta com permissão das próprias tribos, que alugam a fazendeiros ou permitem exploração ilegal da madeira de serrarias; o modelo sustentável, baseado na venda de créditos de carbono (espécie de remuneração pela conservação da floresta), permite o reflorestamento e monitoramento das áreas florestais e garante a sobrevivência das comunidades da floresta; mesmo assim o modelo não é aceito por todos, porque leva tempo para obter resultados. O desmatamento legal, baseado no modelo de concessão de Florestas Públicas Nacionais (Flona), permite maior controle e manejo da exploração da madeira, de

modo a permitir seu reflorestamento natural, e tem inibido a ação de garimpeiros e madeireiras ilegais na região; apesar da experiência na Flona de Jamari, prevalece na Amazônia a atividade das serrarias irregulares, que se beneficiam da concorrência ilegal e terminam por incentivar a atividade agropecuária nas áreas já exploradas. Os assentamentos de reforma agrária na região amazônica vivem um ciclo destrutivo, pois o desmate para a agricultura sem assistência técnica adequada leva ao esgotamento da terra e não gera produção suficiente para a subsistência das famílias, que acabam por permitir a extração ilegal da madeira ou vendem seus lotes, favorecendo novamente a concentração de terra; o sistema agroflorestal, modelo sustentável desenvolvido nas cidades de Santarém e Altamira, no Pará, privilegia o convívio da atividade econômica com a conservação florestal, incentivando a produção familiar e o seu escoamento através de programas governamentais como o de merenda escolar. Esses percursos podem ser melhor visualizados no quadro a seguir (Figura 29).

Figura 29 – Divisão temática da reportagem multimídia *Floresta sem fim*



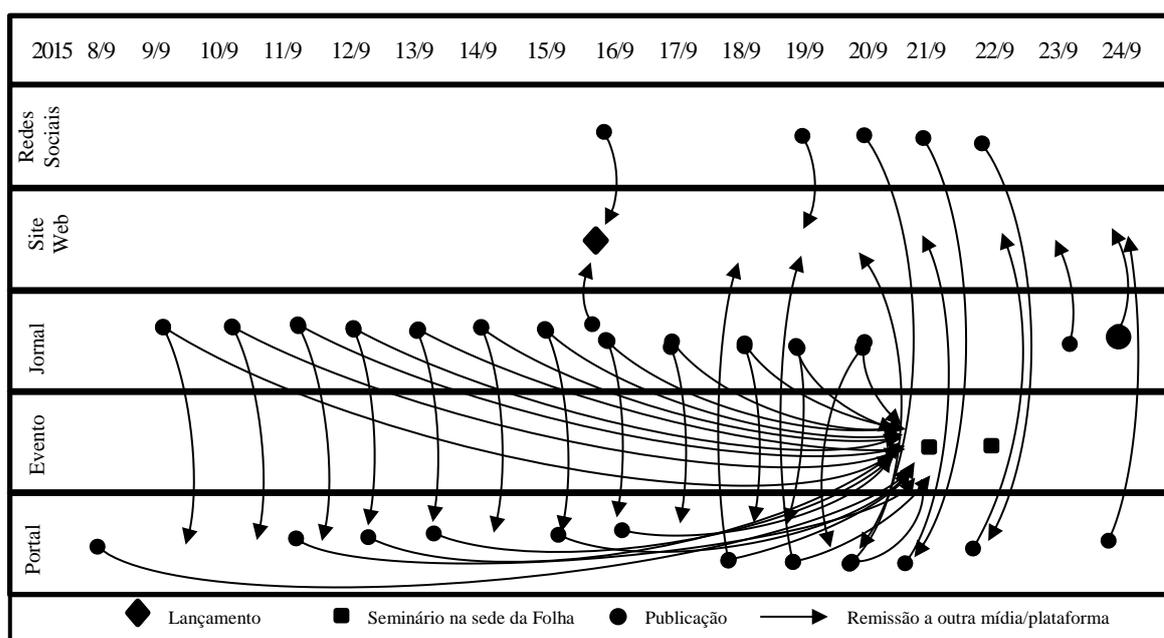
Fonte: elaboração do autor.

Dentre os conteúdos associados do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*, destaca-se o seminário *Fórum Desmatamento Zero: o Brasil por um clima melhor*, divulgado através de anúncios no jornal impresso e matérias veiculadas pelo portal do veículo uma semana antes do lançamento da reportagem multimídia (16/09/2015), até a edição do caderno especial

(24/09/2015). A partir do dia 8 de setembro de 2015 passam a ser disponibilizados no jornal e no portal, as formas de inscrição no evento, horários, local, programação e convidados, bem como a previsão de publicação da reportagem multimídia e do caderno especial como espécie de “fechamento” do dossiê.

Por quase três semanas a temática do desmatamento esteve presente nas mídias do Grupo Folha, articulando diferentes conteúdos a partir das redes sociais (Twitter e Facebook), do site da reportagem multimídia, do jornal Folha de S. Paulo, do Seminário e do Portal da Folha. No fluxograma a seguir (Figura 30), percebe-se esse processo de remissão que se utiliza também de conteúdos publicitários. A novidade, no entanto, é a produção de conteúdos jornalísticos exclusivos referentes ao seminário e à reportagem multimídia, disponibilizados na sessão SemináriosFolha *Fórum Desmatamento Zero*<sup>39</sup>, do Portal da Folha.

Figura 30 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*



Fonte: elaboração do autor.

Os conteúdos veiculados na sessão SemináriosFolha como parte do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero* são produzidos por jornalistas colaboradores, que realizam também a cobertura do evento juntamente com os repórteres do veículo. As matérias que o antecedem apresentam orientações aos leitores sobre o modo de participação; no menu superior da página

<sup>39</sup> É possível que os conteúdos desta sessão tenham sido destaques na página inicial do portal, facilitando o acesso dos usuários da internet às matérias. Não pudemos confirmar essa suposição por não dispormos de instrumento que recuperasse a apresentação destas páginas iniciais dos sites nos dias específicos de sua publicação.

são disponibilizados os convidados e a programação do seminário; após o lançamento da reportagem *Floresta sem fim*, um desses menus direciona o usuário para o conteúdo de referência ou um banner lateral indica de forma mais explícita a possibilidade de acessá-la. Essas matérias não constam no jornal Folha de S. Paulo. Só teve acesso a estas informações o leitor que, a partir do link disponibilizado nos anúncios veiculados no jornal, seguiu o caminho proposto pelos jornalistas, produzindo, assim, uma arquitetura complexa de articulação entre textos que prioriza, sobretudo, as plataformas digitais. Os resultados das discussões do seminário vêm à tona apenas no final, como que sintetizando os aspectos temáticos abordados. Não consideramos a plataforma TV Folha nesse processo de articulação porque os vídeos veiculados no canal do YouTube são os mesmos disponibilizados ao longo da reportagem multimídia e as gravações dos painéis e palestras do seminário são, da mesma forma, parte da cobertura realizada pelo portal, não representando, portanto, um acesso autônomo.

Tal como nos dossiês anteriores, as estratégias de propagação identificadas têm como funções a recuperação e promoção de conteúdos, seja o próprio texto de referência, a reportagem *Floresta sem fim*, sejam textos associados, sobretudo o Seminário. A finalidade dessas estratégias, em ambos os casos, é incentivar os destinatários-consumidores, em cada mídia, a seguirem o caminho proposto pelos produtores, sem desenvolver aspectos temáticos presentes do texto de referência.

A estratégia de propagação que recuperava conteúdos publicados em outra mídia/plataforma é adotada tanto no jornal Folha de S. Paulo, como no portal do veículo. No primeiro caso, destacamos, sobretudo, o caderno especial *Selva sem lei*, de oito páginas, publicado em 24/09/2015, construído com fotos e textos publicados na reportagem multimídia, bem como matérias (ou trechos destas) do portal que cobrem o seminário. Os quatro capítulos da reportagem multimídia são reproduzidos com poucas adaptações ou supressões em vista do espaço, com novos títulos: “Cortando na carne” (p. B15), acerca da pecuária amazônica; “Dinheiro no ar” (p.B16), sobre a venda de crédito de carbono em terras indígenas; “Largados na mata” (p. B17), que trata do desmate nos assentamentos de reforma agrária; e “Madeira da boa” (p. 18), acerca das concessões de áreas em florestas nacionais para desmatamento. Ao fim dos textos são disponibilizados links direcionados aos vídeos-síntese de cada capítulo da reportagem multimídia. Ao lado das matérias constam um Glossário temático, com explicações didáticas de termos utilizados, tais como “sequestro de carbono”, “Redd+”, “manejo sustentável”, além de mapas e boxes que se aproximam de elementos interativos presentes na reportagem multimídia. Para recuperar as contribuições do *Fórum Desmatamento Zero*, além

das matérias já veiculadas no portal são destacadas citações de cada um dos convidados acerca do tema.

Na sessão SemináriosFolha do portal Folha.com (Figura 31), a estratégia de propagação é recuperar os conteúdos abordados no evento, considerando que a maior parte do público não participou do evento. Dessa forma, a cobertura do *Fórum Desmatamento Zero*, ocorrido nos dias 21 e 22/09/2015, pode ser considerada retomada dos aspectos temáticos tratados no mesmo, através das matérias escritas ou dos vídeos dos painéis e palestras disponibilizados ao longo das mesmas, mas, de uma maneira ou de outra, de forma seletiva, sintética e sem a mesma experiência participativa daqueles que assistiram às conferências presencialmente.

Figura 31 – Captura de tela da sessão SeminárioFolha sobre desmatamento



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/forum-desmatamento-zero/>

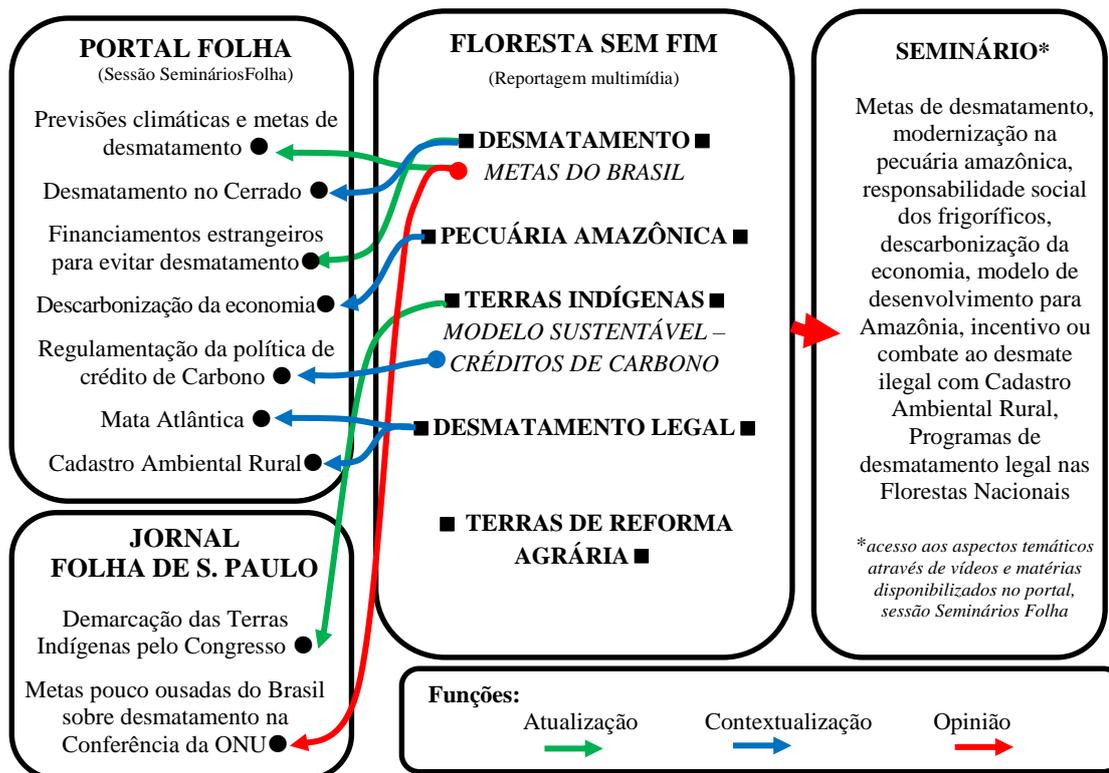
Como também não participamos desse evento, conhecemos acerca dos temas abordados através das reportagens publicadas no portal no dia 21/09/2015 (“Para especialista, redução do desmate é irrelevante contra aquecimento” - 12h02; “Eliminar desmate ilegal só em 2030 é meta ‘fora da realidade’, diz professor” - 12h13; “Brasil não prometerá desmate zero na conferência de Paris, diz diplomata” - 14h04; e “Incentivo à pecuária pode neutralizar desmate e emissões, diz economista” - 16h49) e 22/09/2015 (“Após relatório, frigoríficos rastreiam fornecedores por GPS contra desmate” - 12h01; “Temos muito a aprender com índios sobre

Amazônia, diz ambientalista” - 12h45; “Para consultor ambiental, cadastro rural pode causar mais desmatamento” - 15h26; e ““Concessões florestais precisam decolar no Brasil”, diz especialista” - 16h49). A matéria “Cadastro rural é esperança para regularização fundiária”, publicada no dia 24/09/2015, também pode ser considerada conteúdos de propagação por recuperação, retomando elementos debatidos no seminário, assim como a matéria “MPF mira Incra por desmates em assentamentos na Amazônia” que retoma informações já presentes na reportagem multimídia. Em todo esses casos, a sessão do portal que agregava todas essas matérias possui um menu superior e links laterais para acessar o texto de referência, a reportagem *Floresta sem fim*.

Dentre os conteúdos de propagação para promoção dos conteúdos do dossiê, destacam-se, no jornal, os anúncios de ¼ de página, meia página ou página inteira de divulgação do *Fórum Desmatamento Zero*, publicados diariamente desde o dia 09/09/2015 até a véspera do evento. Nesses anúncios um pequeno texto explica o objetivo e importância de debater a questão, informa os convidados e fornece suas credenciais para discutir a temática. Ainda no jornal, identificamos a capa referente a edição de 16/09/2015, cuja imagem destaca a reportagem multimídia, bem como a matéria “Floresta sem fim”, homônima da reportagem multimídia, relatando os principais conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*.

Na sessão SemináriosFolha do portal do veículo, algumas matérias procuram divulgar o evento: “Fórum Desmatamento Zero terá inscrições gratuitas e vagas limitadas”, “Confira a programação do Fórum Desmatamento Zero” e “Seminário debate desmatamento zero no Brasil”, publicadas em 08/09/2015; e “Conheça os participantes do fórum que discute o desmatamento no Brasil”, publicada em 18/09/2015, que traz as credenciais dos convidados. Nas redes sociais destacamos algumas postagens que direcionam para a reportagem multimídia ou para a sessão SemináriosFolha no portal, para matérias que já citadas sobre o evento.

A partir da comparação dos aspectos temáticos abordados no texto de referência com os textos associados, identificamos conteúdos que adotam a estratégia de expansão, assumindo as funções de atualização, contextualização ou opinião. Esses modos de expansão estão sintetizados no quadro a seguir (Figura 32), que reúne os conteúdos no dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero* que ampliam, desdobram ou aprofundam aspectos temáticos já tratados na reportagem multimídia, configurando-se uma narrativa transmídia jornalística.

Figura 32 – Expansão temática do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*

Fonte: elaboração do autor.

Os conteúdos de expansão com função de atualização de aspectos temáticos do texto de referência, avançam relatando novos acontecimentos relacionados que se desenrolaram ao longo da publicação do dossiê. No jornal Folha de S. Paulo, encontramos a reportagem “Regra sobre área indígena pode afetar clima”(FSP, 16/09/2015, p. B9), publicada no mesmo dia do lançamento da reportagem multimídia, que alerta sobre os trâmites da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 215), aprovada no Senado Federal e aguardando avaliação da Câmara dos Deputados, que pretendia transferir a atribuição de demarcação das terras indígenas do Poder Executivo para o Poder Legislativo. A reportagem conclui que, com a presença da bancada ruralistas no Congresso, a demarcação de terras indígenas poderia ser mais difícil, promovendo mais desmatamento e, conseqüentemente, a poluição do ar.

Na sessão SemináriosFolha, do portal do veículo, duas notícias mantêm relação temporal com seus acontecimentos: o encontro do Instituto Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC), que acontecia no Brasil, no qual os cientistas apresentaram, em entrevista coletiva realizada em 15/09/2015, as estratégias de projeções climáticas para os anos seguintes, descritas na matéria “IPCC aposta em detalhamento regional para combater mudanças no clima” (Folha.com, 16/09/2015); e o anúncio no dia 14/09/2015, pelo governo da

Noruega, da última parcela de financiamento para projetos do Fundo Amazônico, tema da matéria “Fundo Amazônia buscará novos financiadores em Londres”(Folha.com, 19/09/2015), seguida de breve entrevista com autoridades norueguesas responsáveis pela parceria. Essas reportagens desenvolvem aspectos temáticos tratados na introdução da reportagem multimídia, sobre as consequências climáticas do desmatamento para o meio ambiente e o clima do planeta.

A estratégia de expansão por contextualização de aspectos temáticos do texto de referência foi trabalhada na sessão SemináriosFolha do portal. Repórteres colaboradores desenvolvem matérias quase que cotidianamente, aprofundando ou interpretando dados, trazendo novas informações para compreensão de certo aspecto temático: “Com 59% de conclusão, cadastro rural é arma no combate ao desmatamento” (Folha.com, 11/09/2015), sobre o desenvolvimento do cadastro ambiental rural nos assentamentos; “Setor energético deve ser próximo a se descarbonizar, diz pesquisador do Inpe” (Folha.com, 12/09/2015), abordando a necessidade de diminuir índices de carbono dos setores industriais e energéticos, para além do desmatamento; “Recuperação da mata atlântica pode evitar colapso nas cidades, diz SOS” (Folha.com, 13/09/2015), desenvolvendo novo aspecto sobre o desmatamento, que é o reflorestamento das regiões do bioma Mata Atlântica; “Recompensa por desmatamento evitado aguarda regulamentação” (Folha.com, 15/09/2015), detalhando melhor algumas características do sistema de créditos de carbono, o Programa Redd+, as instabilidades e divergências quanto ao sua eficiência; e “Proteção à Amazônia empurra desmatamento para o cerrado” (Folha.com, 18/09/2015), sobre o aumento do desmatamento nas regiões do cerrado e sugerindo sua ligação com a diminuição do desmatamento na Amazônia. Notamos ainda que, em algumas dessas matérias, as fontes utilizadas são alguns dos especialistas convidados para o *Fórum Desmatamento Zero*.

Na estratégia de expansão por opinião de aspectos temáticos do texto de referência destaca-se os conteúdos do *Fórum Desmatamento Zero*. Realizado nos dias 21 e 22/09/2015, o evento reuniu representantes do setor público e privado, além de pesquisadores para debater “a viabilidade e importância de alcançar o desmatamento zero, além de sua relação com a regularização fundiária, com a sustentabilidade e também com o progresso social” (FSP, 09/09/2015, p. A17). A programação do seminário, divulgada no portal do veículo, oferece-nos uma noção dos aspectos temáticos discutidos (Figura 33). O acesso a esses aspectos só nos foi possível a partir das matérias e vídeos disponibilizados na sessão SemináriosFolha, do portal do veículo. Além do seminário, configura-se como conteúdo de expansão por opinião o editorial “Desmatamento zero” (FSP, 23/09/2015, p. A2), que, reunindo alguns dos argumentos discutidos no evento e outros mencionados na reportagem multimídia, reforça a ideia de que o

Brasil deveria apresentar metas mais ousadas na Conferência do Clima da ONU, em Paris, que aconteceria nos meses seguintes, propondo o desmatamento zero das florestas, ainda que o país apresentasse resultados positivos de redução de poluentes nos anos anteriores.

Figura 33 – Detalhe de matéria da sessão SemináriosFolha com a programação do *Fórum Desmatamento Zero*

Confira a programação dos dois dias de seminário:

**FÓRUM DESMATAMENTO ZERO**  
Dia 21 (segunda)

Horário	Tema	Participantes
9h	Abertura	Marcelo Leite (Folha)
9h20	Quando e como o Brasil pode alcançar o desmatamento zero?	Francisco de Oliveira (Ministério do Meio Ambiente); Raoni Raão (UFMG) e Thema Krug (presidente do Ipea)
10h10	O que esperar do Brasil e do mundo na Conferência de Paris?	Eduardo Viola (Unifil)
10h40	Coffee Break	
11h20	Qual a importância do Desmatamento Zero na Conferência de Paris?	Carlos Ritt (Observatório do Clima); Everton Frass Lucero (Ministério das Relações Exteriores) e Roberto Waack (Amata S.A.)
12h10	Que incentivos econômicos fazem para o Desmatamento Zero?	Bernard Appel (Centro de Cidadania Fiscal); Rodrigo Lima (Agricone) e Henrique Lian (WWF)
13h	Encerramento	Marcelo Leite (Folha)

Confira mais informações da Folha

**FÓRUM DESMATAMENTO ZERO**  
Dia 22 (terça)

Horário	Tema	Participantes
9h	Abertura	Amir Suruí (Associação Metarela do Povo indígena Suruí)
9h20	O papel das cadeias produtivas na meta de Desmatamento Zero	André Nassar (Ministério da Agricultura); Laurent Nicol (ICV); Marco Nappo (JBS-Friboi)
10h10	Desmatamento Zero e progresso social	Adriana Ramos (Instituto Socioambiental)
10h40	Coffee Break	
11h20	Por que a regularização fundiária e ambiental são fundamentais para o Desmatamento Zero?	Maria Lucia de Oliveira Faicós (Inocra); Simão Jatene (governador do Pará-PSDB); Valmir Ortega (consultoria Geostus)
12h10	Como o manejo sustentável vai contribuir para o Desmatamento Zero?	Manuel Amaral (PSC); Raimundo Deusdará Filho (SFB); Thales Belo (secretário-adjunto de gestão e regularidade ambiental do Pará)
13h	Encerramento	Marcelo Leite (Folha)

Confira mais informações da Folha

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2015/09/1679134-confira-a-programacao-do-forum-desmatamento-zero.shtml>

Identificamos ainda no dossiê *Tudo Sobre Desmatamento zero*, conteúdos que comentam a própria produção transmídia, ou de um de seus conteúdos. Tratam-se de conteúdos que gravitam em torno do universo discursivo temático desenvolvido e são apropriados pelos produtores, sem que se constitua uma estratégia transmídia. Acerca da reportagem *Floresta sem fim*, identificamos comentários na coluna Painel do Leitor das edições de 26/09/2015 e 06/10/2015 do Jornal Folha de S. Paulo. Com relação ao *Fórum Desmatamento Zero*, uma matéria publicada no último dia do evento na sessão SemináriosFolha, do portal, convidava os

internautas a conferir a reação do público participante, trazendo depoimentos de diferentes setores sociais.

#### 4.8 Tudo Sobre o Mosquito

Mais de um ano após o dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*, a Folha lança, em 7 de dezembro de 2016, o último especial da série, intitulado *Tudo Sobre o Mosquito*. Apesar de ser produzido por Marcelo Leite, jornalista que mais trabalhou no projeto dos dossiês temáticos, *Tudo Sobre o Mosquito* apresenta a menor articulação entre mídias dentre os especiais da série. Foram produzidos conteúdos para o portal do veículo (a reportagem multimídia), para o jornal Folha de S. Paulo (um caderno especial), além de publicações em redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram e Google+) e de vídeos no canal TVFolha, da plataforma YouTube.

Concebido com objetivo de aprofundar questões ligada à epidemia de zika que assolou o país, o último dossiê *Tudo Sobre* procura “contar a trajetória do *Aedes Aegypti*, investigar os mistérios que ainda rondam o vírus da zika, mostrar o impacto dessa e outras arboviroses sobre as vítimas e desvendar os esforços para erradicar o mosquito” (FSP, 07/12/2016, p. EA1). Para isso, envolve sete jornalistas e mais de vinte profissionais do núcleo de imagem do veículo, que produzem um caderno especial para o jornal Folha de S. Paulo e uma reportagem multimídia em formato *longform* (Figura 34), ambos sob o título de *Nova temporada*.

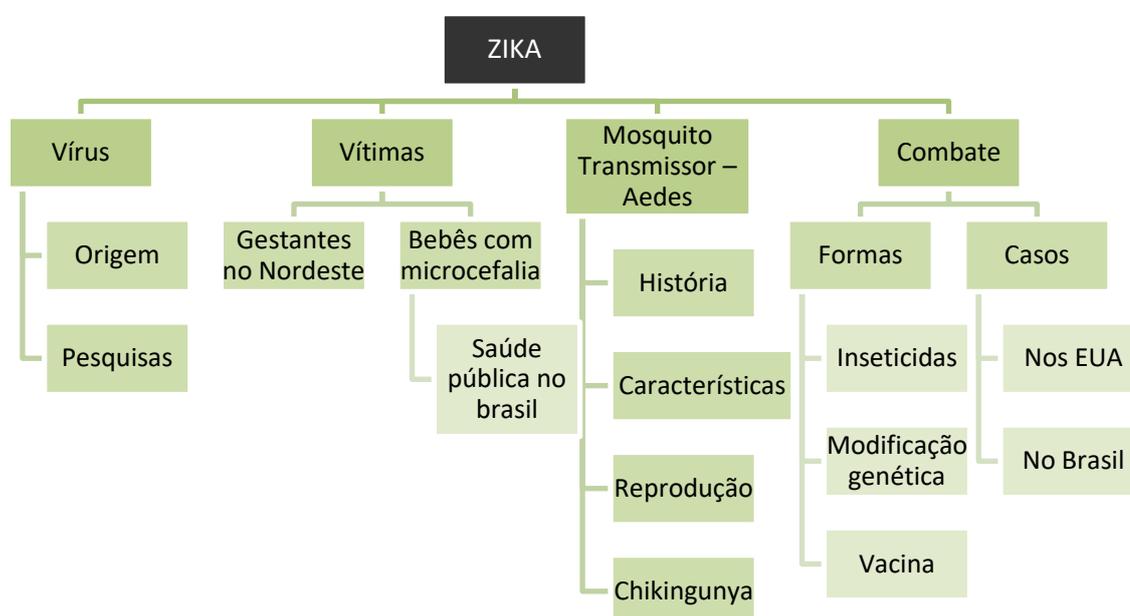
Figura 34 – Captura de tela da página inicial da reportagem *Nova temporada*



Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/o-mosquito>

A reportagem multimídia divide-se em seis capítulos: “O vírus da zika”, “As vítimas”, “O Aedes”, “Os EUA”, “O combate” e “Perguntas e respostas”. Ao longo do texto escrito, fotografias, infográficos e vídeos ilustram, resumem ou reforçam aspectos temáticos. A estrutura apresentada parte da investigação das origens do vírus causador da epidemia, mostra seus efeitos nas vítimas, sobretudo a microcefalia causada nos bebês, investiga o mosquito transmissor da doença, o *Aedes Aegypti*, revelando, por fim, as formas e exemplos do combate. Essa divisão temática agrupada para análise está sintetizada no quadro a seguir (Figura 35).

Figura 35 – Divisão temática da reportagem multimídia *Nova temporada*



Fonte: elaboração do autor.

Considerando que os demais conteúdos do dossiê sempre fazem remissão à reportagem multimídia, disponibilizando o link para acessá-la, entendemos tratar-se do texto de referência do projeto transmídia. Alie-se a isso o fato de que, como veremos adiante, muitos dos conteúdos distribuídos para outras mídias e plataformas são partes dessa mesma reportagem multimídia.

Observando a semana de lançamento do dossiê, notamos também como a repercussão dos conteúdos revela-se aquém das produções anteriores da série. No dia do lançamento da reportagem multimídia (que coincide com a publicação do caderno especial), são publicadas galerias de fotos na rede social Instagram e disponibilizados os vídeos no canal TV Folha, do YouTube. Nos dias subsequentes identificamos algumas publicações nas redes sociais Facebook, Instagram e Twitter. Quase dois meses depois, em 12/02/2017, uma outra publicação na rede social Facebook retoma a divulgação da reportagem multimídia. A razão parece estar



A estratégia de propagação por *recuperação* é percebida na plataforma TV Folha, quando publica em seu canal no YouTube os vídeos-sínteses da reportagem multimídia, possibilitando que os usuários da plataforma fossem levados à reportagem multimídia através do link disponibilizado ao final da descrição dos vídeos. O jornal Folha de S. Paulo também recupera os conteúdos da reportagem multimídia com a publicação, no mesmo dia do lançamento do dossiê, de um caderno especial de seis páginas, cuja divisão segue a mesma lógica da reportagem *Nova temporada*, com partes do texto original, suprimido por questões de espaço. Fotografias e infográficos também são recuperados do texto de referência para o caderno especial, assim como o design utilizado no site.

Pela primeira vez identificamos a utilização da rede social Instagram na série *Tudo Sobre*, publicando, nos dias imediatamente posteriores ao lançamento da reportagem, galerias com o ensaio fotográfico das mães e bebês com microcefalia no Nordeste, bem como pequenos vídeos de até 45 segundos. São imagens já exploradas no texto de referência, reproduzidos em outra plataforma. Apesar do significativo número de visualizações e comentários, os jornalistas do veículo não interagem com os usuários das redes nem mediam as discussões.

A estratégia de propagação para *promoção* dos conteúdos do dossiê foi notada apenas através das publicações nas redes sociais Facebook e Twitter, que anunciavam a reportagem multimídia com breve texto de chamada, fotografia e link.

#### **4.9 Procedimentos de articulação transmídia da série *Tudo Sobre***

Após a análise detalhada de cada um dos dossiês *Tudo Sobre*, que caracterizou seis, dos sete especiais da série, como narrativa transmídia jornalística, impõe-se um outro movimento, de recuar para olhar de forma mais ampla o todo dessas produções, as recorrências de procedimentos utilizados em cada uma das estratégias transmídia e os sentidos que pretendem produzir. Essa síntese mais geral parece-nos tão necessária quanto a minuciosa análise, sob pena de deixar se perder alguns achados e *insights* que apontam algumas ideias chaves do modelo transmídia de produção da Folha, e, portanto, de uma forma exploração da transmidiação no jornalismo.

Não se trata de buscar ou introduzir conceitos ou especulações teóricas. A partir do objetivo de identificar os procedimentos de articulação de conteúdos entre mídias e plataformas nos dossiês *Tudo Sobre*, aprofundando as funções que esses conteúdos exercem no universo temático-narrativo, decorre também a necessidade de compreender a lógica que guia tais fenômenos da comunicação, aquilo que Braga (2007, p. 23) vai chamar da “teoria do objeto”,

uma “teoria da coisa vista, do processo percebido”. Segundo o autor, “o processo de produção teórica é, sobretudo, um esforço de desentranhar da complexidade do mundo real elementos essenciais que nos ajudem a compreender e a descrever essa realidade (BRAGA, 2007).

#### 4.9.1 O texto de referência

As reportagens multimídia produzidas em cada um dos dossiês são caracterizadas como texto de referência por constituírem o conteúdo para o qual os demais conteúdos em outras mídias mais faziam remissão e por apresentar um panorama mais geral da temática (o programa narrativo de base), que possibilitasse o desdobramento de subtemas em outros formatos jornalísticos, linguagens, mídias e plataformas.

Todas as reportagens seguem o mesmo padrão de formato *longform*, exceto a reportagem *Rio: maravilha mutante*, do dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*. Mesmo assim, a organização da reportagem por capítulos se mantém em todos os especiais, ainda que a divisão assumisse formas distintas: por palavras-temas, por ordem sequencial histórica, por associação de lugares a problemáticas específicas, por etapas que apresentassem o fenômeno discutido, e pela lógica de causa-consequência-solução.

Merece destaque a exploração de elementos visuais como galerias de fotos exibidas em tela cheia e vídeos com depoimentos ou animações, bem como recursos interativos como mapas, infográficos e bancos de dados, que dão fôlego ao longo e denso texto escrito, permitindo ao usuário chegar ao final do capítulo. A questão da quantidade de conteúdo e potencial narrativo do texto foi ressaltada pela Ombudsman do veículo Vera Guimarães Martins, comparando as produções *Tudo Sobre* a formatos mais didáticos que jornalísticos. A prática recorrente de, ao final de capítulo, apresentar um vídeo sintetizando os principais pontos e fontes referentes àquele subtema parece ter em mente essa preocupação.

A reportagem mescla outros gêneros jornalísticos como artigos e entrevistas, vídeos documentários, registros documentais em áudio, vídeo e imagem, além de indicar fontes bibliográficas para usuários interessados em aprofundar temáticas específicas. Destoa novamente desse modelo a reportagem *Rio: maravilha mutante*, apresentando menos textos, uma maior variedade de linguagens e formatos como *quizzes*, *playlist* de músicas, história em quadrinho, sobrevoos animados e paródias com o humorística Gregório Duviver.

#### 4.9.2 A mídia que rege as estratégias

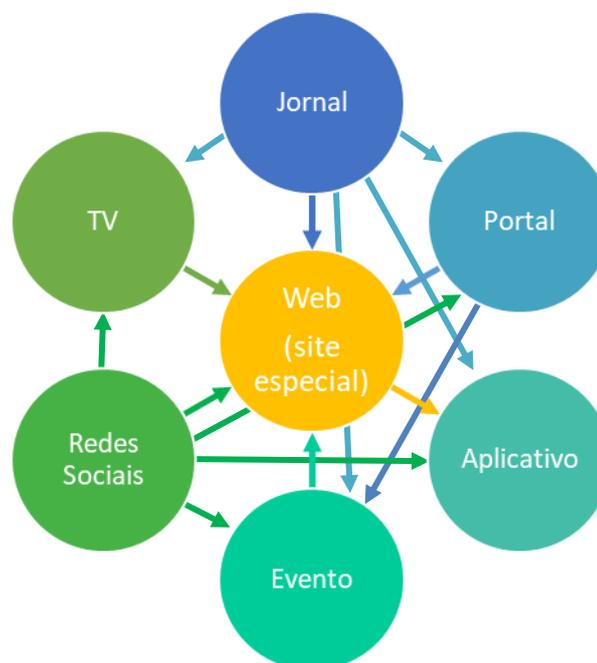
Embora seja recorrente em produções transmídia que a mídia que rege as estratégias abrigue o texto de referência, como constatado por Fachine et al. (2013) na teledramaturgia, o que notamos nos dossiês *Tudo Sobre* é que esses papéis não estão necessariamente atrelados. Ainda que o texto de referência dos dossiês, isto é, as reportagens multimídia estejam na web em site específico hospedado no portal da Folha, cabe sempre ao jornal Folha de S. Paulo o papel de articular os demais conteúdos, promovendo a remissão ao site da reportagem, divulgando os horários de veiculação dos programas na TV, convocando para participação nos debates ou seminários, ou para utilizar os aplicativos produzidos.

À primeira vista parece um processo contraditório o jornal induzir sua audiência a acessar uma outra mídia, sobretudo quando muitos jornais têm reduzido suas tiragens ou mesmo deixado de circular em suporte de papel. Era de se apostar no processo inverso, isto é, que os meios tradicionais utilizassem da web para recuperar a audiência perdida, a exemplo do que procura fazer o Jornal Record News (RÊGO, 2017). Apesar disso, essa tendência aponta para o contexto de transição pelo qual passam os veículos de jornalismo impresso para o digital. Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação – IVC (apud TIRAGEM, 2017), apesar do saldo negativo com a perda de assinantes, os jornais brasileiros apresentaram crescimento nas assinaturas digitais em 2017, mostrando que esse nincho de mercado pode ser uma saída para sobrevivência de seus negócios. No caso da Folha de S. Paulo, desde 2016 o próprio jornal destaca-se como “primeiro jornal brasileiro a ter circulação digital maior que a impressa” (FSP, 25/09/2016, Mercado 6), além de estar vinculado ao UOL, “maior empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet, com mais de 7,4 bilhões de páginas vistas todo mês, segundo a Omniture” (CONHEÇA, 2018).

Em relação a série *Tudo Sobre*, a repercussão da reportagem multimídia mostra-se bem mais vantajosa do que a simples publicação de um caderno especial no jornal impresso, restrito apenas a uma de suas edições. Ressaltamos ainda que o projeto *Tudo Sobre* se inspira em iniciativas do jornal americano *The New York Times*, e pretende mostrar a imagem de veículo inovador, capaz de propor novas formas de fazer jornalismo que valorizem a profundidade investigativa e de produção. As recorrentes matérias no jornal destacando, por exemplo, quantidade de imagens, vídeos, infográficos e outros recursos interativos confirmam essa ideia, bem como expressões utilizadas pela ombudsman do veículo Suzana Singer para se referir ao primeiro dossiê *Tudo Sobre*: “uma boa notícia” e “uma espécie de presente de Natal para os leitores da Folha” (FSP, 29/12/2013, p. A6).

Assim, a função de coordenar a maioria das estratégias transmídia, indicando o caminho para acessar os conteúdos em outras mídias é assumida sobretudo pelo jornal Folha de S. Paulo, configurando-se como mídia que rege as estratégias e a partir da qual os conteúdos se articulam. Mesmo que as redes sociais tenham estabelecido relações entre os diversos conteúdos, fazendo remissão a vários deles, a articulação promovida pelo jornal foi bem mais intensa, sobretudo para os conteúdos de expansão, caracterizadores da narrativa transmídia. Pela posição consolidada entre os veículos do conglomerado, esse papel de mídia central se adequa bem ao jornal, a quem compete, por exemplo, destacar em primeira página as reportagens multimídia, veicular matérias que ressaltam a importância dos temas abordados, promover e repercutir os debates e seminários, e anunciar outros conteúdos associados. Mesmo que não represente um padrão, pois nem todas as mídias e plataformas estão presentes em todos os dossiês, o esquema a seguir (Figura 37) apresenta os modos recorrentes dessa articulação entre os conteúdos da série *Tudo Sobre*.

Figura 37 – Processo de remissão entre mídia/plataformas na série *Tudo Sobre*



Fonte: elaboração do autor.

As formas de remissão encontradas entre os conteúdos dos dossiês *Tudo Sobre* variam na maneira de apresentação, mas têm por princípio estarem expressos e manifestos ao longo ou no final do texto, de maneira a direcionar o destinatário-consumidor para outro conteúdo (de referência ou associado). Seguir o percurso proposto pelo destinador-produtor é pressuposto

importante para a experiência transmídia, por isso a necessidade de deixar clara a ligação entre os conteúdos que compõem o projeto transmídia. Os modos como os produtores procuram explicitar essa relação consistem em fornecer:

- endereço virtual e *hiperlink* do site da reportagem multimídia;
- endereço virtual e *hiperlink* para sessão do portal sobre o seminário;
- endereço virtual e *hiperlink* para fazer download dos *newsgames* nas lojas de aplicativos dos sistemas operacionais Android e iOS;
- data, horário, canais, sintonias e endereço virtual (*streaming*) para assistir ao programa de televisão;
- data, horário, local, contatos telefônico, e-mail e dados necessários para inscrição nos debates e seminários;

Considerando que o modelo transmídia fundamenta-se nas relações entre textos, a manifestação dessas relações se faz tão ou mais necessárias no jornalismo pela natureza do seu próprio discurso, inevitavelmente claro, preciso e direto, sob pena de deixar se perder os sentidos propostos. Assim como é missão do jornalista eliminar qualquer possibilidade de ruído, evitando lacunas informativas que possam comprometer tanto a compreensão quanto a credibilidade da notícia, também compete ao produtor transmídia de jornalismo assinalar as relações entre os conteúdos produzidos, facilitando o seguimento do percurso proposto entre mídias e plataformas.

Ainda assim, um modo mais implícito de remissão também foi identificado nos dossiês *Tudo Sobre*, cuja função é apenas indicar a relação de um conteúdo à série, sem fornecer maiores especificações de acesso. A primeira forma, empregada sobretudo pelo jornal, consiste na utilização do selo produzido para a série como forma de assinalar a ligação do conteúdo ao projeto transmídia. Outra forma encontrada se direciona ao texto de referência e procura mencioná-lo de maneira direta no próprio enunciado, porém sem detalhar o caminho para acessá-lo. Essa prática foi notada em alguns textos do jornal como editoriais e artigos de opinião, como também durante os seminários, cujas gravações tivemos oportunidade de assistir. Esse tipo de referenciação, desenvolvida quase sempre durante o processo de argumentação, parece atender mais à necessidade de reforçar uma ligação, pois supõe que esse elo já foi estabelecido, por exemplo, quando o leitor aceitou o convite veiculado no jornal para participar do seminário.

#### 4.9.3 Os procedimentos adotados segundo as estratégias transmídias

Ao longo de mais de dois anos os jornalistas produtores da série *Tudo Sobre* exploraram diversas estratégias para propagação ou expansão dos conteúdos. A articulação entre os conteúdos produzidos para as diversas mídias e plataformas do Grupo Folha valeu-se tanto de formatos inovadores, potencializados pela interatividade das tecnologias digitais, como também de procedimentos e práticas já presentes na rotina dos profissionais de jornalismo. Operações de adaptação, retomada e síntese dos relatos para prosseguir com novos desdobramentos dos acontecimentos, uso da serialidade para tornar uma questão complexa mais fácil de ser compreendida, apresentando-a de forma mais pedagógica e oportunizar uma maior diversidade de fontes com pontos de vistas distintos são algumas das práticas requeridas pelo jornalismo para tratar de temas de grande impacto social, tais como foram aqueles abordados pela série *Tudo Sobre*. No Quadro 2 (páginas seguintes), apresentamos o conjunto desses procedimentos, categorizados segundo as estratégias transmídia, suas funções e as mídias e/ou plataformas utilizadas.

Quadro 2 – Síntese das estratégias transmídia e procedimentos adotados na série *Tudo Sobre*

Estratégia transmídia	Função	Mídia e/ou plataforma	Procedimentos
Expansão	Atualização	Jornal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- notícias de fatos recentes ou novas informações ligadas à temática, ou casos que ilustram e vieram à tona ao longo da publicação;</li> <li>- matéria de serviço, como roteiro de eventos sobre o tema/data lembrada;</li> <li>- reportagem para caderno especial que, publicada após o lançamento da reportagem multimídia, atualizando aspectos que vieram à tona no período.</li> </ul>
		Portal	- notícias em sessão específica criada para evento que traz matérias exclusivas com dados recentes relacionados ao tema.
	Contextualização	Jornal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reportagens publicadas de maneira seriada ao longo da semana sobre aspectos temáticos relevantes para a compressão do tema geral, ou sobre iniciativas que colaboram para solução da questão;</li> <li>- matérias do caderno especial que apresentam outras fontes envolvidas na temática;</li> <li>- lista cultural (artistas, filmes, canções, livros) relacionados ao tema;</li> <li>- entrevista com especialista.</li> </ul>
		TV	- reportagem especial (estilo documentário) de relato mais humanizado.
		Portal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>past blogging</i> (espécie de cobertura em tempo real de evento do passado);</li> <li>- matérias contínuas aprofundando e interpretando dados ou antecipando aspectos de fontes especialistas convidadas para o evento.</li> </ul>
	Opinião	Jornal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- editorial;</li> <li>- artigo de especialista ou autoridade (que podem ser também convidados do debate);</li> <li>- charge;</li> <li>- coluna;</li> <li>- entrevistas com especialistas, personalidades e testemunhas do período/evento, confrontando análises e pontos de vista distintos;</li> <li>- pesquisas de opinião sobre o tema;</li> </ul>
		Evento	- debate ou seminário de dois dias, mediado por jornalista, reunindo especialistas e autoridades (inclusive fontes) para discutir aspectos temáticos, e para o qual o público é convidado a participar;
		TV	- programa ao vivo de debate com especialista (podendo ser um dos convidados para o debate) e jornalistas produtores do especial e/ou envolvidos na temática, ou somente entre estes últimos;
	Explo- ração	Smart- phone/ Tablet	- aplicativo <i>newsgame</i> explorando a dimensão espacial relacionada à temática.

Estratégia transmídia	Função	Mídia e/ou plataforma	Procedimento
Propagação	Recuperação	Jornal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- caderno especial, adaptando boa parte do conteúdo do texto de referência, sintetizando informações em linha do tempo, colunas de pergunta e respostas, glossário, etc, podendo ser publicado antes, no mesmo dia ou após o lançamento do texto de referência. Quando publicado após o evento (seminário), o caderno repercute as principais vozes dos convidados e direciona o leitor para vídeos-síntese do texto de referência;</li> <li>- reprodução de partes do texto de referência (texto, mapas e infográficos), alterando títulos e/ou design;</li> <li>- reportagens com informações do texto de referência, mas redação diferenciada</li> <li>- notícias repercutindo e recuperando aspectos temáticos debatidos no evento, inclusive quando ele acontece (caso de seminário realizado em 2 dias).</li> </ul>
		TV	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reportagem documental, com elementos visuais do texto de referência, resumindo seus principais tópicos;</li> <li>- reprodução de vídeos do texto de referência durante programa de entrevista transmitido ao vivo;</li> <li>- vídeos do texto de referência ou das palestras e painéis do evento disponibilizados no canal de web TV ou YouTube para acesso de forma autônoma, com link para reportagem na descrição.</li> </ul>
		Smartphone/ Tablet	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reprodução de trechos do texto de referência em revista digital das melhores matérias da semana.</li> </ul>
		Portal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- matérias de cobertura do evento, recuperando, de forma seletiva e sintética, os principais aspectos temáticos abordados;</li> </ul>
		Redes sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- galeria com o ensaio fotográfico e pequenos vídeos de até 45 segundos na rede social Instagram.</li> </ul>
	Promoção	Jornal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- destaque de capa com imagem de destaque, manchetes ou notas;</li> <li>- notícia e <i>boxe</i> vinculado à matéria do jornal que destacam aspectos da produção (formatos e investimentos) ou orientam o acesso e uso de conteúdos em outra mídia ou participação em evento;</li> <li>- anúncios para o evento, publicados de forma contínua, destacando também futuros conteúdos.</li> </ul>
		TV	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>making of</i> com jornalistas sobre o processo de produção (testemunhal)</li> </ul>
		Redes sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- uso das redes sociais Twitter, Facebook e Instagram;</li> <li>- postagens com texto, foto ou vídeo e link para partes ou capítulos do texto de referência ou matérias do portal;</li> <li>- <i>teasers</i> de vídeos;</li> <li>- uso de <i>hashtags</i>.</li> </ul>
		Portal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- matérias divulgando o evento, elencando seus convidados e credenciais.</li> </ul>

Fonte: Elaboração do autor.

Alguns desses procedimentos apresentam nuances que merecem ser destacadas pela recorrência, que apontam para modos e processos validados pelos produtores, mas também porque a descrição objetiva na tabela deixa escapar as complexas articulações que escondem a produção desses conteúdos transmídia. Vejamos:

- O desenvolvimento de uma marca da série se manteve uniforme ao longo de todos os dossiês, permitindo o reconhecimento visual e, após as primeiras produções, criando como que uma “credencial” que antecipava o tipo de produção que viria. Em termos genetteanos, poderia se dizer de uma “arquitextualidade” da série que, desenvolvendo formas de apresentação sintaticamente semelhantes e temas semanticamente complexos, forjou uma identidade próprio acerca do *Tudo Sobre*.

- Os debates e seminários de dois dias promovidos pelo veículo em cinco dos sete dossiês, revelam uma faceta pouco explorada pelos veículos de jornalismo no Brasil, a da análise e confronto de ideias. Trata-se de uma prática cara ao jornalismo e que motivou outros conteúdos, já que alguns dos especialistas ou autoridades também escreveram artigos ou concederam entrevistas para reportagens a fim de explicitar melhor alguns dos aspectos desenvolvidos em sua participação nos eventos. Os debates e seminários também podem ser considerados, nos dossiês *Tudo Sobre*, a forma mais relevante de interação possibilitada aos leitores/usuários com a temática abordada, se comparando às redes sociais, nas quais os comentários não apresentavam qualquer mediação dos produtores, bem como à sessão *Painel do Leitor* do Jornal Folha de S. Paulo, eminentemente seletiva.

- Os cadernos especiais, presentes em seis dentre os sete dossiês, refletem o panorama de transição entre o digital e o analógico e o cenário de convergência das produções transmídia, já que boa parte dos conteúdos para o impresso advinha da reportagem multimídia. O caderno especial procura atender a parcela do público que não possui muitas habilidades com ambientes digitais ou não despreza seu hábito diário de leitura do jornal impresso, ao mesmo tempo que se utiliza dessa audiência para difundir a produção (o processo de remissão do jornal à reportagem multimídia é o mais frequente). Segundo informa o próprio site do Grupo Folha, “Associar a venda de conteúdo com a oferta digital não permite apenas que as empresas expandam sua participação no mercado. Também é uma estratégia para manter a clientela atual” (JORNAL, 2018). A iniciativa de uma “versão em papel” da reportagem multimídia aparece a partir do segundo dossiê da série, *Tudo Sobre a Ditadura Militar*, possivelmente após as considerações da ombudman Suzana Singer acerca do descuido nas produções para o impresso do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* (FSP, 29/12/2013, p. A6). A produção do caderno especial

continua até o último dossiê, explorando imagens, design e articulação com outros conteúdos, como os seminários.

- No jornal alguns conteúdos associados, seja de propagação ou expansão (exceto alguns conteúdos opinativos que possuíam colunas próprias), acomodam-se em um segmento específico do jornal conforme a temática do dossiê. As matérias aparecem nos cadernos Mercado, Poder, Ciência + saúde, Cotidiano e Esportes do jornal Folha de S. Paulo. O único diferencial, como dissemos, é o selo da série ou indicações para acessar o texto de referência ou outros textos associados. Esse enquadramento de conteúdos nas editorias ordinárias dos jornais parece refletir uma otimização dos processos de produção diária para projetos transmídia, sobretudo no que se refere aos conteúdos de expansão por atualização. Nos dossiês analisados percebemos que essa experiência nem sempre é bem-sucedida, sobretudo quando encontramos boa quantidade de conteúdos temáticos relacionados ao assunto tratado, mas que não exploram a associação ao projeto ou a outros conteúdos, a exemplo dos dossiês *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*<sup>40</sup> e *Tudo Sobre o Rio em Transformação*<sup>41</sup>.

- A estratégia de exploração desenvolveu-se através dos dois *newsgames* produzidos, Folhacóptero e Engenhão-2016, respectivamente, para os dossiês *Tudo Sobre Belo Monte e Tudo Sobre o Rio em Transformação*. O recurso, apesar de inovador e direcionar-se a um público mais específico, parece ter sido insipiente para a função que potencialmente poderia aproveitar. Alguns comentários de usuários da rede social Facebook, por exemplo, criticam o tipo de linguagem utilizada no aplicativo na publicação que divulga a ferramenta, chamando-o de “game retrô”. De qualquer forma, a estratégia de expansão por exploração nos dossiês mostra-se favorável, pois cria pontos de acesso para as novas gerações, ainda que não exclusivamente, atraídas por experiências mais interativas e sensoriais que as inovações tecnológicas permitem.

- O emprego dos diversos recursos disponíveis ao Grupo Folha favoreceram novos conteúdos, tal como as pesquisas de opinião realizada pelo Instituto Datafolha, para fomentar a discussão da temática, e o desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis, já que o conglomerado explora tecnologias da informação através dos segmentos da UOL. Não se trata aqui de destacar esses instrumentos em particular, mas a habilidade de explorar as ferramentas e recursos que dispõe o produtor transmídia em favor da produção e distribuição de conteúdos.

- O aproveitamento do valor-notícia da temporalidade como gancho para abordagem de temáticas, prática já recorrente no jornalismo, mas que, por meio do modelo transmídia,

---

<sup>40</sup> Cf. p. 100.

<sup>41</sup> Cf. p. 110.

possibilita uma diversidade maior de desdobramentos temáticos, sejam contextuais, de atualização ou opinativos.

- A sustentabilidade da produção, dificuldade alegada para projetos transmídia de jornalismo, foi mantida em três dos sete dossiês por patrocínio de empresas e entidades interessadas na temática. O agendamento de certas questões pode ser relevante e justificar deslocamento de recursos de diversas outras organizações sociais. Os modelos de parcerias podem apontar alguma pista, desde que se mantenha a independência editorial.

Os procedimentos de articulação de conteúdos identificados nos dossiês *Tudo Sobre* revelam múltiplas possibilidades para produção de narrativas transmídia no jornalismo. A partir das duas grandes estratégias de propagação e expansão é possível exercitar uma infinidade de percursos e relações entre conteúdos de diferentes mídias e plataformas, tendo por base o desenvolvimento dos aspectos temáticos presentes no texto de referência e a retroalimentação dos conteúdos por processos de remissividade. Além das funções jornalísticas de atualização, contextualização, opinião e exploração que foram identificadas, parece possível que outras podem ser experimentadas, a partir de desdobramentos temáticos.

#### *4.9.4 Os modos de participação dos destinatários-consumidores*

Apesar de nossa pesquisa centrar-se nas estratégias e nos processos de produção, a análise dos dossiês deixou entrever as formas de participação dos destinatários-consumidores, elemento a ser considerado em projetos transmídia. Os produtores dos dossiês *Tudo Sobre* exploram a performance da audiência sobretudo através do convite para os conteúdos em outras mídias, fornecendo, como vimos, as informações necessárias para esse modo de atuação.

Uma cooperação mais direta dos destinatários-consumidores sobre os conteúdos para que seu sentido se complete é exigida em alguns recursos das reportagens multimídia como gráficos e mapas interativos, quizzes, jogos, linhas do tempo e banco de dados dinâmicos. Essa interação demanda alguma ação do usuário (um clique ou toque na tela de dispositivos móveis), mas sempre de forma programada, dentro dos percursos propostos pela instância produtora. Os dois *newsgames* produzidos para a série também se enquadram nesse regime de interação.

Os debates e seminários promovidos pela Folha para discutir temas relacionados aos dossiês também se constituem outra forma de participação dos destinatários-consumidores, estimulados a uma atuação manipulada, isto é, restrita às regras e orientações dos produtores. Essa mesma lógica interacional rege os comentários sobre os dossiês que foram publicados na

coluna Painel do Leitor, do jornal Folha de S. Paulo: são conteúdos dos leitores que passaram pelo crivo dos redatores, “autorizando” sua divulgação.

As redes sociais, forma de interação propagada como mais adequada para projetos transmídia (CANAVILHAS, 2013), não foi a mais utilizada pela Folha nos dossiês Tudo Sobre. Tal fato pode encontrar resposta no receio que o veículo apresenta em alguns destes ambientes, vindo, inclusive, a deixar de fazer publicações na rede social Facebook desde fevereiro de 2018, por exemplo. Outra grande preocupação com a interação nas redes sociais é a falta de controle dos comentários, que podem até subverter e desviar o sentido dos enunciados, conforme verificamos em algumas postagens sobre os dossiês no Twitter e Facebook. Nesse regime de interação marcado pela imprevisibilidade, a Folha preferiu não se arriscar a responder nem mediar quaisquer comentários, utilizando as redes sociais apenas para promover a divulgação e o compartilhamento de alguns conteúdos transmídia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação do modelo transmídia por um dos principais jornais brasileiros, conforme constatamos no projeto de produção e articulação de conteúdos da série *Tudo Sobre*, representa uma demonstração de sua aplicabilidade no campo jornalístico. De fato, as tentativas de arranjo de conceitos, princípios e práticas forjadas na indústria do entretenimento, bem como as especulações em torno das possibilidades, enfrentam duas dificuldades muito concretas quando transpostas ao jornalismo: a primeira delas é a pouca recorrência desse tipo de produção e a segunda, decorrente da primeira, a ausência de elementos mais operativos que permitam a caracterização de uma narrativa transmídia jornalística.

O contexto no qual se inscrevem as produções analisadas é de um jornalismo em transição, que necessita se readaptar à migração da audiência e das receitas para redes sociais digitais, que tem sofrido significativas transformações nas rotinas produtivas e que vê surgir iniciativas de grupos independentes dispostos a romper a hegemonia dos meios corporativos. Em suma, exige que seja repensado seu próprio modelo até então vigente. No caso específico do Grupo Folha, essa transição é emblematicamente representada pelos dois maiores empreendimentos do conglomerado: o tradicional jornal Folha de S. Paulo e a empresa de conteúdo e serviços de internet UOL, uma porta aberta para experimentar o modelo transmídia no jornalismo.

Nesse sentido o projeto *Tudo Sobre* apresenta uma considerável contribuição para exploração do modelo transmídia, que nasce do contexto de convergência. O complexo grau de articulação entre mídias, o esforço na produção de variados conteúdos e a inovação de alguns formatos não deixam de considerar a densidade informativa que caracteriza as grandes incursões do veículo. Tanto o termo “dossiê” como o título da série, indicavam a pretensão de abarcar um assunto-problema sobre os mais diversos ângulos e aspectos. Sem entrar no mérito das abordagens, entre erros e acertos a Folha de S. Paulo mostrou como é possível produzir narrativa transmídia utilizando-se de práticas e elementos já presentes em sua própria rotina produtiva jornalística.

Além de caracterizar uma produção jornalística como narrativa transmídia, nossa pesquisa tinha como objetivo identificar os procedimentos de articulação de conteúdos entre mídias e plataformas explorados nos dossiês *Tudo Sobre* em busca de subsidiar a prática profissional e a pesquisa acadêmica. Esse propósito inicial foi cumprido e, tanto o processo de

sua realização quanto seus resultados, apresentam algumas importantes contribuições acerca da transmídiação no jornalismo.

A perspectiva adotada de tratar o texto transmídia como um transtexto (GENETTE, 2010), isto é, um texto que se constitui a partir de relações que estabelece com outros textos, nos levou a perscrutar essas relações possíveis. A partir do referencial teórico recorrentemente utilizado, a proposta de compreensão dos fenômenos transmídia a partir das estratégias de propagação e expansão (FECHINE ET AL., 2013) apresentou significativa vinculação com a perspectiva teórica inicial, permitindo avançar na caracterização dos tipos de relações transmídia possíveis. As relações de intertextualidade e paratextualidade são mobilizadas nas estratégias de propagação, enquanto a relação de hipertextualidade embasa a estratégia de expansão. As relações de metatextualidade e arquitextualidade, mesmo que não se constituam parte das estratégias transmídias trabalhadas, parecem ter origem nelas, pois dependeria fundamentalmente de uma ação proativa do destinatário-consumidor. Assim, consideramos que o comentário (metatextualidade) e o reconhecimento dos gêneros (arquitextualidade) são parte do universo interacional transmídia, ao mesmo tempo que reconhecemos que, em virtude dos objetivos da pesquisa, essas relações não foram aprofundadas de forma mais detalhada, abrindo uma primeira janela para estudos futuros.

Nas estratégias de propagação, as relações de co-presença entre textos e orientação ao consumo de outros textos sustentaram um processo de associação e promoção dos conteúdos transmídia. Ainda que esse processo não expresse as relações mais apuradas do modelo de produção transmídia, são fundamentais para tornar conhecida a produção jornalística nas demais mídias e plataformas. Dessa forma, as práticas de reutilização, adaptação e síntese de conteúdos podem não acrescentar muito, do ponto de vista informacional, mas são extremamente necessários para multiplicar os pontos de acesso tanto ao conteúdo de referência como a outros conteúdos associados de expansão.

As estratégias de expansão se apoiam na relação de derivação entre o texto de referência e os demais textos associados, por um processo de desdobramento. Nessa estratégia a autonomia e a dependência existencial do texto “derivado” o torna um dos mais complexos de serem desenvolvidos, porque precisa ser concebido como uma unidade própria de sentido e, ao mesmo tempo, explicitar uma complementaridade de sentido quando em relação ao texto do qual deriva. A estratégia de expansão amplia o programa narrativo de base ou principal à medida que desenvolve programas secundários ou auxiliares em outras mídias e plataformas, ou seja, conta histórias em formatos e linguagens de uma plataforma ou mídia específica que

subsidiar a compreensão da trama principal, desenvolvida numa mídia regente. Projetos transmídia que assumem esse tipo de configuração são considerados narrativa transmídia.

Nesse ponto é mister recordar que as estratégias transmídia, assim como as relações transtextuais, nem sempre aparecem de maneiras isoladas, caracterizada de forma exclusiva por essa ou aquela perspectiva. A trama de relações existente nos textos é tão complexa que algumas vezes se torna difícil determinar fronteiras e as combinações entre estratégias de propagação e expansão. As categorizações propostas são mais metodológicas e visam auxiliar na compreensão dos principais sentidos acionados pelos conteúdos transmídia.

Optar pelo referencial teórico que tem por base as estratégias transmídia em busca de caracterizar a série *Tudo Sobre* como narrativas transmídia constituiu-se, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade. Desafio porque rompeu com uma prática de análise comumente adotada para compreender produções transmídia em jornalismo que parte tão somente dos princípios descritos por Jenkins (2009b, 2009c) – *Expansão vs. Profundidade, Continuidade vs. Multiplicidade, Imersão vs. Extração, Construção de universos, Serialidade, Subjetividade, Performace* – e reinterpretados por Moloney (2011) para o campo, mas que reduz o olhar do pesquisador para os objetos analisados porque se ocupa em verificar em que medida esses princípios se efetivam ou não. O caminho das estratégias centra-se, como já mencionamos, nas articulações entre os conteúdos, nas relações que eles estabelecem entre si. Aqui reside um segundo desafio (e uma oportunidade): tomando as estratégias de propagação e expansão como possibilidades de se concretizarem nos dossiês *Tudo Sobre*, era preciso ir um pouco além para perceber em que se baseavam as relações entre os conteúdos jornalísticos produzidos para um mesmo dossiê. Considerando que o projeto transmídia se diferencia das produções de entretenimento pela sua natureza textual, que no jornalismo tem como pressuposto o relato do “mundo real” e a difusão de informações de interesse público, e que tratam de situações-problema (a construção da usina que gera impactos ambientais, a ditadura militar e suas consequências para a sociedade brasileira, a crise hídrica no Brasil, o contrabando, a sustentabilidade das obras para os Jogos Olímpicos no Rio, o desmatamento e exploração sustentável das florestas, e a epidemia do vírus da zika no país), o modo de expansão ou desdobramento do texto de referência poderia não se apresentar tal qual nas produções ficcionais.

Aqui destacamos algumas contribuições significativas deste trabalho que decorrem da confirmação da hipótese de que os conteúdos transmídia de expansão, que configuram as chamadas narrativas transmídia, são construídos, nas reportagens especiais que exploram o discurso argumentativo, por meio do desdobramento temático e figurativo. Assim,

diferenciam-se das produções ficcionais, que exploram a expansão desenvolvendo programas narrativos auxiliares ou secundários. Os percursos temáticos, estabelecidos pelos jornalistas-produtores desde a concepção do projeto da reportagem, possibilitam à atividade jornalística um olhar amplo sobre a questão ou fato tratado, organizando seus diversos aspectos em blocos temáticos para uma maior compreensão dos destinatários-consumidores. Nas estratégias de expansão transmídia jornalística são produzidos conteúdos para outras plataformas e mídias que ampliam ou melhor desenvolvem os aspectos temáticos, desencadeiam outros temas relacionados que não caberiam no texto de referência, e ainda exploram a multiplicidade de vozes e pontos de vistas que permite outras abordagens, cercando a situação-problema de tal maneira que o maior número de aspectos sejam tratados. Esse processo se enriquecerá sempre mais à medida que promove a cultura participativa e a discussão entre os destinatários-consumidores e deste com os destinadores-produtores, os jornalistas.

Assim, o desafio de pensar métodos mais sistemáticos que dessem conta de caracterizar as produções de jornalismo transmídia e suas articulações também se revelou oportunidade para exercitar um procedimento de análise já utilizado em reportagens especiais televisivas (FECHINE, 2013-2016) que se baseia nos percursos temáticos. Essa parece ser uma primeira contribuição desta pesquisa, que aponta, fundamentado nos estudos de linguagem e nos percursos temáticos e figurativos dos textos, para a pertinência do método experimentado, validado ao longo da análise dos dossiês *Tudo Sobre*, seja discursivamente ou graficamente. O método poderia ser sumarizado nos seguintes passos: 1) identificar e coletar todos os textos relacionados nas diversas mídias; 2) traçar os percursos e distribuição e remissão entre os textos nas diversas mídias para identificar o texto de referência; 3) realizar análise temática do texto de referência e dos demais textos associados; 4) comparar os aspectos temáticos dos textos associados com o texto de referência para identificar as estratégias de propagação e expansão.

Mesmo conscientes de que os resultados encontrados se limitam a um *corpus* específico, ainda que considerável e robusto do ponto de vista jornalístico, acreditamos que o método utilizado pode subsidiar novas pesquisas acadêmicas no âmbito do jornalismo e transmidiação, pondo-o ao crivo de outras produções que apresentem particulares, ausentes no objeto analisado, em vista da apuração e validação do próprio método. Outro importante reconhecimento é de que os procedimentos utilizados servem a um propósito bem específico que foi o recorte desta pesquisa de análise das estratégias transmídia. Um estudo das condições de produção e das rotinas profissionais de uma redação sobre uso dessas estratégias e dos fatores determinantes para execução do modelo transmídia ampliaria consideravelmente a visão acerca desse fenômeno no jornalismo. Esta é uma etapa a ser desenvolvida em outros estudos.

Outra contribuição relevante, consecutiva do caminho trilhado para análise dos percursos temáticos dos conteúdos, destina-se tanto à prática quanto ao ensino de jornalismo. A escassez de parâmetros mais consolidados para caracterizar produções transmídia jornalísticas, e mais especificamente, narrativas transmídia jornalísticas, também se reflete na ausência de propostas de ensino, dentro e fora da academia, voltadas para esse modelo de produção. Essa também pode ser uma das razões para a tímida e inexpressiva produção de conteúdos transmídia no jornalismo. Veículos e profissionais, envolvidos em rotinas produtivas cada vez mais céleres, tentam ensaiar algumas articulações entre mídias, mas não dispõem de um conhecimento ou reflexão mais sistematizado que apresente as razões, sentidos e vantagens da utilização do modelo de produção transmídia. A complexidade de elementos, por exemplo, que envolve o conceito de narrativa transmídia, tende a afastar jornalistas que precisam de resultados mais imediatos. Nesse contexto, o desdobramento temático como eixo central das estratégias transmídia de expansão representa um modelo transmídia de produção mais exequível, sobretudo porque não se trata de valorizar apenas formatos inovadores (ainda que essa experimentação deva se desenvolver em projetos transmídia), mas, sobretudo, de recuperar práticas e procedimentos das rotinas produtivas das redações, conforme identificados na série *Tudo Sobre*, articulando-os da melhor forma para que possa ampliar a audiência e, paralelamente, tornar mais rica a experiência informativa. Descortinam-se, nessa área, interessantes perspectivas para futuros estudos que investiguem modos de roteirização de narrativas transmídia no jornalismo a partir dos desdobramentos temáticos, considerando, por exemplo, a construção da pauta, o processo de apuração e redação, as diversidades de percursos narrativos das reportagens, as mídias, plataformas e modos de distribuição, bem como práticas interativas que potencializem a dimensão argumentativa do jornalismo. Em suma, o que aqui foi apresentado como um método de análise dos dossiês, pode ser também pensado como um caminho de roteirização de narrativas transmídias, tal como vem sendo postulado e experimentado por Fachine (2013-2016) na produção de série de reportagens especiais como parte do ensino de telejornalismo

Sustenta ainda mais essa proposta o fato de que as relações entre os conteúdos transmídia de expansão através de percursos temáticos orientam-se, nos dossiês *Tudo Sobre*, por algumas das funções jornalísticas - atualização, contextualização, opinião e exploração -, confirmando nossa terceira hipótese de pesquisa. Esse processo, pensado *a priori*, faz com que os conteúdos de expansão assumam papéis específicos que enriquecem a experiência de conhecimento dos destinatários-consumidores.

Assim, é possível projetar um processo de cobertura dos fatos que podem ser desencadeados pelo tratamento da situação-problema na imprensa, atualizando o destinatário-consumidor e reforçando a repercussão junto ao público. Pode-se pensar, inclusive, que o tratamento de um tema numa narrativa transmídia jornalística, faça surgir iniciativas que, com adesão de diversos setores sociais, incidam em processos que provoquem, por exemplo, mudanças na legislação, fomentem novas políticas públicas ou alterem certos comportamentos. Os jornalistas precisam se dar conta que um projeto transmídia não finaliza com a publicação do material e estarem atentos ao poder de agendamento temático de suas produções para administrar, durante o tempo de duração do projeto, os possíveis desdobramentos provocados pelos atores diretamente envolvidos e também pela audiência.

Do mesmo modo, oportunizar que um maior número de vozes representativas socialmente se pronuncie acerca de um tema faz com que a questão seja vista por diversos ângulos. Um planejamento adequado deverá considerar quem são os envolvidos na situação-problema, explicitar seu lugar de fala e suas perspectivas, e possibilitar espaços para que outros pontos de vista sejam conhecidos, discutidos e confrontados. Nesse sentido os procedimentos adotados pelos produtores da série *Tudo Sobre*, procuram fomentar esse “fórum de ideias”, tanto através de veiculação de matérias e artigos, como do próprio debate presencial promovido pelo veículo. Apesar de terem sido subutilizadas nos dossiês analisados, as redes sociais e suas novas ferramentas de transmissão oferecem boas oportunidades para expandir os aspectos temáticos dessa maneira, assumindo o jornalista o papel de mediador desse debate. Incentivar e promover iniciativas como essas seria uma valiosa contribuição do jornalismo à ainda jovem e frágil democracia brasileira.

Uma outra dimensão do jornalismo menos recorrente, mas não menos importante, tem sido melhor desenvolvida mais recentemente através das ferramentas e tecnologias digitais: a exploração dos sentidos. Esse papel vem sendo exercido sobretudo pelas reportagens televisivas quando, por exemplo, o repórter se coloca no lugar das fontes e vive ele mesmo a situação de entrar na fila de empregos, de fazer um voo de asa-delta ou experimentar uma comida exótica para melhor relatar aquela experiência ao telespectador através de recursos discursivos e audiovisuais que produzam os efeitos sensoriais. As novas iniciativas procuram substituir esse papel do jornalista por outros recursos tecnológicos capazes de colocar o destinatário-consumidor o mais próximo dos ambientes e dos eventos que se relacionam com a temática abordada, permitindo uma exploração visual, sonora e sensorial. As potencialidades interativas de *newsgames*, vídeos em 360 graus e realidade virtual aumentada tendem a atrair as gerações

de nativos digitais e podem se constituir porta de entrada para projetos transmídia que alarguem as fronteiras do conhecimento.

Mas talvez estejam nos conteúdos de contextualização de certos aspectos temáticos o modo mais prático de propor estratégias transmídia de expansão no jornalismo. Operações que melhor detalhem um assunto ou situem-no num quadro mais amplo, expondo outras relações que uma abordagem inicial deve, forçosamente, deixar de lado para centrar-se no essencial, já são parte da rotina dos profissionais das redações e permitem a ampliação do conhecimento acerca da temática. Em reportagens especiais os jornalistas costumam apurar uma quantidade superior de material que não são utilizados na publicação final: textos, imagens, vídeos, documentos, gravações, etc. Esse material pode ser reaproveitado e se constituir novos conteúdos em outras mídias, desdobrando o tema central e fornecendo mais elementos para sua compreensão. Uma das críticas feitas ao jornalismo na atualidade é ausência de contextualização das notícias, de modo a relacioná-la com acontecimentos antecedentes ou mais amplos, ou projetar suas consequências num cenário específico. Essa prática, retomada por projetos transmídia de jornalismo, poderá incidir de forma prática na vida dos destinatários-consumidores à medida que fornece elementos necessários às suas decisões diárias.

Todos esses fatores corroboram e confirmam nossa última hipótese de trabalho, de que o uso das estratégias de expansão nos dossiês *Tudo Sobre* proporciona maior aprofundamento das questões tratadas e, pela diversidade de abordagens, gêneros e pontos de vista, melhor qualificam a informação e o próprio jornalismo. A ampliação dos aspectos temáticos da reportagem multimídia através de novas reportagens, entrevistas, documentários, programas de televisão, debates e outras experiências interativas ambiciona que seus destinatários-consumidores tenham todas com o máximo de informações possíveis e possam formar opinião sobre a questão tratada. Critérios de qualidade jornalística como a diversidade temática, de representação social, de opinião e de formatos estão presentes nas produções *Tudo Sobre*, ainda que desenvolvidos de forma experimental.

Essas considerações ajudam também a responder a um questionamento levantado de maneira recorrente tanto por acadêmicos como produtores de jornalismo quanto as motivações e finalidades de se desenvolver projetos transmídia nessa área. Se, como vimos através da série *Tudo Sobre*, narrativas transmídia jornalísticas contribuem para o exercício de um jornalismo mais qualificado, seu primeiro potencial reside no fato de cumprir sua primeira responsabilidade enquanto serviço público. Diferentemente das produções transmídia ficcionais, cujo objetivo principal é a recuperação ou aumento da audiência através da diversidade de formatos de conteúdos, no jornalismo este crescimento será consequência de um

bom exercício dessa atividade, baseado na diversidade de temas, vozes, pontos de vista e representatividade geográfica, que corroboram o pacto de credibilidade com seus destinatários-consumidores.

## REFERÊNCIAS

- A BATALHA de Belo Monte: bastidores. 2013. 1 vídeo (3min). Publicado no canal TVFolha no Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7iBdwU06dl>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALZAMORA, Geane. TÁRCIA, Lorena. Olimpíadas 2012, convergência e transmídia: telas múltiplas na cobertura jornalística da BBC. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 22., 2013, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2013. *Online*. Disponível em: <[http://compos.org.br/data/biblioteca\\_2075.pdf](http://compos.org.br/data/biblioteca_2075.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.
- ANDERSON, C.W. BELL, Emily. SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review**, São Paulo, ano 2, n. 5, p. 30-89, abr./maio/jun. 2013.
- BACCIN, Alciane. A narrativa hipermídia *longform* no jornalismo contemporâneo. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO SBPJOR*, 13., 2015, Campo Grande, MS. **Anais** [...]. Campo Grande, MS: UFMS, 2015. *Online*. Disponível em: <<http://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4763/1105>>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora da Uesp/Huritec, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BOGOST, Ian; FERRARI, Simon; SCHWEIZER, Bobby. **Newsgames: journalism at play**. Cambridge: The Mit Press, 2010.
- BRAGA, José Luiz. Ensino e pesquisa em Comunicação: da teoria versus prática à composição contexto & profissão. **Comunicação & educação**, São Paulo, ano 12, n. 2, p. 21-27, maio/ago. 2007.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016. *Online*. Disponível em: <[http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book\\_PBM\\_2016.pdf](http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2018.
- BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. Nova York: Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João. **O novo ecossistema mediático**. 2010. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. *In*: RENÓ, D. CAMPALANS, C. RUIZ, S. e GOSCIOLA, V. **Periodismo Transmedia: miradas múltiples**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013, p. 53-68.

\_\_\_\_\_. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. *In*: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014, p. 25-52.

\_\_\_\_\_. Novos atores na redação: como muda o jornalismo? *In*: MARTINS, G. L.; REINO, L. S. A.; BUENO, T. **Performace em Ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência**. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2017, p. 23-32.

\_\_\_\_\_. Journalism in the Twenty-First Century: To Be or Not to Be Transmedia? *In* GAMBARATO, R., & ALZAMORA, G. **Exploring Transmedia Journalism in the Digital Age**. Hershey, PA: IGI Global, 2018, p. 1-14.

CARVALHO, Deise Ribeiro. **A utilização de elementos multimídia no jornalismo digital: um raio-x do especial “Crime sem castigo – Tudo Sobre o Contrabando no Brasil” da Folha de São Paulo**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’aquém e d’além mar**. São Paulo: Summus, 2008.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

COLUSSI, Juliana; FIRMINO, Leonardo Magalhães. Do game a galerias dinâmicas da narrativa jornalística hipermídia: análise do especial ‘A batalha de Belo Monte’ da Folha de S.Paulo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, vol. 12, n. 1, p. 186-205, 2016.

CONHEÇA o Grupo Folha. **Grupo Folha. Online**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

COSTA, Marília Hughes Guerreiro. O modo de endereçamento do Globo Repórter. *In*: GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011, p. 151-171.

DANIEL, Priscila Berwaldt. **A distribuição do conteúdo no especial multimídia: desconstrução cartográfica de A batalha de Belo Monte**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação com habilitação em Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2003.

EVANS, Elizabeth. **Transmedia Television: audiences, new media and daily life**. New York/London: Routledge, 2011.

FARRÉ, Marcela. Como avaliar a qualidade da informação televisiva? Parâmetros, experiências e resultados. *In*: BORGES, Gabriela. REIA-BAPTISTA, Vítor. **Discursos e práticas de qualidade na televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p. 341-356.

FECHINE, Yvana. **Disciplina Telecinejornalismo**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2013-2016. Anotações e fichas de Aula.

\_\_\_\_\_. Interações discursivas em manifestações transmídias. *In*: FECHINE, Yvana. et al. (Org). **Semiótica nas práticas sociais: Comunicação, Artes, Educação**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 117-133.

\_\_\_\_\_. Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem. *In*: SANTAELLA, Lúcia. NESTERIUK, Sérgio; MASSAROLO, João. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018, p. 42-65.

FECHINE, Yvana *et al.* Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.

\_\_\_\_\_. Governo da participação: uma discussão sobre processos interacionais em ações transmídias a partir da teledramaturgia da Globo. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Por uma teoria de fãs de ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 321-356.

FERRARI, Poliana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

FINGER, Cristiane. Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2016.

FIORIN, José Luiz. SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

FOLHA. **Novo manual da redação**. São Paulo, 1996. *Online*. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2018.

FRANÇA, Eduardo Melo. **Ruptura ou amadurecimento?** Uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

FREIRE, Flora Leite. **As transformações nas rotinas produtivas das redações**: Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação).

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GRAY, Jonathan. **Show Sold Separately: Promos, Spoilers, and Other Media Paratexts**. New York, NYU Press, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

JENKINS, Henry. **Transmedia Storytelling: Moving characters from books to films to videogames can make them stronger and more compelling**. [S.l.]: Technology Review, 2003. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/biomedicine/13052/>>. Acesso em: 11 de out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009a.

\_\_\_\_\_. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling**. 2009b. *Online*. Disponível em: <[http://henryjenkins.org/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.html](http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html)>. Acesso em: 25 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Revenge of the Origami Unicorn: The Remaining Four Principles of Transmedia Storytelling**. 2009c. *Online*. Disponível em: <[http://henryjenkins.org/2009/12/revenge\\_of\\_the\\_origami\\_unicorn.html](http://henryjenkins.org/2009/12/revenge_of_the_origami_unicorn.html)>. Acesso em: 25 abr. 2018.

JORNAL cresce e se torna grupo de mídia. **Grupo Folha**. *Online*. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/grupo\\_folha.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/grupo_folha.shtml)>. Acesso em: 03 dez. 2018.

KINDER, Marsha. **Playing with Power in Movies, Television, and Video Games: From Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles**. Berkeley: University of California Press, 1991.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: UNICAMP, 1993.

LÍQUIDO e incerto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 set. 2014. *Online*. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set./dez. 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do *longform* no jornalismo online – qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, vol. 11, n. 1, p. 110-127, jun. 2015.

LONGHI, Raquel; FLORES, Ana Marta M. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S. Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. **INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 21-40, jan./fev. 2017.

LOUREIRO, Tamíz Freitas. **Reportagem especial televisiva: produção, roteirização e tratamento**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MACEDO, Marcos Carvalho. **Jornalismo Transmídia no dossiê Tudo Sobre Belo Monte**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Novas mídias como tecnologia e ideia: Dez definições. *In*: LEÃO, Lúcia (org.). **O chip e o caleidoscópio: Reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Senac, 2005, p. 24-50.

MARTINS, Elaide; LONGHI, Raquel. Transmídia, crosmídia e intermídia na grande reportagem multimídia - um estudo de caso das estratégias narrativas na série Tudo Sobre, da Folha de S. Paulo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO SBPJOR, 13, 2015, Campo Grande-MS. **Anais [...]**. Campo Grande-MS: 2015. *Online*. Disponível em: <<http://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4676/1148>>. Acesso em:

MARTINS, Rodrigo; CALADO, Carla Hanelly Bezerra. Twetts, bastidores e privacidade: perfis pessoais e estratégias transmídia do telejornal. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2018. *Online*. Disponível em: <[http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/lista\\_area\\_DT5-CD.html](http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/lista_area_DT5-CD.html)>. Acesso em: 19 out. 2018.

MEDIA Ownership Monitor Brasil. **Mídia**. Brasil, 2017. *Online*. Disponível em: <<https://brazil.momrsf.org/br/midia/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo, Ática, 2011.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. Campos de Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

METATEXTUALIDADE. **E-dicionário de Termos Literários**, 30 dez. 2009. *Online*. Disponível em < <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metatextualidade/>>. Acesso em 06 ago. 2018.

MITTELL, Jason. **Complex TV**. The Poetics of Contemporary Television Storytelling. New York: New York University Press, 2015.

MOLONEY, Kelvin. T. **Porting Transmedia Storytelling to Journalism**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes). Faculty of Social Sciences, University of Denver, 2011.

NARCIZO, Matheus. Empresas apostam em séries de reportagem para atrair o público e aprofundar histórias. **Portal Imprensa**, 22 dez. 2015. *Online*. Disponível em: <[http://portalimprensa.com.br/revista\\_imprensa/conteudoextra/75617/empresas+apostam+em+series+de+reportagem+para+atrair+o+publico+e+aprofundar+historias](http://portalimprensa.com.br/revista_imprensa/conteudoextra/75617/empresas+apostam+em+series+de+reportagem+para+atrair+o+publico+e+aprofundar+historias)>. Acesso em: 17 out. 2018.

NEGROPONTE, Nicholas. **El mundo digital**. Barcelona: Ediciones B, 1995.

PALAMEDI, Fabio Romancini. Usabilidade como instrumento da análise da função comunicação em interfaces digitais. *In*: FERREIRA JUNIOR, José; SANTOS, Márcio Carneiro (org.). **Comunicação, tecnologia e inovação**: estudos interdisciplinares de um campo em expansão. Porto Alegre: Buqui, 2013, p. 9-256.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PIMENTA, Ana Carla de Araújo Fernandes. ‘Sozinhas, histórias de mulheres que sofrem violência no campo’: Reflexões sobre uma Narrativa Transmídia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2018. *Online*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1081-1.pdf>> Acesso em: 21 out. 2018.

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campos/Elsevier, 2002.

RÊGO, Sofia Costa. **Estratégias transmídias e construção do ethos do jornal da Record News**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesus. **Periodismo Transmedia**: nueva edición actualizada. Aveiro: Ria Editorial, 2018.

RENÓ, Denis; RENÓ, Luciana. La narrativa imagética em el periodismo transmedia de formato largo: participación y navegación cognitiva. **Obra Digital**, Barcelona, n. 12, p. 87-99, fev./ago. 2017.

RICHARDS, Denzell. Historicizing transtexts and transmedia. *In*: KURTZ, Benjamin W.L.Derhy; BOURDAA, Mélanie. **The rise of transtexts**: challenges and oportunities. New York, NY: Routledge, 2017.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. *In:* CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014, p. 25-52.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, n. 9, vol. 2, p. 206-216, ago./dez. 2014.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Narrativas transmedia: Cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Duesto, 2013.

\_\_\_\_\_. Dom Quixote of La Mancha: Transmedia Storytelling in the Grey Zone. **International Journal of Communication**, Los Angeles, vol. 8, pp. 2382–2405, 2014.

SODRÉ, Muniz; e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**. Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SQUARISI, Dad. **Manual de Redação e Estilo**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Tradução Fernando Mascarello. Campinas: Papyrus, 2003.

TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. **Poder360**, 31 jan. 2018. *Online*. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>> Acesso em: 28 dez. 2018.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, vol. 2, n. 2, pp. 83-93, 2005.

\_\_\_\_\_. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

VIZEU, Alfredo; FREIRE, Flora Leite. Decidindo o que é notícia: 17 anos depois. **Revista Observatório**, Palmas, vol. 4, n. 4, pp. 284-307, jul./set. 2018.

## APÊNDICE A – SITES CONSULTADOS PARA ANÁLISE DOS DOSSIÊS TUDO SOBRE

<<https://twitter.com/folha>>  
<<http://facebook.com/folhadesp>>  
<<http://instagram.com/folhadespaulo>>  
<<http://youtube.com/folha>>  
<<http://plus.google.com/+folha>>  
<<http://folha.uol.com.br>>  
<<http://folha.uol.com.br/tv>>  
<<http://acervo.folha.uol.com.br>>  
<<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte>>  
<<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>>  
<<http://aovivo.folha.uol.com.br/2014/03/30/3145-aovivo.shtml>>  
<<http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua>>  
<<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo>>  
<<https://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/seminarios-folha-contrabando>>  
<<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/rio-em-transformacao>>  
<<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero>>  
<<https://www1.folha.uol.com.br/especial/2015/forum-desmatamento-zero>>  
<<http://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/o-mosquito>>  
<<http://play.google.com/store/apps/developer?id=Folha+de+S.Paulo>>  
<[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.folha.engenhao&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.folha.engenhao&hl=pt_BR)>